

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO
FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES

GRANDE VITÓRIA:
ALGUMAS PRIORIDADES

(DOCUMENTO BÁSICO PARA DISCUSSÃO
COM A MISSÃO DO BANCO MUNDIAL)

FJSN/JULHO/78



FJ 00086
FM 4098/5207
F98/96
1942/78
Versão 2

Versão 2

APRESENTAÇÃO

O trabalho que segue procura mostrar a realidade sócio-econômica da Aglomeração Urbana da Grande Vitória e da Região Funcional Urbana polarizada por Vitória (segundo os critérios do estudo "Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas" da FIBGE).

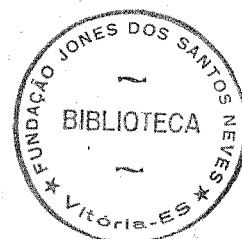
A Aglomeração engloba cinco municípios conurbados, cuja homogeneidade sócio-econômica induz à necessidade de uma ação a nível metropolitano. O chamado distrito sede do roteiro definido pelo Governo Federal e pelo BIRD, é portanto constituído por cinco municipalidades independentes político-administrativamente mas que formam um espaço físico e economicamente contínuo.

Essa homogeneidade físico-social, lado a lado com o dinamismo econômico vivido pela Aglomeração, têm induzido o Governo do Estado a tratá-la como uma área metropolitana, a partir de um processo de planejamento integrado.

Tomando por base a visão geral da Aglomeração, suas perspectivas, seus problemas, é que são feitas propostas de projetos a serem financiados pelo BIRD.

Em resumo, eles englobam os setores de abastecimento, saúde, habitação e lazer, dentro de uma estratégia de desenvolvimento urbano previamente estabelecida.

A visão, portanto, é espacial, sendo o setorial instrumento a ser agilizado no sentido dessa estratégia.



A política de desenvolvimento urbano para a Aglomeração, foi formulada a partir da consideração dos seguintes fatores:

- os aspectos físicos que dão à Aglomeração Urbana características próprias e condicionam seu crescimento a um comprometimento da ocupação com os marcos representados pelo mar, mangues e montanhas;
- a necessidade de não permitir-se que os erros observados no passado se repitam, principalmente quando se prevê que o crescimento futuro terá um dinamismo ainda mais acentuado que o ocorrido nas últimas décadas;
- a existência de monumentos históricos, artísticos e paisagísticos, que devem ser preservados e valorizados, de forma a permitir sua incorporação ao acervo de uso real da Aglomeração Urbana;
- a urgência de uma tomada de posição no que diz respeito à defesa dos recursos hídricos de forma a evitar que os mesmos se deterioremem devido ao uso inadequado;
- o potencial econômico das atividades ligadas ao intercâmbio comercial (porto) e ao turismo, bastante acentuado devido à privilegiada posição geográfica da Aglomeração e sua beleza natural e de áreas vizinhas;
- a importância da Aglomeração como principal centro econômico estadual, além das funções político-administrativas desempenhadas por Vitória, seu embrião e principal centro;
- a localização concentrada nos municípios de Serra e Cariacica da maior parte das atividades industriais, a partir da implantação das plantas da Companhia Siderúrgica de Tubarão, das Usinas de Pelotização da Cia. Vale do Rio Doce e do Centro Industrial de Vitória.
- a imperiosidade de adoção de medidas que visem corrigir as distorções do crescimento da Aglomeração - representadas pelo crescimento em mancha-de-óleo e a conseqüente existência de grandes estoques de lotes vagos em marcante contraste com a contínua ocupação dos morros e mangues, resultando no estrangulamento do principal centro da Aglomeração, sediado na Ilha de Vitória;

- a prioridade de dotar-se a Grande Vitória de infra e super estruturas capazes de suportar seu crescimento acelerado a partir dos complexos motrizes de sua economia;
- a consciência da necessidade de buscar-se, paralelamente ao crescimento econômico, o erguimento de uma cidade humana, onde a qualidade da vida seja um objetivo e não uma resultante marginal e aleatória.



LISTA DE MAPAS

- . ESPÍRITO SANTO NA REGIÃO SUDESTE.
- . ESPÍRITO SANTO: INFORMAÇÕES GERAIS.
- . GRANDE VITÓRIA: ESTRUTURA GERAL DE ASSENTAMENTO/
/GRANDES PROJETOS.
- . GRANDE VITÓRIA: ELEMENTOS NATURAIS/HABITACIONAL.
- . GRANDE VITÓRIA: DENSIDADE OCUPACIONAL.
- . GRANDE VITÓRIA: DIVISÃO EM BAIRROS.
- . GRANDE VITÓRIA: SISTEMA DE TRANSPORTES/INFRA-ESTRUTURA
VIÁRIA.
- . GRANDE VITÓRIA: USO DO SOLO.
- . GRANDE VITÓRIA: EQUIPAMENTOS PÚBLICOS.
- . GRANDE VITÓRIA: SISTEMA ADUTOR.
- . GRANDE VITÓRIA: REDE DE ÁGUA PRINCIPAL.
- . GRANDE VITÓRIA: ÁREA SERVIDA POR ENERGIA ELÉTRICA.
- . GRANDE VITÓRIA: PLANO DE ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO - PEE.

A.

PERFIL DA AGLOMERAÇÃO URBANA

I - CARACTERÍSTICAS GERAIS E SITUAÇÃO

1 - MEIO FÍSICO

- Confrontação: Fundão, Santa Leopoldina, Domingos Martins, Guarapari e Oceano Atlântico
- Área: 1.461km² (3,2% do total do Estado)
- Altimetria e Posição Geográfica (sedes)

MUNICÍPIO	ALTITUDE (m)	COORDENADAS GEOGRÁFICAS	
		LATITUDE (S)	LONGITUDE (W.Gr.)
Cariacica	36	20°16'38''	40°33'40''
Serra	40	20°06'13''	40°19'07''
Viana	15	20°23'14''	40°25'32''
Vila Velha	3	20°19'48''	40°17'40''
Vitória	3	20°18'52''	40°19'05''

- Pontos mais altos: Mestre Alvo (Serra, 1.000m);
Monxuara (Cariacica, 850m);
Pico Frei Leopardi (Vitória, 296m);
Morro da Penha (Vila Velha, 137m).
- Bacias Hidrográficas: Rio Reis Magos, 731km²
Rio Piraque-Açu, 437km²
Rio Jacaraípe, 200km²
Rio Santa Maria, 1.548km²
Rio Jucu, 1.942km²
- Temperatura média anual (1931/1960): 23,5°C
- Humidade relativa (média anual): 79,8%

- Nebulosidade 0-10 (média anual): 6.0
- Chuva (mm) - média anual (1931/1960): 1.280

2 - ACESSIBILIDADE

a - PORTO

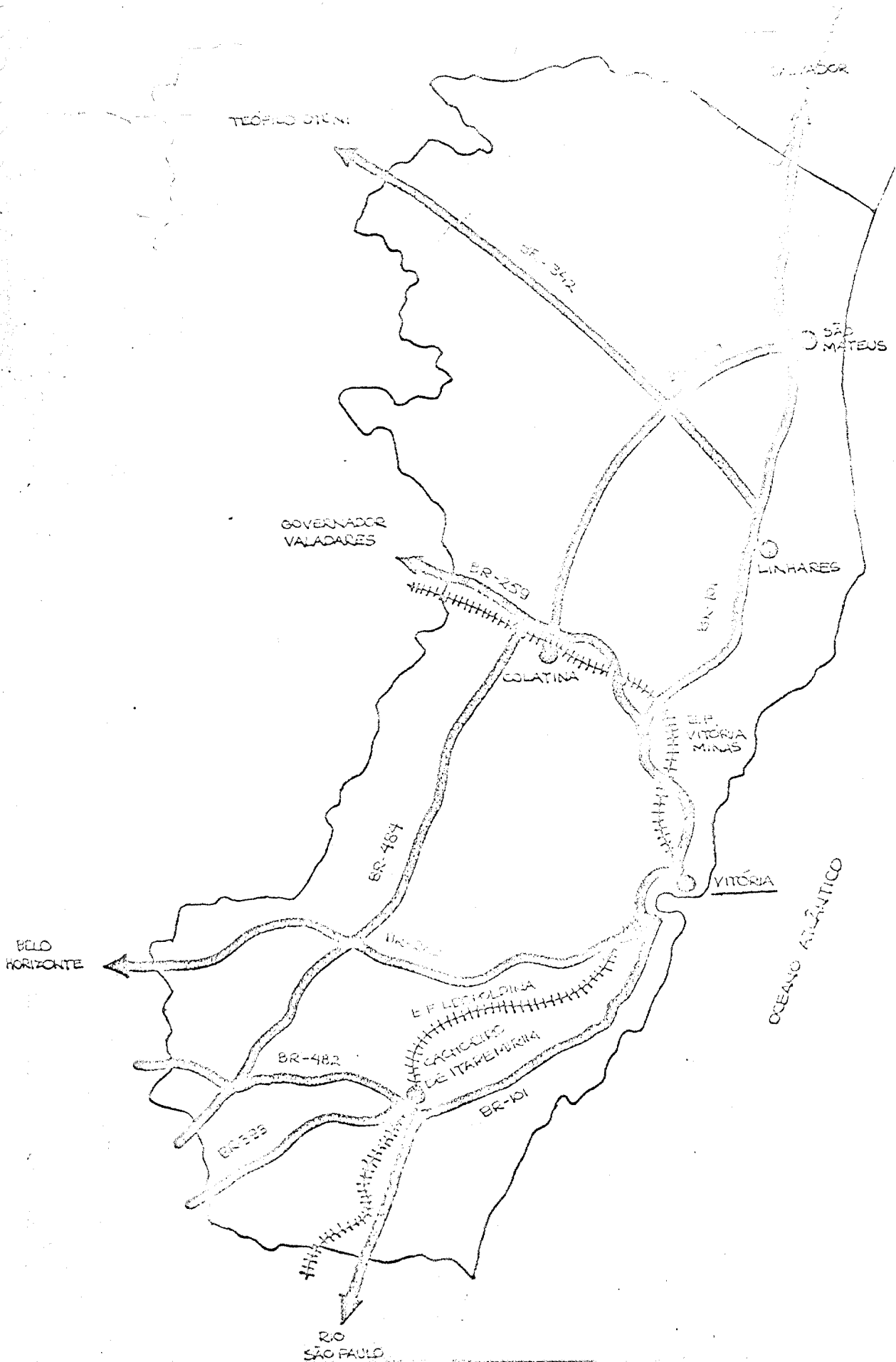
CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PORTOS DE VITÓRIA E TUBARÃO

	EXTENSÃO (m)	PROFUNDIDADE (m)	CAPACIDADE DE OPERAÇÃO (t/h)
PORTO DE VITÓRIA			
- Cais Comercial	890	6-11	-
- Cais Eumenes Guimarães	110	10,7	-
- Cais de Paul			
. Instalações para carga de Minério de Ferro	160	11,0	950
. Instalações para descarga de Carvão e Lingote	260	11,0	450
. Terminal de Alcool	-	9,0	300
. Terminal Petrolífero (Esso, Shell/Atlantic)	-	10,9	-
PORTO DE TUBARÃO			
- Pier nº 1	690	18	14.000
- Pier nº 2	350	21	16.000
- Terminal Petrolífero (Petrobras)	-	16,0	-

Fonte: NRI DO BRASIL, COMÉRCIO E PLANEJAMENTO. Preliminary Study for development of the integrated transportation system of Minas Gerais, Goiás and Espírito Santo States; september, 1977.

b - RODOFERROVIAS (ver mapa a seguir)

RODOFERRO



c - AEROPORTOS: Eurico Salles (no município de Vitória), com uma pista de concreto com 1.700x45 metros e uma pista auxiliar, com 1.500x45 metros, capacitado a receber aparelhos de até 54 toneladas. Recebe vôos diários do Rio, Salvador e Belo Horizonte.

AEROCLUBE (em Vila Velha) - opera apenas com aviões de pequeno porte.

3 - ORIGEM E EVOLUÇÃO

A Aglomeração sempre teve sua dinâmica ligada ao movimento portuário. Durante a colonização sobreviveu sem grandes incrementos infra-estruturais por não conseguir participar dos ciclos de exportação da cana-de-açúcar e do ouro. Com o ciclo do café, a província tem seu primeiro impulso, criando uma rede de caminhos e, o que é mais importante, produzindo transformações radicais nas técnicas de transporte. Nesse período, Vitória perde a primazia para Cachoeiro de Itapemirim que constituiu-se em ponto de confluência de toda a produção cafeeira dos vales Itabapoana, Itapemirim e Alto Jucu. Vitória polarizava, então, apenas a área colonial do Vale de Santa Maria, cujos produtos, principalmente café e madeira, eram embarcados no Cais de Argolas. A implantação das ferrovias Leopoldina e Vitória-Minas veio a acelerar o movimento de cargas: exportação de matérias primas e importação dos manufaturados para as populações coloniais.

Graças aos novos recursos da economia cafeeira, são construídos, em 1908, os primeiros metros de cais na Ilha de Vitória, e, em 1927, a ponte Florentino Avidos, ligando Vitória ao Continente. O primeiro incorpora à Vitória, nova linha polarizadora, a partir das vantagens oferecidas por seu porto natural; a segunda, coloca a velha capital em contato com a área cafeeira. Esta Ponte "*é o elo fundamental que iria constituir os alicerces do que hoje se pode chamar de Grande Vitória*".¹

¹Escritório Técnico, J.C. de Figueiredo Ferraz. *Vitória - Terceira Ponte*. Relatório Fase A, 1976, p.6.

Daí em diante, é patente a relação entre o desenvolvimento da movimentação de cargas no Porto de Vitória e o crescimento e desenvolvimento urbano.

Nas décadas seguintes vários fatores marcaram profundamente o desenvolvimento da região que fizeram com que Vitória desempenhasse um papel de importância cada vez maior em relação a sua área de influência. Dentre estes, destacam-se:

- A escolha de seu porto para terminal oceânico da Estrada de Ferro Vitória-Minas, pela Companhia Vale do Rio Doce, o que vem consolidar todo o complexo de prestação de serviços de diversas naturezas, beneficiando, também, a atividade tradicional de comércio de produtos primários do Estado com o exterior;
- O desenvolvimento gradativo da rede de comunicações terrestres com o interior e com os estados vizinhos, que vem colocar Vitória em condições privilegiadas em relação aos outros centros do Estado.

O crescimento posterior do setor de exportação de minérios levou ao desmembramento do porto e construção de um terminal - o Porto de Tubarão - exclusivo para a sua exportação, destinando-se a baía ao terminal do "Corredor de Exportação" de produtos agrícolas.

O porto atingido pelo setor de exportação de minérios, aliado à política nacional de desenvolvimento urbano que preconiza o fortalecimento dos centros médios brasileiros em detrimento das metrópoles nacionais, colocaram Vitória em situação privilegiada para a localização de uma das unidades de expansão da siderúrgica nacional - a Companhia Siderúrgica de Tubarão - cujo funcionamento está previsto para os próximos anos, dando assim um grande impulso ao até recentemente incipiente setor industrial capixaba.

Paralelamente ao desenvolvimento do setor portuário, outro centro de convergência se consolida na área de estudo: o setor Governo. Origem de atividades de certo dinamismo, a presença do comando político-adminis -

trativo tende a concentrar no seu bojo as atividades dos serviços públicos e correlatos, multiplicando os recursos hospitalares, educacionais e intermediários financeiros.

Ainda no que se refere à presença de serviços, e também como consequência da melhoria das comunicações, intensifica-se nos últimos anos a atração sazonal de turistas que buscam o privilegiado litoral capixaba.

Ao que tudo indica, Vitória manterá sua principal função de terminal exportador de matérias primas, dentro de uma conceituação mais dinâmica e em escala muito maior da que se verificou até agora, tendo em vista os grandes investimentos previstos para a área.

4 - ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO

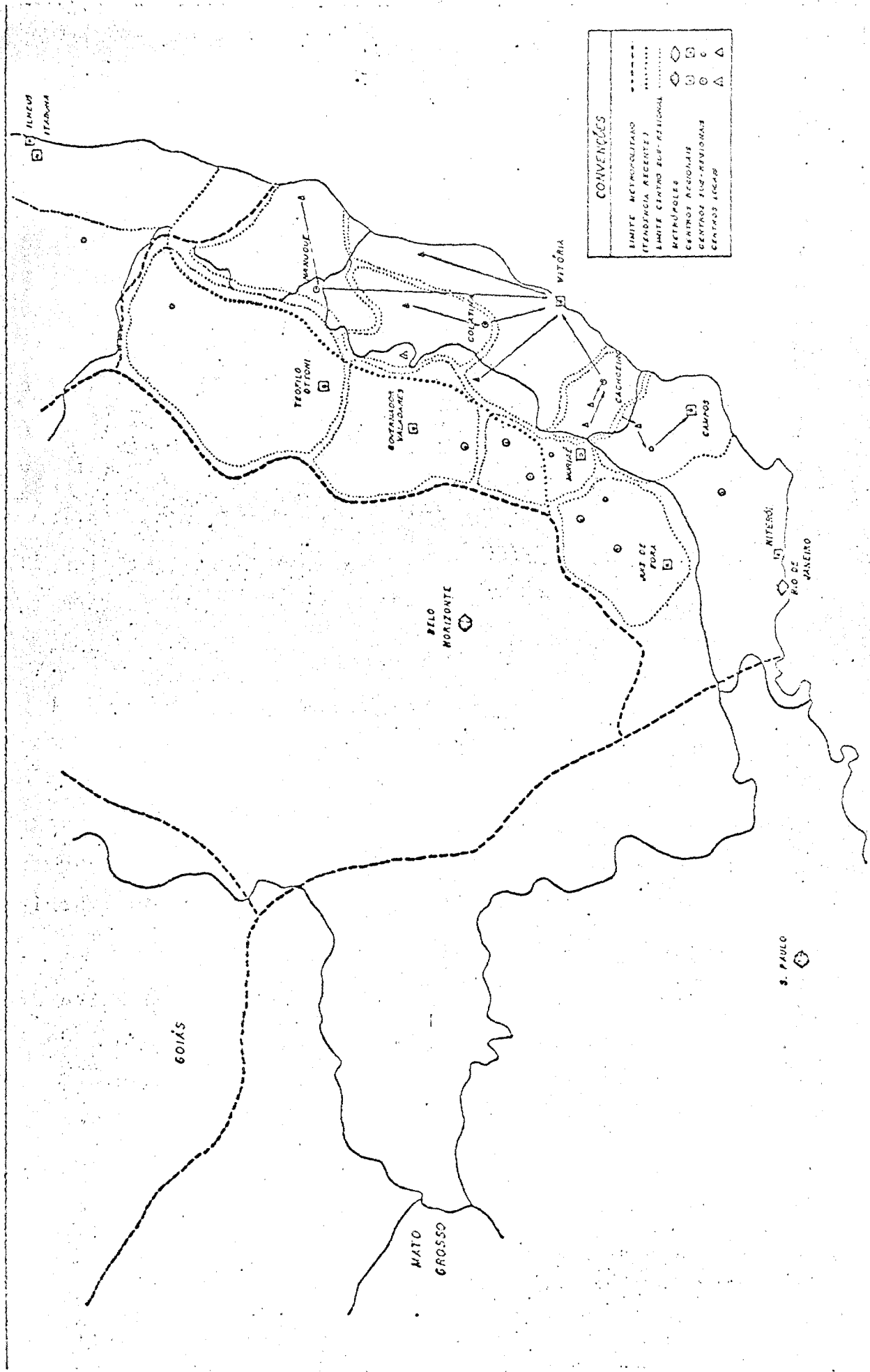
a - OBJETIVOS DA ESTRUTURA URBANA FUTURA PARA A AGLOMERAÇÃO DE VITÓRIA

A organização territorial preconizada, baseia-se nas proposições contidas nos PDI² e no PEE³ da Grande Vitória, constituindo-se:

- No controle da expansão da conurbação atual, delimitando-se a Aglomeração Urbana, onde se procederá à reorganização espacial e de atividades, a fim de maximizar a utilização da infra-estrutura existente e racionalizar a aplicação de novos investimentos;
- Na definição de unidades urbanas periféricas, onde se concentrarão as atividades urbanas autônomas, destinadas ao atendimento de amplas áreas do entorno da Aglomeração e conter o afluxo às áreas centrais;
- Na vitalização das atividades rurais nas áreas aproveitáveis, mediante programas e incentivo, a atividade agropastoril, na preservação de áreas de interesse histórico, paisagístico e ecológico, resguardando-as contra a tendência de expansão da mancha urbana.

²M.Roberto Arquitetos/Planorte. *Plano de Desenvolvimento Integrado da Microrregião de Vitória*, Rio de Janeiro, 1973.

³GPUR/SEPLAN-ES. *Grande Vitória: Uma Proposta de Ordenamento da Aglomeração Urbana*, Vitória, 1976.



CONVENÇÕES

-----	LIMITE METROPOLITANO (TENDÊNCIA RECENTE)
-----	LIMITE CENTRO SUL-REGIONAL
○	METRÓPOLES
○	CENTROS REGIONAIS
○	CENTROS SUL-REGIONAIS
△	CENTROS LIGADOS

Fonte: IPEA - Planejamento Regional - Metodologia nº 8 - 1971
 CEBELAP - Fatores de Desenvolvimento em Minas Gerais - Metodologia nº 4 - 1971
 IBGE - Serviços e Regionalização 1978
 IDGE - Dinâmica do Brasil em Regiões Particulares - Brasília

POSICÃO DA CÂMARA VISUAL NA POLARIZAÇÃO REGIONAL
 GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
 BANCOS - Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo
 Nº 2/71

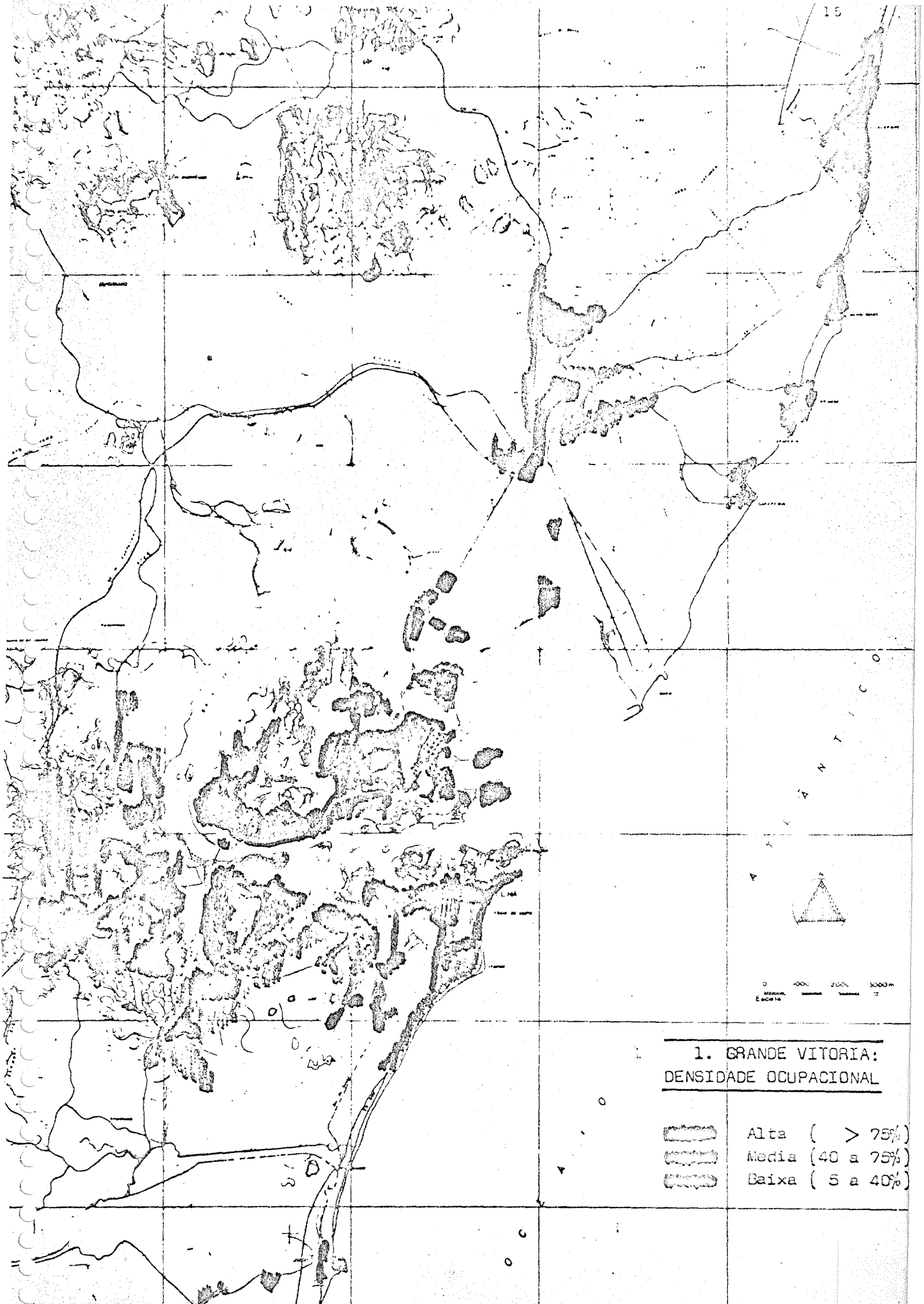
A Aglomeração Urbana de Vitória se estende, irregularmente, por áreas jurisdicionadas a cinco municípios, contrapondo faixas compactas e de alta densidade e outras de ocupação descontínua. A ocupação se fez de maneira desordenada, procurando, inicialmente, os caminhos estriados por entre as encostas rochosas e os paus que constituem osítio, invadindo, depois, os morros e os mangues, sempre de maneira aleatória, configurando-se um assentamento em "mancha de óleo", com os bairros em posição ciliar às vias principais (ver mapa 1). Verifica-se que uma das principais conseqüências desta estrutura urbana situa-se na procura crescente de comércio e serviços no centro metropolitano, cujas condições de suporte físico são limitadas.

Mais do que medidas destinadas à melhoria da fluidez no centro, é necessária, portanto, uma política urbana a longo prazo que reduza o número de viagens para esta área, mediante a oferta de alternativas locais e maior homogeneização do espaço, baseadas nos seguintes critérios funcionais:




- Reorganização do uso do solo, de maneira ordenada, procurando um desenvolvimento racional das atividades, visando uma utilização mais equilibrada da estrutura urbana;
- Reorganização da estrutura urbana, redistribuindo os potenciais de atração nos centros de atividades, e os fluxos através de um sistema de circulação hierarquizado, constituindo-se bolsões ou unidades urbanas e periféricas.

São recomendações do PDI e PEE, o controle da expansão da conurbação, de limitando-se a Aglomeração Urbana, onde se procederá à reorganização espacial e de atividades, a fim de maximizar a utilização da infra-estrutura existente e racionalização da aplicação de novos investimentos, e a definição de unidades urbanas, onde se concentrem atividades urbanas destinadas ao atendimento de setores semi-autônomos da Aglomeração e conter o afluxo à área central.

Para atingir tal objetivo, preconiza-se uma reorganização da estrutura urbana, baseada no conceito urbanístico da polinucleação, reforçando os potenciais de atração dos Centros de Animação, conformando-se em unidades urbanas formadas por bairros articulados e estruturados entre si, ordenando os fluxos através de um sistema de circulação hierarquizado e adequada distribuição das atividades através da reorganização do uso do solo.



**1. GRANDE VITÓRIA:
DENSIDADE OCUPACIONAL**

-  Alta (> 75%)
-  Media (40 a 75%)
-  Baixa (5 a 40%)

0 1000 2000 3000 m
Escala



A T L A N T I C O

b - TENDÊNCIAS PREVISÍVEIS DA EXPANSÃO URBANA

A partir da análise da Aglomeração de Vitória, ao longo do processo histórico e de suas tendências previsíveis, é possível determinar:

1 - FUNÇÃO ECONÔMICA:

- O sistema portuário continuará desempenhando papel importante na economia, devendo suas funções serem desdobradas e ampliadas;
- A economia está centralizada no setor terciário (administração pública, comércio, serviços e finanças), com reflexos do incremento do setor secundário, tanto na sua ampliação, como na sua especialização e sofisticação;
- A implantação do complexo siderúrgico e outros grandes empreendimentos, além do impacto direto na economia, causarão reflexos na indústria da construção civil, seja na execução das obras ou na expansão do mercado imobiliário;
- O turismo é outra atividade que deve ser incrementada.

2 - EXPANSÃO URBANA

Pela saturação de áreas livres na Ilha e pelo elevado contingente populacional, esperado para os próximos anos, haverá um crescimento sobretudo nos municípios de Vila Velha, em primeiro lugar, Cariacica em 2º, Serra em 3º e, por último, em Viana. As áreas consolidadas sofrerão um adensamento pela população de renda média.

Por outro lado, a análise da evolução histórica da ocupação da área, associada à da rede de transporte e dos grandes investimentos públicos indutores do crescimento urbano, revela (ver mapa 2):

- Concentração de funções e de densidade na ilha, mais especialmente no centro urbano, com atividade de comércio e serviço se localizando a Leste e a Norte da Ilha;

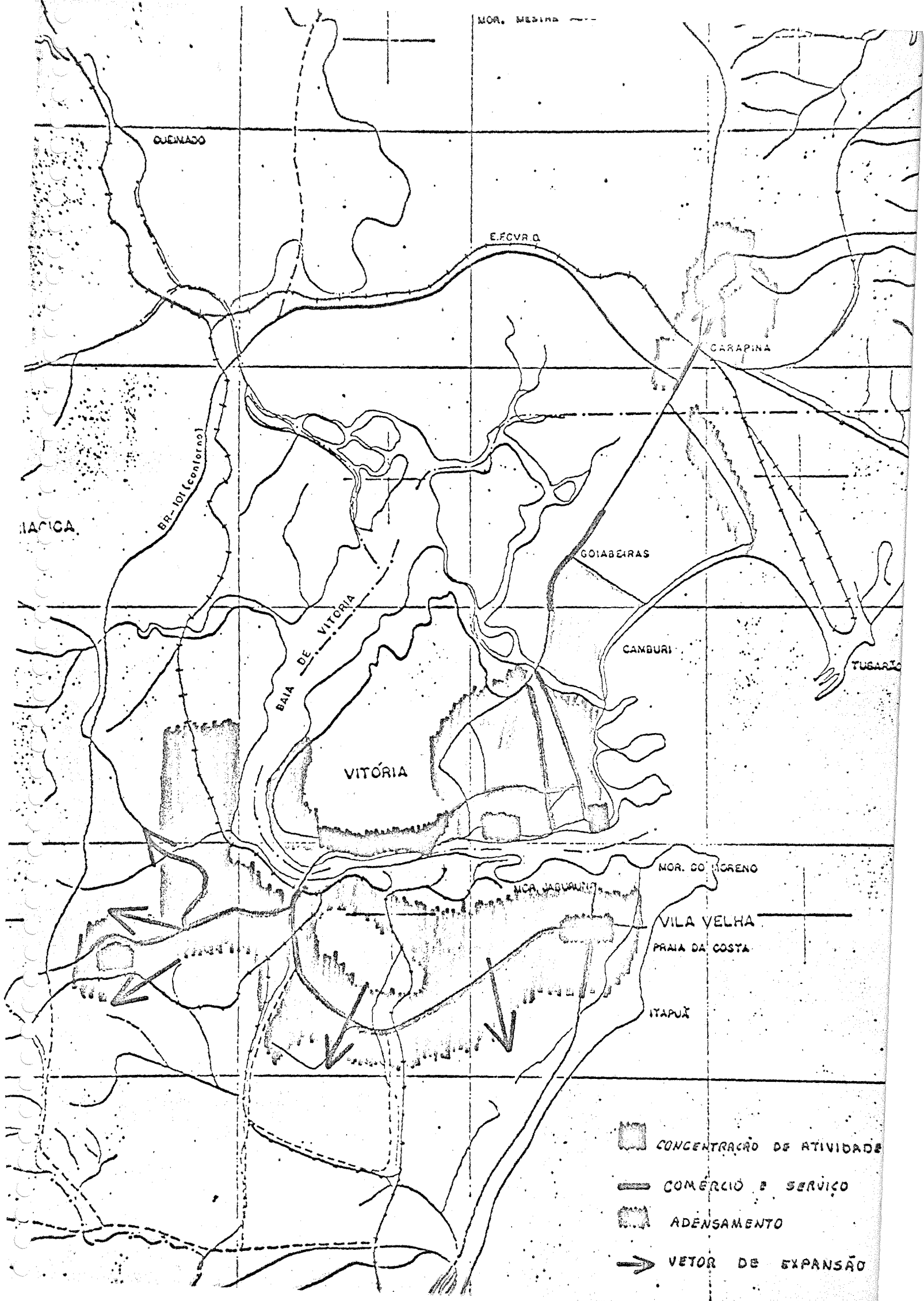
A Ilha de Santa Maria, Bento Ferreira, Aterro do Suã, Reta da Penha, Leitão da Silva e Avenida Vitória, como alternativa locacional, devem receber estas atividades de comércio e serviço. Os Centros de

Animação de Campo Grande, Vila Velha e Carapina devem se desenvolver, principalmente o de Vila Velha, que se complementaria com as atividades no Aterro do Suã.

Os eixos viários principais, devem incrementar o comércio/serviço de passagem.

- Áreas de expansão populacional:

- . ao Sul da Rodovia Carlos Lindemberg;
- . no entorno da BR 101 até a Estrada do Contorno, hoje com as nítidas características de via urbana;
- . ao longo da Estrada de Cariacica;
- . adensamento em Flexal com ótimas áreas urbanizáveis;
- . no planalto de Carapina.



QUEMADO

MOR. MEDINA

E.F.C.V.R.G.

CARAPINA

IAÇICA

BR-101 (centro)

BAIA DE VITÓRIA

GOIABEIRAS

CAMBURI

TUBARÃO

VITÓRIA





MOR. DO MORENO

MOR. JAGUARUNA

VILA VELHA

PRAIA DA COSTA

ITAPUÁ

-  CONCENTRAÇÃO DE ATIVIDADES
-  COMÉRCIO E SERVIÇO
-  ADENSAMENTO
-  VETOR DE EXPANSÃO

c - DESENVOLVIMENTO FUNCIONAL EQUILIBRADO DAS DISTINTAS ÁREAS DA
AGLOMERAÇÃO

Na concepção de um plano urbanístico integrado, consideram-se fatores e critérios que por sua natureza se transformam em geradores de uma nova estrutura urbana. Os bairros ciliares, isolados e com população limitada, identificados com os loteamentos, têm baixa clientela e criam espaços vazios e intersticiais. Viabiliza-se no local, apenas o comércio cotidiano, o que, aliado ao sistema viário e de transportes coletivos ramificado, leva a uma excessiva polarização do centro metropolitano.

A organização do território basear-se-á no conceito urbanístico de polinucleação, onde os bairros se articulam em unidades urbanas, estruturados entre si e apoiados em um centro, viabilizando-se uma clientela que aí encontra resposta adequada às suas necessidades de moradia, lazer, trabalho, educação, etc. O modelo apoia-se num sistema de vias hierarquizadas onde se realizam os principais fluxos, e se localizam os comércios e serviços especializados nas arteriais, e nas demais predominam o uso residencial e o tráfego de acesso (ver mapa 3).

A Aglomeração de Vitória está cortada por acidentes geográficos, tais como: morros, mangues e rios, assim como pelo canal de Vitória e por rodovias, ferrovias e áreas institucionais, que permitem delimitar quatro grandes unidades semi-autônomas a serem densificadas. As unidades são as seguintes:

- UNIDADE SUL - compreendida entre o Oceano Atlântico, Canal de Vitória, Rio Marinho e Rio Jucu;
- UNIDADE OESTE - compreendida entre o Rio Marinho, Rio Formate, Estrada do Contorno BR 101 e Canal de Vitória;
- UNIDADE CENTRO - compreende toda porção Leste da Ilha de Vitória até o Aeroporto;
- UNIDADE NORTE - compreende o Distrito de Carapina e Bairro de Fátima.

Considerando-se que, dada a extensão das unidades e atendendo a sua capacidade potencial para alocar população, é indispensável que cada uma delas possa dispor, em seu interior, de fontes de trabalho variado e suficiente para a população que nela irá morar, com o intuito de se alcançar a estrutura polinuclear, assim como o equilíbrio funcional de cada unidade. Cada uma dessas unidades, possui um Centro de Animação, como é o caso do Centro de Animação de Campo Grande, na Unidade Oeste; Centro de Animação de Vila Velha, na Unidade Sul; Centro de Animação de Carapina, na Unidade Norte e Centro Metropolitano, na Unidade Centro, onde, exceto esta última os outros Centros de Animação devem ser incentivados. Com relação as áreas do setor secundário, tem-se o CIVIT e Siderúrgica ao Norte; na BR 101/262 a Oeste; às margens do Rio Jucu ao Sul; e, na Estrada do Contorno BR 101. Quanto aos grandes eixos viários de ligação entre as Unidades, devem ter suas faixas de domínio regulamentadas, para poderem agrupar os equipamentos de serviços e comércio compatíveis.

Procurou-se dispor de zonas de habitação, de indústrias e de negócios, em forma contígua e dosada, de tal modo que, os lugares de trabalho industrial e negócios estejam vizinhos à habitação, assim como as habitações estejam livres da poluição industrial.

No entanto, é indispensável, também, para o pleno desenvolvimento social do homem, pertencer a vários grupos, além do grupo familiar. Estes grupos são de dois tipos:

- Os grupos de atividade (trabalho, recreativo, políticos, culturais, etc);
- Os grupos vicinais comunitários.

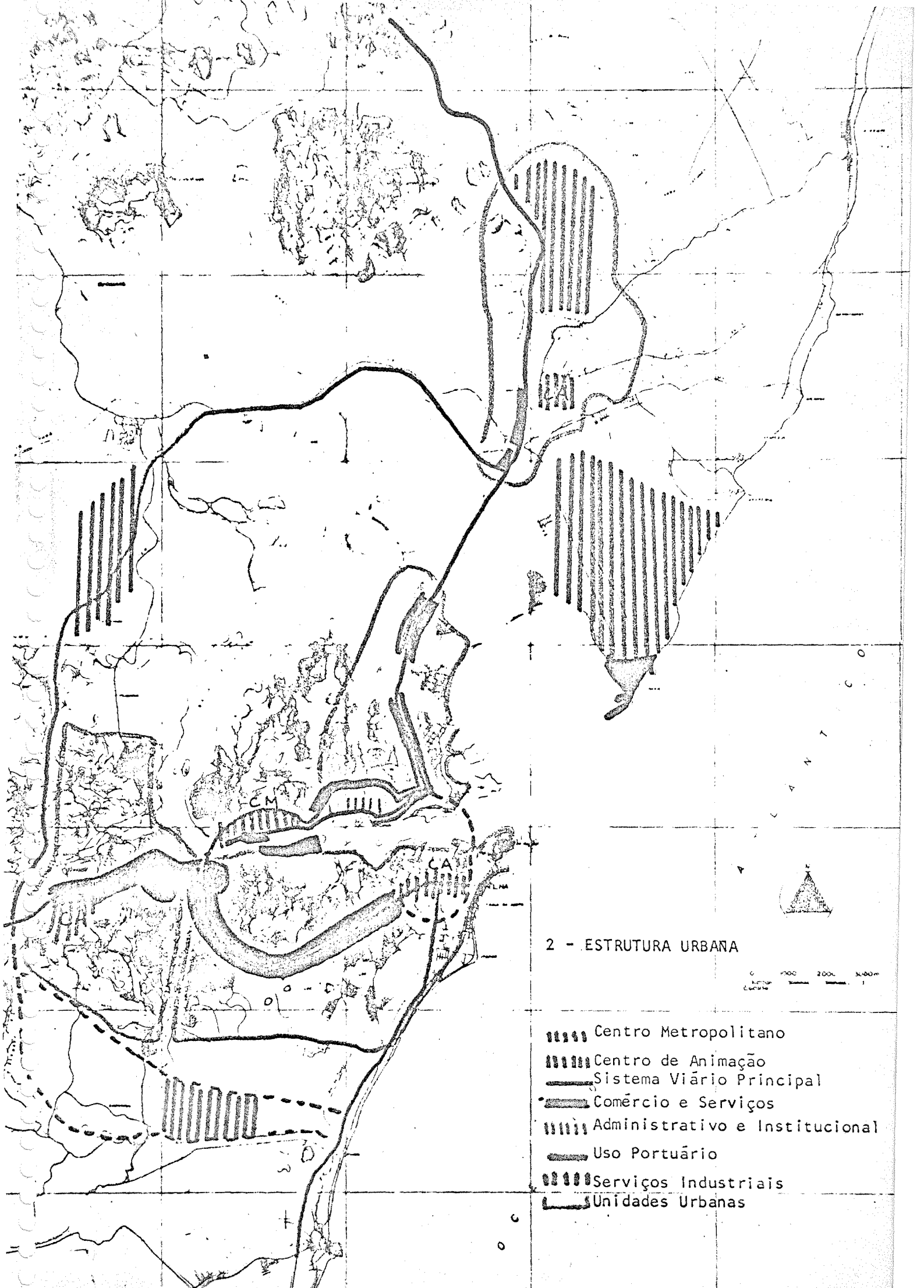
Inclusive, em sua forma atual, a grande cidade facilita, em certa medida, a existência dos primeiros, ainda que a uma escala do tipo massificante, mas dificulta, e às vezes impossibilita, o florescimento do segundo.

Foi através da análise de todos esses aspectos - morfologia, evolução urbana da aglomeração, densidade atual, centralização e polinucleação, zonas de atividades, desenvolvimento social da população - que se definiu para a Aglomeração, quatro categorias de centro, com os equipamentos urbanos, serviços e infra-estrutura adequados:

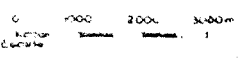
- CENTRO METROPOLITANO - atende à função regional de provimento de comércio e serviços especializados, equipamentos sociais, recreativos e de saúde, serviços públicos, administrativos e financeiros, difusão cultural, comunicações e transportes, em necessidades setoriais, gerais e específicas. Seu acesso deve se fazer por meio de transporte coletivo e vias arteriais em deslocamentos eficientes; sua circulação interna por transporte de massa ou de pedestres. Seu atendimento deve ser especializado e a frequência de uso ocasional.
- CENTRO DE ANIMAÇÃO - dispõe de comércio e serviços diversificados, equipamentos urbanos apropriados para atender às necessidades de saúde, ensino, lazer e cultura no nível geral, setorial e local. Seu acesso se faz por transporte coletivo ou vias arteriais. São três os principais Centros: em Vila Velha, em Carapina e em Campo Grande.
- CENTRO DE BAIRROS - dotados de comércio e serviços razoavelmente diversificados e equipamentos sociais, recreativos e serviços urbanos para necessidades setoriais e locais e utilização ocasional frequente. Seu acesso se faz por meio de transporte coletivo e vias alimentadoras, que possibilitam deslocamentos eficientes. Tem a função estrutural de agrupar vários bairros em um subcentro comum.
- CENTROS DE VIZINHANÇA - com atividades e serviços predominantemente locais cotidianos e imediatos, e com equipamentos sociais, recreacionais e de lazer, destinados a crianças e pessoas idosas. O acesso se faz sem necessidade de utilização de transporte motorizado. É o mais elementar dos grupos vicinais.









Delimita-se, portanto, a estratégia de descentralização do serviço e comércio e das áreas de trabalho industrial e de comércio e serviços, visando uma utilização mais equilibrada da estrutura urbana. Através

da polinucleação - onde se reforçariam os potenciais de atração dos Centros de Animação e a hierarquização do sistema de circulação, constituindo-se Unidades Urbanas - pretende-se uma reorganização da estrtura urbana.



2 - ESTRUTURA URBANA



-  Centro Metropolitano
-  Centro de Animação
-  Sistema Viário Principal
-  Comércio e Serviços
-  Administrativo e Institucional
-  Uso Portuário
-  Serviços Industriais
-  Unidades Urbanas

II - DEMOGRAFIA E MÃO-DE-OBRA

1 - DEMOGRAFIA

A evolução demográfica da microrregião de Vitória, em termos quantitativos, reflete o processo mais amplo de transformações econômicas do Espírito Santo e ilustra a premissa de que há uma correlação entre dinâmica populacional e desenvolvimento econômico.

A análise das informações a partir de 1940, demonstra a ocorrência de grandes transformações no espaço capixaba. Enquanto a fronteira agrícola se encontrava em franca expansão ao Norte do Estado e a economia estadual refletia uma base exclusivamente primário-exportadora (1940/1950) a taxa média geométrica de crescimento demográfico da Grande Vitória, foi a mesma do Estado, situando-se em torno de 1,9% ao ano. Nesse período, a população de Vitória passa de 91 para 110 mil habitantes. A partir do momento em que se escasseiam as áreas para a expansão da fronteira agrícola e em que a cafeicultura capixaba entra em seu ciclo descendente (1950/1960), o excedente populacional do campo, despreparado ou sem condições alternativas para a exploração intensiva e diversificada, dirige-se para a área urbana, onde inicia-se um lento processo de industrialização. Nessa década, a Aglomeração cresce a taxas de 6,0% ao ano, atingindo, em 1960, quase 200 mil habitantes.

Entre 1960 e 1970, a crise do café atinge seu ponto máximo com a erradicação dos cafezais, o que provoca um processo migratório sem precedentes na histórica capixaba. Nesse período, enquanto o crescimento da Grande Vitória atinge a elevada taxa de 6,9% ao ano, o resto do Estado decresce a taxas de 0,05% ao ano. Aproximadamente 205 mil habitantes abandonaram o campo, sendo que 126 mil dirigiram-se à Grande Vitória, cuja população sobe para a casa dos 385 mil habitantes, e 72 mil deslocaram-se para outras unidades da Federação. Finalmente, nos últimos sete anos - 1970/1977 - a taxa de crescimento situou-se na casa dos 4,0% ao

ano tendo a Grande Vitória atingido os 488 mil habitantes. Os migrantes que abandonaram o campo, onde a pecuária toma vulto, dirigem-se à cidade, sob o anúncio do advento dos Grandes Projetos.

Observa-se ainda, que nestes 37 anos - 1940/1977 - a participação relativa do Município de Vitória passa de 46,14% para 32% do total da Aglomeração, enquanto que as participações dos Municípios de Vila Velha e Cariacica são crescentes. Isto se explica pelo fato de a Ilha oferecer terrenos de difícil urbanização, onde predominam mangues e morros, além de sua própria limitação física.

1) Demografia

1.1. População Urbana, Rural e Total

a) Micro-Região

em 1.000 hab.

POPULAÇÃO	EXISTÊNCIA						PREVISÃO				TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL			
	1960		1970		1977		1980		1985		1960/ 1970	1970/ 1977	PREVISÃO	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%			1977/ 1980	1977/ 1985
URBANA	176,7	73,4	373,7	68,6	468,2	71,6	520,3	73,2	636,24	73,0	7,80	3,29	3,57	3,91
RURAL	63,9	26,7	171,1	31,4	185,8	28,4	190,1	26,8	232,46	27,0	10,35	1,21	0,89	2,87
TOTAL	240,6	100	544,8	100	654,0	100	710,40	100	868,70	100	-	-	-	-

FONTE: 1960 e 1970 - Censos Demográficos do Espírito Santo/IBGE
1977 - Censo Escolar de 1977.

b) Cidade (Distrito Sede)
em 1.000 hab.

POPULAÇÃO	Nº	DISTRITO SEDE
		MICRO-REGIÃO
1960	194,2	0,6
1970	386,3	0,7
1977	488,6	0,8
Previsão:		
1980	543	
1985	664	

PERÍODOS	TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL
1960/1970	7,12
1970/1977	3,41
Previsão:	
1977/1980	3,62
1977/1985	3,92

FONTE: 1960 e 1970 - Censo Demográficos do Espírito Santo/IBGE
1977 - Censo Escolar de 1977.

1.2.) Pirâmide Etária

a) Cidade (Distrito Sede)

FAIXA ETÁRIA	1960						1970						1977					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL		MASCULINO		FEMININO		TOTAL		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0 - 4	16044	17,0	15511	16,3	31555	16,6	27115	14,4	26643	13,5	53758	13,9	23977	14,4	22389	13,5	46366	14,0
5 - 9	13408	14,0	12985	13,8	26393	14,0	27900	14,8	27267	13,8	55167	14,3	24643	14,8	22886	13,8	47529	14,3
10 - 14	11059	11,6	6965	7,3	18024	9,5	25186	13,4	25888	13,1	51066	13,2	22312	13,4	21725	13,1	44037	13,3
15 - 19	9367	10,0	10680	11,2	20047	10,5	21464	11,4	24884	12,6	46348	12,0	18982	11,4	20896	12,6	39878	12,0
20 - 24	8231	8,6	9816	10,3	18047	9,5	16464	8,8	19376	9,8	35840	9,3	14653	8,8	16253	9,8	30906	9,3
25 - 29	7609	8,0	8612	9,1	16221	8,5	12590	6,7	14620	7,4	27210	7,1	11156	6,7	12272	7,4	23428	7,0
30 - 34	6543	6,9	6591	7,0	13134	7,0	11738	6,2	12552	6,3	24290	6,3	10323	6,2	10448	6,3	20771	6,2
35 - 39	4910	5,1	5212	5,5	10122	5,3	10833	5,8	11282	5,7	22115	5,7	9657	5,8	9453	5,7	19110	5,7
40 - 49	7637	8,0	7963	8,5	15600	8,2	15897	8,4	15764	8,0	31661	8,2	13987	8,4	13267	8,0	27254	8,2
50 - 59	5786	6,0	5477	5,8	11263	6,0	9530	5,1	10082	5,0	19612	5,1	8492	5,1	8293	5,0	16785	5,1
60 - 69	3330	3,4	2985	3,1	6315	3,3	6006	3,2	5896	3,0	11902	3,1	5328	3,2	4975	3,0	10303	3,1
70- Mais	1390	1,4	1787	2,0	3177	1,6	3314	1,8	3715	1,8	7029	1,8	2997	1,8	2986	1,8	5983	1,8
TOTAL	95314	100	94584	100	189898	100	188037	100	197961	100	385948	100	166507	100	165843	100	332350	100

FONTE: 1960 e 1970 - Censo Demográfico do Espírito Santo/IBGE e 1977 - Censo Escolar de 1977.

b) Micro Região

FAIXA ETÁRIA	1960						1970						1977					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL		MASCULINO		FEMININO		TOTAL		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0 - 4	28.213	17,3	26.684	16,7	54.897	17,0	39.117	14,7	38.091	13,3	77.208	14,0	45.507	14,7	41.008	13,3	86.515	14,0
5 - 9	24.230	15,0	23.397	14,7	47.627	14,7	39.569	15,0	38.401	13,4	77.970	14,1	46.435	15,0	41.317	13,4	87.752	14,2
10 - 14	19.501	12,0	15.055	9,5	34.556	10,8	35.949	13,5	86.205	12,6	72.154	13,0	41.792	13,5	38.850	12,6	80.642	13,1
15 - 19	15.895	9,8	17.285	11,0	33.180	10,2	30.516	11,5	33.743	12,0	64.255	11,6	35.600	11,5	37.000	12,0	72.600	11,7
20 - 24	13.664	8,3	15.381	9,6	29.045	9,0	22.907	8,6	25.564	9,0	48.475	8,7	26.623	8,6	27.750	9,0	54.373	8,8
25 - 29	12.083	7,4	13.293	8,5	25.376	8,0	17.360	6,5	19.267	6,7	36.627	6,6	20.122	6,5	20.658	6,7	40.780	6,6
30 - 34	10.575	6,5	10.488	6,5	21.063	6,5	16.028	6,0	16.725	6,0	32.753	6,0	18.574	6,0	18.500	6,0	37.074	6,0
35 - 39	8.381	5,1	8.671	5,5	17.052	5,3	14.769	5,5	15.239	5,3	30.008	5,5	17.026	5,5	16.342	5,3	33.368	5,4
40 - 49	13.167	8,0	12.808	8,0	25.975	8,0	22.375	8,4	21.876	7,6	44.251	8,0	26.004	8,4	23.433	7,6	49.437	8,0
50 - 59	9.371	5,8	8.562	5,3	17.933	5,5	13.932	5,2	27.131	9,5	41.069	7,5	16.098	5,2	29.292	9,5	45.390	7,3
60 - 69	5.511	3,3	4.818	3,0	10.329	3,3	8.742	3,1	8.200	2,8	16.942	3,0	9.597	3,1	9.633	2,8	18.230	3,0
70 - Mais	2.481	1,5	2.803	1,7	5.284	1,7	4.803	2,0	5.176	1,8	9.979	2,0	6.191	2,0	5.550	1,8	11.741	1,9
TOTAL	163.072	100	159.245	100	322.317	100	266.073	100	285.618	100	551.691	100	309.569	100	308.333	100	617.902	100

Fontes- Censos Demográficos do Espírito Santo de 1960 e 1970 ; Censo Escolar de 1977

MACRO - REGIÃO

SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, MINAS GERAIS e ESPÍRITO SANTO

(Em 1.000 hab.)

FAIXA ETÁRIA	1960						1970					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0 - 19	6972	51,1	6887	51,2	13859	51,2	25017	20,2	24983	19,8	50000	20,0
20 - 39	3975	29,1	4015	29,9	7990	29,5	24548	19,9	25452	20,1	50000	20,0
40 - 59	2001	14,7	1876	14,0	3877	14,3	25243	20,4	24829	19,6	50072	20,0
60-Mais	680	5,0	648	4,8	1323	4,9	24028	19,4	25972	20,5	50000	20,0
Idade Ignorada	21	0,2	22	0,2	43	0,2	24823	20,1	25177	19,9	50000	20,0
TOTAL	13649	100	13443	100	27092	100	123659	100	126413	100	250072	100

MINAS GERAIS e ESPÍRITO SANTO

(Em 1.000 hab.)

FAIXA ETÁRIA	1960						1970					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0 - 19	3167	56,3	2982	60,8	6149	58,4	10035	20,0	9965	20,1	20000	20,0
20 - 39	1465	26,0	1525	31,1	2990	28,4	9776	19,4	10224	20,6	20000	20,0
40 - 59	727	12,9	197	4,0	924	8,8	10280	20,4	9720	19,6	20000	20,0
60-Mais	266	4,7	199	4,1	465	4,4	10197	20,3	9803	19,7	20000	20,0
Idade Ignorada	5	0,1	6	0,1	11	0,1	10006	19,9	9994	20,1	20000	20,0
TOTAL	5630	100	4909	100	10539	100	50294	100	49706	100	100000	100

FONTE: 1970 -Geografia do Brasil - Região Sudeste - IBGE

1960 -Censo Demográfico 1960 - Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro

FLUXO MIGRATÓRIO

As informações sôbre o fluxo migrat̃rio que se seguem foram fornecidas pelo SIMI/ES, Serviço de Informação de Imigrantes. Por ter sido recentemente criado, 04/04/78 não dispõem ainda o SIMI de uma s̃rie mais extensa de informações que pudessem melhor retratar o migrante que se destina a Vitôria.

1.3. MIGRANTES

a) PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO DO ESTADO

ANO BASE	IMIGRANTES RESIDENTES NA CIDADE ATÉ HÁ 20 ANOS	
	NÚMERO	% DO TOTAL DA POPULAÇÃO
1970/1977	108.664	28,1

FONTE: Plano de Desenvolvimento Integrado da Micro-Região
de Vitória - M. Roberto

b) PROCEDÊNCIA (URBANA / RURAL)

ANO BASE	VITÓRIA, V.VELHA e CARIACICA	
	PROCEDÊNCIA %	
	URBANA	RURAL
1970/1977	89,0	11,9

FONTE: Indicadores Locais para Área Urbana IBGE

FLUXO MIGRATÓRIO PARA VITÓRIA
a) Microrregiões Homogêneas/ES

MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA	ABRIL	MAIO
203	-	1
204	6	5
205	2	8
206	2	3
207	3	2
208	1	0
209	7	2
210	2	2
TOTAL	23	23

FONTE: SIMI/ES

b) Macrorregiões

MACRORREGIÃO	ABRIL	MAIO	TOTAL
SUDESTE	39	44	83
NORDESTE	9	14	23
SUL	7	1	8
OESTE	6	5	11
TOTAL	61	64	125

FONTE: SIMI/ES

c) MOTIVO DA VINDA PARA O ESTADO

MOTIVO	MESES	
	ABRIL	MAIO
Procurar Emprego	30	19
Visitar Parentes	17	5
Tratamento Saúde	15	12
Mudança	6	6
Assumir Emprego	1	4
Buscar Família	1	2
Outros	16	39

FORTE: SIMI/ES

d) GRAU DE INSTRUÇÃO

GRAU	% SOBRE TOTAL
1º Grau Incompleto	59,6
1º Grau Completo	3,8
2º Grau Incompleto	2,9
2º Grau Completo	2,9
Analfabeto	26,0
Assina o Nome	4,8
TOTAL	100,00 %

FONTE: SIMI/ES

e) OCUPAÇÃO PRINCIPAL DOS MIGRANTES (por ordem de frequência de o
corrência)

- 01 - Doméstica
- 02 - Lavrador
- 03 - Servente
- 04 - Mecânico
- 05 - Pedreiro
- 06 - Ajudante Braçal
- 07 - Carpinteiro
- 08 - Armador
- 09 - Soldador
- 10 - Fachineiro
- 11 - Balconista
- 12 - Eletricista Prático
- 13 - Vaqueiro
- 14 - Costureira
- 15 - Comerciante
- 16 - Trocador
- 17 - Estudante
- 18 - Guarda de Segurança
- 19 - Marteleiro
- 20 - Bombeiro
- 21 - Garçon
- 22 - Guarda Bancário
- 23 - Jornaleiro
- 24 - Mecânico Montador
- 25 - Artesão
- 26 - Auxiliar Contabil
- 27 - Datilógrafo
- 28 - Serraleiro
- 29 - Pintor
- 30 - Engraxate
- 31 - Motorista

FONTE: SIMI/ES

D. PIRÂMIDE ETÁRIA

d.1. CIDADE (DISTRITO SEDE)

FAIXA ETÁRIA	1960				1970			
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL	%	MASCULINO	FEMININO	TOTAL	%
0 - 14	80201	79790	159.991	41,5	80201	79790	159.991	41,5
15 - 29	50518	58880	109.398	28,3	50518	58880	109.398	28,3
30 - 59	38468	39598	78.066	20,2	38468	39538	78.066	20,2
60 a mais	18850	19693	38.543	10,0	18850	19693	38.543	10,0
TOTAL	188037	197961	385.998	100,0	188037	197901	385.938	100,0

ONTE: 1960 e 1970 - Censo Demográfico do Espírito Santo/IBGE
1977 - Censo escolar de 1977.

d.2. MICRORREGIÃO

FAIXA ETÁRIA	1960				1970			
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL	%	MASCULINO	FEMININO	TOTAL	%
0 - 14	71944	65136	137.080	43	114635	112697	227.332	41,2
15 - 29	41642	45959	87.601	27	70783	78574	149.357	27,1
30 - 49	32123	31961	64.084	20	53172	53840	107.012	19,4
50 a mais	17363	16143	33.506	10	27483	40507	67.990	12,3
TOTAL	163072	159199	322.271	100	266073	285618	551.691	100,0

ONTE: 1960 e 1970 - Censo Demográfico do Espírito Santo/IBGE
1977 - Censo Escolar de 1977.

a) DISTRITO SEDE

ANO	TAXA DE MORTALIDADE %	TAXA DE MORTALIDADE PROPORCIONAL %	TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL (ATÉ 1 ANO) %
1966	31,9	Menos de 1 ano - 28,0 1-4 - 15,3 5-19 - 5,0 20-49 - 16,6 50 e mais - 35,1	77,0
1971	27,3	Menos de 1 ano - 25,8 1-4 - 7,7 5-19 - 6,1 20-49 - 19,2 50 e mais - 41,2	97,5
1976	27,4	Menos de 1 ano - 26,5 1-4 - 6,5 5-19 - 5,3 20-49 - 21,1 50 e mais - 40,6	79,3

FONTE: Diretoria de Estatística da Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo.

2 - MÃO-DE-OBRA

Os seguintes comentários são necessários:

- a grande absorção de mão-de-obra pelo setor terciário, deve-se principalmente ao dinamismo da atividade portuária; à concentração das funções político-administrativas do Estado na capital (Vitória), bem como dos equipamentos de saúde, educação e à própria ação polarizadora que a Aglomeração exerce sobre o total do Estado e parte do Sul da Bahia e Nordeste de Minas Gerais;
- o crescimento da participação do setor industrial na geração de emprego é recente e deve-se, principalmente, à política deliberada de industrialização do Governo do Estado a partir de 1967 (com a criação da Companhia de Desenvolvimento do Espírito Santo, atual Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo S.A.); à aceleração da construção civil a partir da política habitacional do Governo Federal; e à diversificação de atuação da Companhia Vale do Rio Doce. As perspectivas futuras de absorção de mão-de-obra pelo setor são ainda maiores dada a implantação de indústrias motrizes na Aglomeração e áreas vizinhas. Um problema, entretanto, deve ser ressaltado: o hiato qualitativo e quantitativo do emprego na implantação versus emprego na operação.
- a decrescente perda de posição da agricultura a taxas crescentes, deve-se, principalmente, ao processo de especulação imobiliária que tem motivado a ociosidade de terrenos agrícolas à espera de incorporação ao espaço urbano.

2.1. Distribuição por Setor de Atividade

a) Cidade (Sede)

SETOR DE ATIVIDADE	1960		1970 ⁽²⁾		1977	
	N	%	N	%	N	%
(1) -AGRICULTURA, PECUÁRIA, SILVICULTURA, EXTRAÇÃO VEGETAL, CAÇA E PESCA	6570	38,0	7109	6,5	-	-
-ATIVIDADES INDUSTRIAIS	2997	17,0	26067	23,7	-	-
-COMÉRCIO DE MERCADORIAS	4574	27,0	13808	12,6	-	-
-PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	3095	18,0	21999	20,0	-	-
-TRANSPORTES, COMUNICAÇÕES, ARMAZENA- GENS	-	-	11333	10,3	-	-
-ATIVIDADES SOCIAIS	-	-	11097	10,1	-	-
-ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	-	-	11352	10,3	-	-
-OUTRAS ATIVIDADES	-	-	7257	6,6	-	-
TOTAL	17236	100	110022	100	-	-

Fonte: (1) Censo Comercial, Industrial, Serviços e Agrícolas (1960) IBGE

(2) Anuário Estatístico do DEE

b) Microrregião

SETOR DE ATIVIDADES	1960		1970 (2)		1977	
	N	%	N	%	N	%
- AGRICULTURA, PECUÁRIA, SILVICULTURA, EXTRAÇÃO VEGETAL, CAÇA E PESCA	57420	81,9	42563	27,1	-	-
(1)- ATIVIDADES INDUSTRIAIS	3678	5,3	29684	18,9	-	-
- COMÉRCIO DE MERCADORIAS	5504	7,8	15201	9,7	-	-
- PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	3544	5,0	24598	15,7	-	-
- TRANSPORTES, COMUNICAÇÕES, ARMAZENA- GENS	-	-	21632	8,0	-	-
- ATIVIDADES SOCIAIS	-	-	12638	8,0	-	-
- ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	-	-	11869	7,6	-	-
- OUTRAS ATIVIDADES	-	-	7914	5,0	-	-
TOTAL	70146	100	157100	100	-	-

FONTE: (1) Censo Comercial Industrial, Serviços e Agrícolas (1960) - IBGE;

(2) Anuário Estatístico do DEE.

2.2. DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO GRUPOS DE OCUPAÇÃO PRINCIPAL

TIPO DE OCUPAÇÕES	Nº DE PESSOAS		
	ESTADO		
	1960	1970	1977
Ocupações Administrativas	14.697	42.429	98.563
Ocupações Técnicas, Científicas, Artísticas e <u>a</u> fins	9.511	21.950	41.924
Ocupações de Agropecuária e da Produção Extrativa Vegetal e Animal	17.060	232.887	228.292
Ocupações da Produção Extrativa Mineral	19	1.730	110.780
Ocupações das Indústrias de Transformação e da Construção Civil	11.135	56.623	218.338
Ocupações do Comércio e Atividades Auxiliares	5.456	17.465	44.361
Ocupações dos Transportes e das Comunicações	5.321	19.636	56.748
Ocupações da Prestação de Serviços	3.497	31.254	24.089
Ocupações da Defesa Nacional e Segurança Pública	2.048	3.386	
Ocupações Definidas ou não declaradas, outras ocupações	4.511	30.427	153.960
TOTAL	73.255	457.787	3.036.100

FONTES- Censo Demográfico do Espírito Santo /1960 e 1970.

Pessoas não economicamente ativas (1960-ES) - 82242

2.3. DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

a) 1970 - ESTADO

FAIXA ETÁRIA	TOTAL DE PESSOAS			EMPREGADOS			Nº DE AUTONOMOS			Nº DE DESEMPREGADOS		
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL
10 - 14	114.212	112.821	227.033	3.634	2.893	6.527	1.700	200	1.909	97.540	108.070	205.610
15 - 19	94.694	97.860	192.554	24.310	13.887	38.197	8.847	909	9.756	39.917	80.507	127.424
20 - 24	65.700	69.170	134.870	31.226	13.596	44.822	16.056	1.140	17.196	8.694	53.954	62.648
25 - 29	48.587	51.553	100.140	24.262	6.875	31.137	18.304	1.373	19.677	2.160	41.555	43.715
30 - 34	44.047	44.722	88.769	21.104	4.665	25.769	19.470	1.515	20.985	1.565	37.842	39.407
35 - 39	41.810	42.156	83.966	18.676	4.167	22.843	19.612	1.616	21.228	1.314	35.948	37.262
40 - 49	66.242	61.081	127.323	25.886	4.520	30.406	33.010	2.997	36.007	3.177	52.420	55.597
50 - 59	42.301	37.518	79.819	13.364	1.733	15.097	22.250	1.915	24.165	4.628	33.732	38.360
60 - 69	25.078	21.354	46.433	5.516	533	6.049	11.677	835	12.512	7.191	20.355	27.546
70 - mais	13.206	12.838	26.044	1.130	83	1.213	3.462	217	3.679	7.781	12.286	20.063
TOTAL	505.878	551.073	1106.951	169.108	52.952	222.060	154.388	12.726	167.114	173.967	476.669	650.632

FONTE: Censo Demográfico do Espírito Santo (1970) - IBGE.

2.3. DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO FAIXA ETÁRIA

b) 1977

FAIXA ETÁRIA	TOTAL DE PESSOAS		
	HOMENS	MULHERES	TOTAL
10 - 14	22.312	21.725	44.037
15 - 19	18.982	20.896	39.878
20 - 24	14.653	16.253	30.906
25 - 29	11.156	12.272	23.428
30 - 34	10.323	10.448	20.771
35 - 39	9.657	9.453	19.110
40 - 49	13.987	13.267	27.254
50 - 59	8.492	8.293	16.785
60 - 69	5.328	4.975	10.303
70 - mais	2.997	2.986	5.983
TOTAL	117.887	120.568	238.455

FONTE: Censo Escolar de 1977 - Pesquisa Sócio-Econômica de 1977.

III - ASPECTOS SETORIAIS DA ECONOMIA

A análise setorial da economia da Aglomeração, a partir de séries históricas, torna-se insuficiente uma vez que:

- a consolidação da Grande Vitória como porta ao mar de uma vasta hinterlândia, só se dará com a entrada em operação do Cais de Capuaba (baía de Vitória), e do Porto de Praia Mole, em 1979 e 1983, respectivamente;
- o processo de industrialização deliberada iniciado em 1967, tem relativamente poucos reflexos quantitativos até o momento, quando se pensa na potencialidade futura a partir da implantação das indústrias motrizes na Grande Vitória e municípios vizinhos por ela polarizados (ver quadro a seguir).
- o incremento populacional da Aglomeração e as melhorias acentuadas do sistema viário estadual, tendem a motivar um aumento da produção de horti-fruti-granjeiros, não só para o consumo interno, como para o de outros centros do país.

1. GRANDES AGREGADOS

1.1. VALOR DE PRODUÇÃO E SUA PARTICIPAÇÃO NO PRODUTO INTERNO BRUTO

(PIB) A NÍVEL SETORIAL

a) CIDADE (SEDE)

Em 1.000,00 Correntes

SETORES	1970				1975			
	VALOR DA PRODUÇÃO	%	% EM RELAÇÃO AO PIB ESTADUAL	% EM RELAÇÃO AO PIB NACIONAL	VALOR DA PRODUÇÃO	%	% EM RELAÇÃO AO PIB ESTADUAL	% EM RELAÇÃO AO PIB NACIONAL
PRIMÁRIO	16.711	2,27	4,19	0,07	84.092		6,37	0,09
SECUNDÁRIO	151.691	20,56	49,83	0,28	-		-	-
TERCIÁRIO	569.268	77,17	49,83	0,65	-		-	-
TOTAL	737.680	100,00	42,22	0,44				

FONTE: a) Renda Interna do Espírito Santo 1965/75

b) Anuário Estatístico do IBGE

c) Conjuntura Econômica Fev./78

d) Indicadores de Desempenho do Setor Agrícola SEPL/ES

b) MICRO REGIÃO (ESTADO)

CR\$ 1.000,00 PREÇOS CORRENTES

SETORES	1960			1970			1975		
	VALOR DA PRODU ÇÃO	%	%EM RELA ÇÃO AO PIB NA- CIONAL	VALOR DA PRODU ÇÃO	%	% EM RE LAÇÃO AO PIB NACIONAL	VALOR DA PRODUÇÃO	%	% EM RELA ÇÃO AO PIB NACIO NAL
PRIMÁRIO	9.987	41,7	2,0	398.366	22,8	1,74	1.317.574	14,8	1,49
SECUNDÁRIO	1.273	5,3	0,1	304.422	17,4	0,56	1.975.565	22,2	0,60
TERCIÁRIO	12.653	53,0	1,0	1.044.592	59,8	1,19	5.588-780	63,0	1,34
T O T A L	23.914	100,0	1,0	1.747.380	100,0	1,06	8.875.919	100,0	1,06

FONTE: Alguns Indicadores Econômicos e Sociais do E.S. 1972

Renda Interna do E. Santo 1965/75

Anuário Estatístico IBGE

Conjuntura Econômica Fev/78

ESPIRITO SANTO
COMPOSIÇÃO SECTORIAL RENDA - COMPARAÇÃO COM O BRASIL

1960 / 1975

DISCRIMINAÇÃO	PERCENTAGEM DA RENDA EM VALORES CORRENTES		
	1960	1970	1975
<u>Espírito Santo</u>			
- Agricultura	41,8	22,8	10,7
- Indústria	5,3	17,4	26,2
- Serviços	52,9	59,8	63,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0
<u>Brasil</u>			
- Agricultura	19,2	10,2	10,5
- Indústria	32,6	36,7	39,4
- Serviços	48,2	53,5	50,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0

FONTE: SEPL Departamento de Informações Técnicas

TAXAS DE CRESCIMENTO DA ECONOMIA DO ESPIRITO SANTO

POR SETORES - COMPARAÇÃO COM O BRASIL

1960 - 1975

DISCRIMINAÇÃO	TAXAS DE CRESCIMENTO (% AO ANO)	
	60/70	70/75
Espírito Santo		
Agricultura	4,3	1,9
Indústria	12,3	23,5
Serviços	9,0	15,0
<u>TOTAL</u>	<u>7,0</u>	<u>13,7</u>
Brasil (1)		
Agricultura	2,5	6,1
Indústria	10,9	11,9
Serviços	9,6	11,5
<u>TOTAL</u>	<u>9,0</u>	<u>10,9</u>

FONTES: SEPL. Departamento de Informações Técnicas.

(1) As taxas de crescimento da coluna 60/70 se referem ao período 65/72.

EVOLUÇÃO DA RENDA PER CAPITA DO ESPÍRITO SANTO E DO BRASIL

1970 - 1975

(Valores em CR\$ e US\$ Correntes)

ANOS	ESPÍRITO SANTO		BRASIL		RELAÇÃO ES/BR
	CR\$	US\$	CR\$	US\$	
1970	1.092,6	239,6	1.781,6	390,7	0,61
1971	1.403,4	265,8	2.303,7	436,3	0,61
1972	1.948,7	302,6	2.903,2	455,0	0,66
1973	2.647,3	362,4	3.771,6	516,3	0,70
1974	3.991,9	489,2	5.628,7	689,8	0,71
1975	5.144,5	520,7	7.783,7	787,8	0,66

FONTES: DIT/SEPL/ES

TABELA ~~1~~
 ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
 OS GRANDES PROJETOS

NOME DO PROJETO	LOCALIZAÇÃO	INVESTIMENTO TOTAL (US \$ 10 ³)	Nº DE EMPREGOS DIRETOS	INÍCIO PREVISTO DE OPERAÇÃO (ano)	CAPACIDADE DE PRODUÇÃO	
					PRODUTO	TON/ ANO
A. SIDERURGIA	-	4.012.276	8.670	-	-	-
- CST - Cia. Siderúrgica de Tubarão	Tubarão - Vitória	2.792.252	4.674	1982	Slabs (placas)	2.666.000
- COFANI - Cia. Ferro e Aço de Vitória (3ª etapa de expansão - 1ª e 2ª fase)	Jardim América - Cariacica	48.692	1.062	1980	Barras p/fins mecânicos Cantoneiras Perfis I e U Perfis Especiais	106.950 174.630 45.000 30.450
- SARMACO MINERAÇÃO S/A.	Concentração: Germano - Maria na - MG Pelotização/Porto: Ubu - An chieta - ES	592.856	567	1977	Pellets Pellet - feed	5.000.000 2.000.000
- NIBRASCO - Cia. Nipo-Brasileira de Pelotiza- ção	Tubarão - Vitória	185.681	537	1978	Pellets	6.000.000
- CATED - Usina de Pelotização III	Tubarão - Vitória	120.014	470	1981	Pellets	4.000.000
- HISPANOBRAS - Cia. Hispano Bras. de Pelotização	Tubarão - Vitória	102.142	360	1978	Pellets	3.000.000
- ITABRASCO - Cia. Itaio Bras. de Pelotização.	Tubarão - Vitória	100.639	360	1976	Pellets	3.000.000
- CATED - Usina de Pelotização II	Tubarão - Vitória	50.000	360	1973	Pellets	3.000.000
- CATED - Usina de Pelotização I	Tubarão - Vitória	20.000	280	1969	Pellets	2.500.000
B. CELULOSE	-	1.071.974	1.968	-	-	-
- Araucruz Celulose S/A.	Barra do Riacho - Araucruz	560.841	947	1978	Celulose branqueada	400.000
- Flofibra - Empreendimentos Florestais S/A. .	(1)	511.133	1.021	1983	Madeira em Tora Celulose Cavacos "wood - chip"	6.310.000 255.000 1.000.000
T O T A L	-	5.084.250	10.638	-	-	-

FONTE: Dados extraídos da tabulação da pesquisa "OS GRANDES PROJETOS", realizada em agosto de 1977 pelo Departamento de Análise e Consolidação de Programas da SEPL/ES.

(1) Não há instalações industriais.

2.1- PRINCIPAIS PRODUTOS - MICRORREGIÃO

PRINCIPAIS PRODUTOS	1964		1970		1975	
	VOLUME	% EM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DO ESTADO	VOLUME (TON)	% EM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DO ESTADO	VOLUME (KG)	% EM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DO ESTADO
AGROPECUÁRIA						
-PECUÁRIA						
1º) Corte (Bovinos)			4.357	34,25	-	-
2º) Leite (Litros)					14.647.000	6,51
3º) Avicultura (DZ.)					9.326.256	60,01
4º) Avicultura Corte (KG)					4.940.436	59,10
5º) Suínos			1.714	17,24	1.005.120	14,30
-AGRICULTURA						
1º) Banana (Ton.)	44.570	33,76	56.737	27,39	40.278	25,47
2º) Laranja (Ton.)	7.532	21,69	10.510	24,47	20.889	59,32
3º) Abacaxi (Ton.)	1.621	45,15	4.015	24,79	1.816	3,95
4º) Tomate (Ton.)	426	27,59	3.795	34,35	14.580	42,81
5º) Arroz (Ton.)	2.601	4,08	4.237	5,32	6.175	11,67
6º) Demais Produtos *	101.673	151,84	110.051	72,88	72.672	140,41
-PESCA						
1º) Pescado (Ton.)	1.578	40,99	8.337	77,51	-	-
TOTAL						

* Cana-forrageira, Batata Inglesa, Cebola e Mandioca

FONTE: CEPA/ES.

FALENCIAS E CONCORDATAS

O quadro que se segue caracteriza o perfil evolutivo das falências e concordatas observadas no Município sede - Vitória, para o período de 1960 a 01/07/78. Conseguimos obter os dados em questão no Cartório de Distribuição de Títulos, e eram os únicos informes de que dispunham.

Informou-nos o cartório que as interpretações acerca do número de falências e concordatas devem ser feitas com certa cautela, já que muitas empresas solicitaram concordata e deram início a um processo de falência mas conseguiram recuperar-se - o que não está computado no gráfico.

QUADRO DEMONSTRATIVO DE FALÊNCIAS E CONCORDATAS NO MUNICÍPIO SEDE — VITÓRIA



2.3- CRÉDITO À AGRICULTURA

Em Cr\$ 1,00 corrente

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS	1974	1977
	VOLUME DE CRÉDITO CONCEDIDO	VOLUME DE CRÉDITO CONCEDIDO
Banco do Brasil	21.269.017,12	60.639.338,67
Banestes	11.216.000,00	106.924.000,00
TOTAL	32.485.017,12	167.563.338,67

FONTE: Banco do Brasil S.A.

BANESTES - Banco do Estado do Espírito Santo S.A.

2.3- CRÉDITO RURAL

a) ALGUNS INDICADORES

b) Financiamentos Concedidos a Produtores e Cooperativas de 1969 a 1976 no Espírito Santo e Brasil

Ano	Espírito Santo				Brasil	
	Contratos				Contratos	
	Número	(%)*	Valor (Cr\$1.000)	(%)*	Número	Valor (Cr\$ 1.000)
1969	14.372	1,26	65.764	1,01	1.145.209	6.489.096
1970	13.485	1,13	97.999	1,06	1.190.592	9.247.965
1971	16.503	1,32	149.798	1,16	1.252.841	12.869.710
1972	17.900	1,41	199.645	1,08	1.266.151	18.668.783
1973	20.361	1,45	291.075	0,96	1.399.684	30.333.910
1974	22.442	1,55	484.908	1,00	1.450.396	48.272.761
1975	31.899	1,72	1.029.220	1,14	1.856.131	89.997.117
1976	28.161	1,54	1.514.245	1,16	1.832.207	130.226.160
TOTAL	165.123	1,45	3.832.654	1,11	11.393.211	346.105.502

FONTE: Banco Central do Brasil

* Representa a participação do Estado em relação ao Brasil

2.3- CRÉDITO RURAL

a) ALGUNS INDICADORES

a) Financiamentos Concedidos a Produtores e Cooperativas de 1969 a 1976

Atividade: Agrícola Finalidade: Custeio - Investimento - Comercialização

Ano	Espírito Santo				Brasil	
	Contratos				Contratos	
	Número	(%)*	Valor (Cr\$ 1.000)	(%)*	Número	Valor (Cr\$ 1.000)
1969	10.737	1,30	39.037	0,87	826.617	4.463.719
1970	9.955	1,15	47.845	0,72	868.734	6.640.038
1971	11.888	1,30	61.635	0,67	917.158	9.209.444
1972	12.885	1,40	92.061	0,69	921.564	13.436.116
1973	15.557	1,52	128.672	0,60	1.025.389	21.274.784
1974	17.391	1,63	231.163	0,66	1.066.007	34.805.401
1975	20.714	1,61	397.460	0,63	1.289.673	63.462.011
1976	20.223	1,53	633.896	0,68	1.320.164	92.953.210
TOTAL	119.370	1,45	1.631.769	0,66	8.235.306	246.244.723

FONTE: Banco Central do Brasil

* Representa a participação do Estado em relação ao Brasil

2.3- CRÉDITO RURAL

a) ALGUNS INDICADORES

c) Crédito Rural Orientado pela EMATER

MUNICÍPIOS	CONTRATOS	VALOR CONTRATOS	Nº DE TÉCNICOS
VITÓRIA			
VILA VELHA			
VIANA	06	812.162.40	1 Nível Superior 2 Nível Médio
SERRA	01	530.000,00	1 Nível Superior
CARIACICA			
SANTA LEOPOLDINA	33	1.133.421.28	1 Nível Médio
ALFREDO CHAVES	19	801.751,03	2 Nível Superior
DONINGOS MARTINS	243	11.590.689.60	2 Nível Superior 1 Nível Médio
FUNDÃO			
GUARAPARI	21	894.231,20	1 Nível Superior
TOTAL	323	15.762.258.51	7 Nível Superior 4 Nível Médio

OBS:-Os contratos dos municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Fundão, estão contemplados aos municípios próximos aos escritórios regionais e central.

- Existem mais 6 técnicos de nível superior, que são da Equipe Regional de Apoio.

ANÁLISE DA TENDÊNCIA A MÉDIO PRAZO DE MODERNIZAÇÃO DO SETOR AGRÍCOLA

As perspectivas de modernização da agricultura devem ser analisadas a partir da observação dos seguintes pontos:

- crédito orientado através da ação conjunta do Banco do Brasil/Banco do Estado do Espírito Santo e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Espírito Santo - EMATER/ES;
- incremento das pesquisas agrícolas através da Empresa Capixaba de Pesquisa Agrícola - EMCAPA;
- aumento de produtividade através do uso de mecanização agrícola e insumos básicos a partir de uma política mais agressiva da Companhia de Engenharia Rural e Mecanização Agrícola - CERMAG e da Companhia de Fomento Agro-industrial - COFAI, respectivamente;
- melhoria no sistema de distribuição e comercialização de produtos horti-fruti-granjeiros que vem sendo efetuada pela CEASA-ES. A consolidação deste sistema se efetivará com a implantação de hortomercados e feiras cobertas, que são objeto de projeto a ser financiado pelo BIRD.

Deve ser ressaltado que essas ações não ocorrem de forma isolada, dada a coordenação efetiva exercida pela Secretaria de Estado da Agricultura, à qual estão subordinadas as diversas empresas mencionadas.

3. SETOR SECUNDÁRIO

3.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS SEGUNDO GÊNERO DE INDÚSTRIA

a) 1967

Preços Correntes

GÊNERO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	VALOR DA PRODUÇÃO (EM CRUZEIROS)		PESSOAL OCUPADO		VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL (EM CRUZEIROS)	
	1.000,00 VALOR	%	Nº	%	1.000,00 VALOR	%
Produtos Alimentares	67.869	41,32	1.878	17,14	11.351	32,42
Química	1.078	0,66	42	0,38	916	2,62
Metalurgia	29.236	17,80	1.274	11,63	471	1,35
Mat. de Transporte	255	0,15	39	0,56	143	0,41
Textil	13.689	8,33	1.119	10,22	4.086	11,67
Comunicações	151	0,09	28	0,26	41	0,12
Minerais n/Metálicos	16.547	10,07	1.834	16,74	7.002	20,00
Papel e Papelão	742	0,45	59	0,54	240	0,69
Vestuário e Calçados	3.024	1,84	413	3,77	612	1,75
Madeira	21.364	13,01	2.599	23,72	5.964	17,04
Material Plástico	142	0,09	24	0,22	79	0,23
Editorial e Gráfica	1.231	0,75	294	2,68	900	2,57
Diversos	283	0,17	37	0,34	134	0,39
Borracha	146	0,09	8	0,07	38	0,11
Mobiliário	6.081	3,70	1.017	9,28	2.140	6,12
Bebidas	1.067	0,65	199	1,82	631	1,81
Couros e Peles	382	0,23	50	0,46	31	0,09
Perfumaria	980	0,60	41	0,37	239	0,69
Indústria de Transformação	164.267	100	10.955	100	35.018	100

FONTE: A Indústria de Transformação no Espírito Santo - BANDES.

b) 1970 - A Preços Correntes

GÊNERO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	ESTABELE CIMENTOS		VALOR DA PRODUÇÃO		PESSOAL OCUPADO		VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Produtos Alimentares	210	11,90	205.748	36,20	2.906	15,49	31.092	20,33
Química	9	0,51	4.386	0,77	112	0,60	2.708	1,77
Metalúrgica	58	3,29	112.241	19,75	2.238	11,93	37.857	24,76
Material de Transporte	15	0,85	993	0,18	100	0,53	417	0,27
Textil	13	0,74	27.532	4,85	1.357	7,23	8.808	5,76
Material Elétrico e de comunicações	8	0,45	663	0,12	44	0,23	176	0,12
Minerais não Metálicos	282	15,98	55.702	9,80	2.605	13,88	25.514	16,68
Papel e Papelão	3	0,17	1.363	0,24	68	0,36	624	0,41
Vestuário e calçado	53	3,00	11.418	2,01	709	3,78	3.459	2,26
Madeira	702	39,77	114.551	20,16	5.925	31,58	27.210	17,79
Material Plástico	4	0,23	700	0,12	47	0,25	192	0,13
Editorial e Gráfica	56	3,17	4.768	0,84	572	3,05	4.041	2,64
Diversos	6	0,34	390	0,07	47	0,25	97	0,06
Borracha	4	0,23	766	0,13	37	0,20	213	0,14
Mobiliário	317	17,96	15.070	2,65	1.560	8,31	5.780	3,78
Produtos Farmecêuticos e Veterinários	2	0,11	144	0,02	14	0,07	61	0,04
Bebidas	11	0,62	8.733	1,54	326	1,74	3.653	2,39
Perfumaria	5	0,28	2.150	0,38	56	0,30	767	0,50
Couros e Peles	7	0,40	980	0,17	42	0,22	258	0,17
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	1.765	100	568.298	100	18.765	100	152.927	100

c) 1974/75 - A Preços Correntes

GÊNERO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	ESTABELECIMENTOS		VALOR DA PRODUÇÃO		PESSOAL OCUPADO		VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
	Produtos alimentares	428	15,29	97.657	40,52	3.906	17,52	63.365
Química	38	1,36	29.138	1,18	189	0,85	11.433	3,28
Metalúrgica	127	4,89	79.125	15,40	3.343	14,99	89.418	25,61
Textil	13	0,46	60.268	2,45	1.357	6,09	4.739	1,36
Mecânica	11	0,39	1.702	0,07	24	0,11	-	-
Material elétrico e de comunicações	29	1,04	7.201	0,29	44	0,20	638	0,18
Minerais não metálicos	289	10,33	172.580	7,01	3.003	13,47	26.152	7,49
Papel e Papelão	102	3,64	42.986	1,75	510	2,29	21.216	6,08
Vestuário e calçados	140	5,00	77.076	3,13	1.534	6,88	9.139	2,62
Madeira	971	34,69	593.742	24,12	5.925	26,57	37.631	10,78
Material Plástico	21	0,75	8.822	0,36	77	0,34	1.008	0,29
Editorial e gráfica	-	-	-	-	-	-	-	-
Diversos	29	1,04	10.704	0,43	54	0,24	469	0,14
Borracha	-	-	-	-	-	-	-	-
Mobiliário	317	11,33	40.881	1,66	1.560	7,00	4.173	1,20
Produtos farmacêuticos e veterinários	2	0,07	196	0,01	14	0,06	61	0,02
Bebidas	230	8,22	33.891	1,38	415	1,86	76.381	21,88
Perfumaria	14	0,50	3.300	0,13	56	0,25	2.147	0,62
Fumo	-	-	-	-	-	-	-	-
Couros e peles	28	1,00	2.627	0,11	285	1,28	1.032	0,30
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	2.799	100	2461896	100	22.296	100	349102	100

3.2. PRINCIPAIS PRODUTOS INDUSTRIAIS
MICRORREGIÃO

A preços de 1977

PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS	VALOR DA PRODUÇÃO 1970		VALOR DA PRODUÇÃO 1974/74	
	VALOR	% SOBRE O VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRI- AL DA MACRORREGI- ÃO NO RAMO	VALOR	% SOBRE O VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRI- AL DA MACRORREGIÃO NO RAMO
1º Prod. Aliment.	89.561	26,04	234.060	71,78
2º Metalurgia	135.170	39,31	1.217	0,37
3º Textil	56.904	16,55	...	-
4º Vestuário e Calçado	16.213	4,72	17.606	5,40
5º Mobiliário	6.390	1,86	21.506	6,60
6º Demais Ramos	39.631	11,52	51.670	15,85
TOTAL	343.869	100,00	326.059	100,00

FONTE: Indústria de Transformação do Espírito Santo - BANDES
Anuário Industrial do Espírito Santo - FINDES
Anuário Industrial do Espírito Santo (1970) - IBGE.

3.2. PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS

A preços de 1977. 01

PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS	VALOR DA PRODUÇÃO 1970		VALOR DA PRODUÇÃO 1974/75	
	VALOR Cr\$ 1.000,00	% SOBRE O VBP DA MACRO- REGIÃO NO RAMO	VALOR Cr\$ 1.000,00	% SOBRE O VBP DA MA- CRORREGIÃO NO RAMO
AFONSO CLÁUDIO				
1º Madeira	8.743	35,97	8.209	71,81
2º Minerais não Metálicos	8.009	32,95	1.170	10,24
3º Produtos Alimentares	5.309	21,84	198	1,73
4º Mobiliário	1.789	7,36	-	-
5º Papel e Papelão	-	-	1.099	9,61
6º Demais Ramos	457	1,88	755	6,61
TOTAL	24.307	100,00	11.431	100,00
ARACRUZ				
1º Madeira	44.689	77,12	77.269	94,69
2º Produtos Alimentares	10.506	18,13	-	-
3º Mobiliário	2.042	3,52	135	0,16
4º Bebidas	-	-	484	0,59
5º Material de Transformação	709	1,22	-	-
6º Demais Ramos	-	-	3.717	4,56
TOTAL	57.946	100,00	81.605	100,00

FONTE: Indústria de Transformação do Espírito Santo - BANDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo - FINDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo (1970) - IBGE

continuação

3.2. PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS

A preços de 1977.

02

PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS	VALOR DA PRODUÇÃO 1970		VALOR DA PRODUÇÃO 1974/75	
	VALOR Cr\$ 1.000,00	% SOBRE O VBP DA MA CORREÇÃO NO RAMO	VALOR Cr\$ 1.000,00	% SOBRE O VBP DA MA CORREÇÃO NO RAMO
CARIACICA				
1º Metalurgia	51.992	27,47	678.970	53,64
2º Produtos Alimentares	78.943	41,70	352.114	27,82
3º Textil	22.753	12,02	133.986	10,59
4º Bebidas	4.267	2,25	40.323	3,19
5º Químico	2.617	1,38	30.155	2,38
6º Demais Ramos	28.729	15,18	30.101	2,38
TOTAL	189.301	100,00	1265.649	100,00
DOMINGOS MARTINS				
1º Bebidas	8.534	35,89	5.977	66,96
2º Madeira	1.725	7,26	1.845	20,67
3º Minerais não Metálicos	2.123	8,93	145	1,62
4º Mobiliário	1.021	4,29	-	-
5º Metalurgia	10.372	43,63	510	5,71
6º Demais Ramos	-	-	449	5,03
TOTAL	23.775	100,00	8.926	100,00

FONTE: Indústria de Transformação do Espírito Santo - BANDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo - FINDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo (1970) - IBGE

continuação

3.2. PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS

A preços de 1977

03

PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS	VALOR DA PRODUÇÃO 1970		VALOR DA PRODUÇÃO 1974/75	
	VALOR CR\$ 1.000,00	% SOBRE O VBP DA MA CORREÇÃO NO RAMO	VALOR CR\$ 1.000,00	% SOBRE O VBP DA MA CORREÇÃO NO RAMO
FUNDÃO				
1º Produtos Alimentares	31.620	78,29	363	2,19
2º Madeira	6.153	15,23	8.223	49,58
3º Química	2.617	6,48	7.989	48,16
4º Bebidas	-	-	12	0,07
5º Demais Ramos	-	-	-	-
TOTAL	40.390	100,00	16.587	100,00

FONTE: Indústria de Transformação do Espírito Santo - BANDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo - FINDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo (1970) - IBGE

3.2- (Cont.)

A Preços de 1977. 04

PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS	VALOR PRODUÇÃO - 1970		VALOR PRODUÇÃO - 1977	
	VALOR Cr\$1.000,00	% SOBRE O VBP DA MA- CRO REGIÃO NO RAMO	VALOR Cr\$1.000,00	% SOBRE O VBP DA MA- CRO REGIÃO NO RAMO
GUARAPARI				
1º) MADEIRA	5.234	45,45	829	15,25
2º) PRODUTOS ALIMENTARES	-	-	1.944	35,77
3º) MINERAIS NÃO METÁLICOS	1.048	9,10	460	8,46
4º) VESTUÁRIOS E CALÇADOS	-	-	1.152	21,20
5º) MOBILIÁRIO	-	-	714	13,14
6º) DEMAIS RAMOS	5.234	45,45	336	6,18
TOTAL	11.516	100,00	5.435	100,00
SANTA LEOPOLDINA				
1º) PRODUTOS ALIMENTARES	26.316	79,48	-	-
2º) MADEIRA	5.234	15,81	509	88,37
3º) MINERAIS NÃO METÁLICOS	1.048	3,17	-	-
4º) MOBILIÁRIO	510	1,54	-	-
5º) BEBIDAS	-	-	67	11,63
6º) DEMAIS RAMOS	-	-	-	-
TOTAL	33.108	100,00	576	100,00

FONTE: Indústria de Transformação do Espírito Santo - BANDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo - FINDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo (1970) - IBGE

3.2- (Cont.)

A Preços de 1977.

PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS	VALOR PRODUÇÃO - 1970		VALOR PRODUÇÃO - 1977	
	VALOR Cr\$1.000.00	% SÔBRE O VBP DA MA- CRO REGIÃO NO RAMO	VALOR Cr\$1.000.00	% SÔBRE O VBP DA MA- CRO REGIÃO NO RAMO
SERRA				
1º) METALURGIA	20.808	53,41	63.415	33,60
2º) MINERAIS NÃO METÁLICOS	2.133	5,48	67.605	35,82
3º) MADEIRA	14.896	38,23	12.475	6,61
4º) PRODUTOS ALIMENTARES	-	-	19.872	10,53
5º) PAPEL E PAPELÃO	-	-	12.889	6,83
6º) DEMAIS RAMOS	1.123	2,88	12.497	6,62
TOTAL	38.960	100,00	188.753	100,00
VIANA				
1º) PRODUTOS ALIMENTARES	-	-	389.283	94,89
2º) METALURGIA	-	-	18.692	4,56
3º) MINERAIS NÃO METÁLICOS	5.299	55,39	1.957	0,48
4º) BEBIDAS	4.267	44,61	-	-
5º) QUÍMICA	-	-	329	0,08
6º) DEMAIS RAMOS	-	-	-	-
TOTAL	9.566	100,00	410.261	100,00

FONTE: Indústria de Transformação do Espírito Santo - BANDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo - FINDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo (1970) - IBGE

3.2- (Cont.)

A Preços de 1977.

PRINCIPAIS RAMOS INDUSTRIAIS	VALOR PRODUÇÃO - 1970		VALOR PRODUÇÃO - 1977	
	VALOR Cr\$1.000.00	% SÔBRE O VBP DA MA- CRO REGIÃO NO RAMO	VALOR Cr\$1.000.00	% SÔBRE O VBP DA MA- CRO REGIÃO NO RAMO
VILA VELHA				
1º) PRODUTOS ALIMENTARES	89.561	26,95	504.161	47,06
2º) METALURGIA	155.977	46,93	415.777	38,81
3º) PAPEL E PAPELÃO	7.325	2,20	35.737	3,34
4º) QUÍMICA	7.857	2,36	23.379	2,18
5º) BEBIDAS	12.795	3,85	16.906	1,58
6º) DEMAIS RAMOS	58.861	17,71	75.420	7,04
TOTAL	332.376	100,00	1.071.380	100,00

A classificação dos ramos industriais para as regiões baseou-se na média do VBP constante de 1970 e 1974/75 (para cada ramo e região). Devido a este critério adotado, alguns municípios não apresentam o VBP (segundo a classificação) em ordem decrescente.

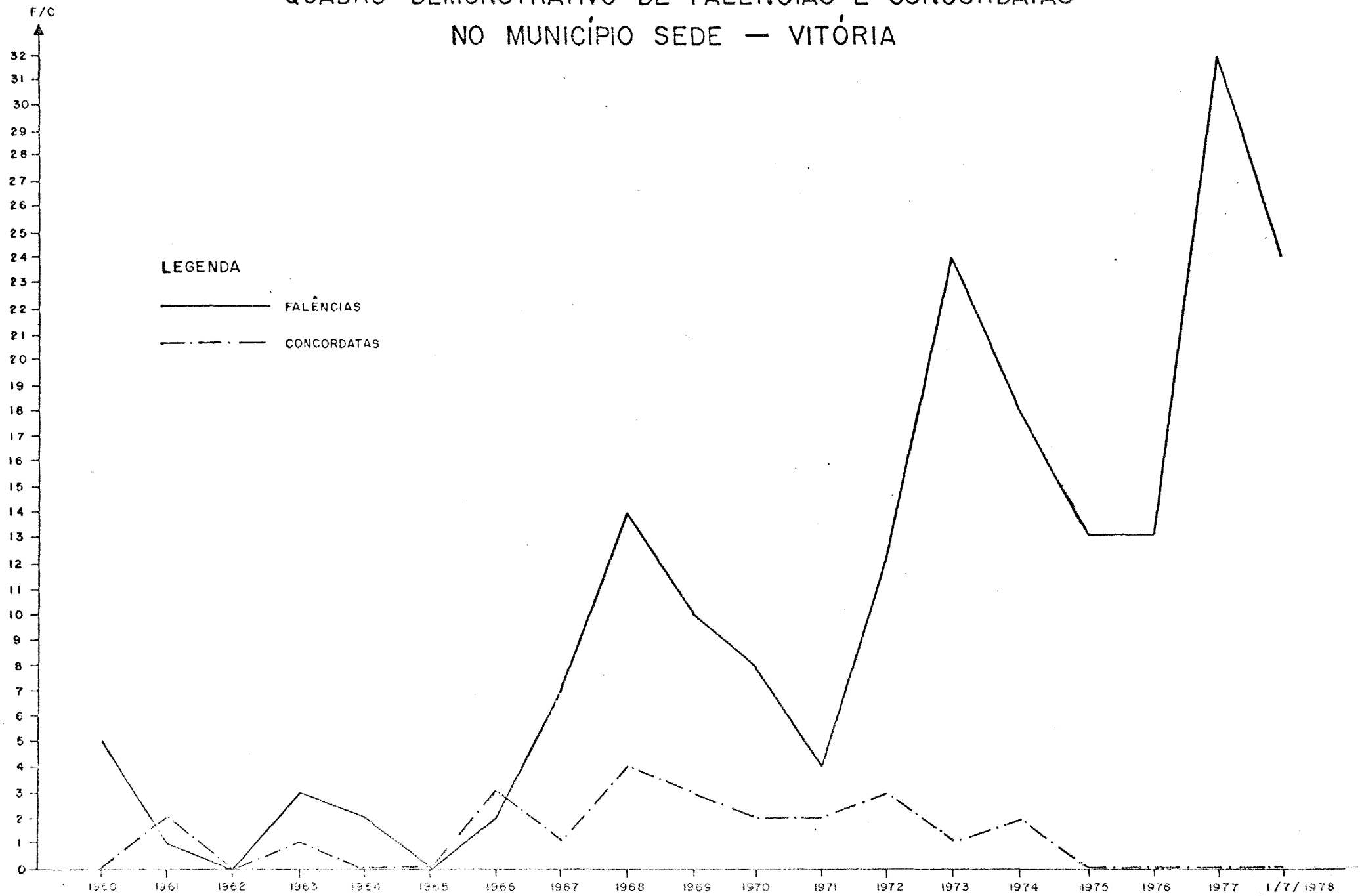
FONTE: Indústria de Transformação do Espírito Santo - BANDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo - FINDES
 Anuário Industrial do Espírito Santo (1970) - IBGE

FALÊNCIAS E CONCORDATAS

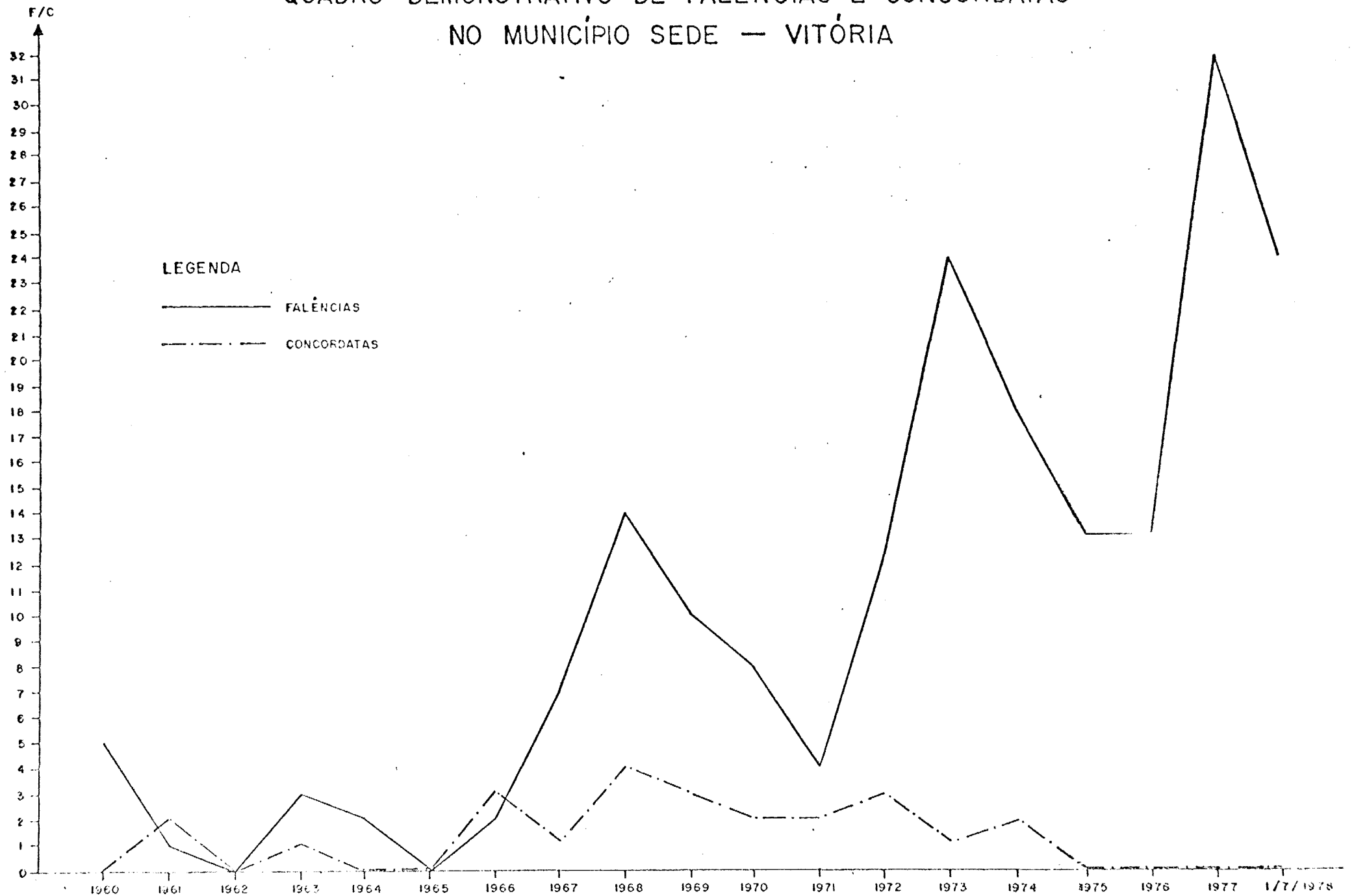
O quadro que se segue caracteriza o perfil evolutivo das falências e concordatas observadas no Município sede - Vitória, para o período de 1960 a 01/07/78. Conseguimos obter os dados em questão no Cartório de Distribuição de Títulos, e eram os únicos informes de que dispunham.

Informou-nos o cartório que as interpretações acerca do número de falências e concordatas devem ser feitas com certa cautela, já que muitas empresas solicitaram concordata e deram início a um processo de falência mas conseguiram recuperar-se - o que não está computado no gráfico.

QUADRO DEMONSTRATIVO DE FALÊNCIAS E CONCORDATAS NO MUNICÍPIO SEDE — VITÓRIA



QUADRO DEMONSTRATIVO DE FALÊNCIAS E CONCORDATAS NO MUNICÍPIO SEDE — VITÓRIA



3.3- CRÉDITO INDUSTRIAL

a) INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS APOIADOS

PELO GERES/BANDES NO PERÍODO 67/77

(Montantes Acumulados)

(Valor a preços constantes de 1977 em Cr\$ 1.000,00)

RAMO E GÊNERO	VALOR TOTAL DOS INVESTIMENTOS INDUS- TRIAIS APOIADOS	PERCENTAGEM (%)
<u>Indústria Extrativa Mineral</u>	<u>21.215,1</u>	<u>0,42</u>
Extração de Minerais.....	21.215,1	0,42
<u>Indústria de Transformação</u>	<u>5.009.407,6</u>	<u>98,29</u>
Minerais não Metálicos.....	644.082,0	12,64
Metalurgia.....	549.121,5	10,77
Mecânica.....	23.089,0	0,45
Material Elétrico e de Comunicação...	125.360,9	2,46
Material de Transporte.....	107.443,0	2,11
Madeira.....	368.721,2	7,23
Mobiliário.....	89.828,9	1,76
Papel e Papelão.....	81.721,8	1,60
Borracha.....	2.300,0	0,05
Couros, Peles e Produtos Similares...	35.694,7	0,70
Química.....	269.877,0	5,30
Produtos Farmacêuticos e Veterinário.	-	-
Perfumaria, Sabões e Velas.....	60.259,9	1,18
Produtos de Matéria Plástica.....	32.540,7	0,64
Têxtil.....	182.551,2	3,58
Vestuário, Calçados e Art. Tecidos...	146.470,7	2,87
Produtos Alimentares.....	1.406.250,0	27,59
Bebidas.....	785.832,9	15,42
Fumo.....	-	-
Editorial e Gráfica.....	24.393,9	0,48
Diversas.....	73.868,3	1,45
<u>Indústria de Construção Civil</u>	<u>65.925,3</u>	<u>1,29</u>
<u>TOTAL</u>	<u>5.096.548,0</u>	<u>100,00</u>

FONTE: Dados fornecidos pela Assessoria de Marketing do BANDES

3.3- CRÉDITO À INDÚSTRIA

Em Cr\$ 1,00 corrente

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS	1974	1977
	VOLUME DE CRÉDITO CONCEDIDO	VOLUME DE CRÉDITO CONCEDIDO
Banco do Brasil	71.728.491,87	251.938.317,12
BANESPA	-	22.129.911,81
BANESTES	128.122.000,00	800.049.000,00
TOTAL	199.850.491,87	1.074.117.228,93

FONTE: Banco do Brasil S.A.

BANESPA

BANESTES

4.3- CRÉDITO AO COMÉRCIO

Em Cr\$ 1,00 corrente

INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS	1974	1977
	VOLUME DE CRÉDITO CONCEDIDO	VOLUME DE CRÉDITO CONCEDIDO
Banco do Brasil	159.328.838,69	668.762.035,38
BANESPA	-	26.425.053,00
BANESTES	317.347.000,00	886.915.000,00
TOTAL	476.675.838,69	1.582.102.088,38

FONTE: Banco do Brasil S.A.

BANESPA

BANESTES

3.3- CRÉDITO INDUSTRIAL

b) DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS INVESTIMENTOS APOIADOS PELO GERES E BANDES-PERÍODO 67/77

Preços Constantes de 1977 - (Cr\$ 1.000,00)

MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA	VALOR DOS INVESTIMENTOS	PERCENTUAL
MRH 203 - Alto São Mateus	2.064,9	0,03
MRH 204 - Colatina	571.083,5	7,29
MRH 205 - Baixada Espírito-Santense	349.485,3	4,46
MRH 206 - Colonial Serrana Esp.-Santense	113.599,2	1,45
MRH 207 - Vitória	5.434.944,6	69,37
MRH 208 - Vertente Oriental do Caparaó	8.250,4	0,10
MRH 209 - Cachoeiro de Itapemirim	580.274,3	7,41
MRH 210 - Litoral Sul Espírito-Santense	270.718,4	3,45
Investimentos não especificados por Microrregião Homogênea	504.180,3	6,44
TOTAL	7.834.600,9	100,00

FONTE: Dados fornecidos pela Assessoria de Marketing do BANDES

3.3 CRÉDITO INDUSTRIAL

TABELA 2.10

C) DEMANDA EM TRAMITAÇÃO DE PROJETOS INDUSTRIAIS

NO BANDES

(Situação em maio/78)

(Valor em CR\$1.000,00 correntes)

GÊNEROS INDUSTRIAIS	VALORES DOS INVE- TIMENTOS TOTAL	PERCENTAGEM (%)
Produtos de Minerais não Metálicos....	84.975,8	4,29
Metalurgia.....	535.576,4	27,04
Mecânica.....	7.516,3	0,38
Material elétrico e comunicações.....	70.394,0	3,55
Mateiral de transporte.....	39.921,0	2,02
Madeira.....	74.484,8	3,76
Mobiliário.....	2.233,5	0,11
Papel e papelão.....	851,0	0,04
Couros, peles e produtos similares....	10.900,0	0,55
Química.....	433.583,0	21,90
Produtos farmacêuticos e veterinários.	206,3	0,01
Produtos de matéria plástica.....	-	-
Têxtil.....	255.000,0	12,87
Vestuário, calçados e artef.de tecidos	18.470,4	0,93
Produtos alimentares.....	258.768,8	13,06
Bebidas.....	172.650,0	8,71
Editorial e gráfica.....	1.641,5	0,08
Diversas.....	13.950,0	0,70
T O T A L	1.981.123,8	100,00

FONTE: BANDES. Relatórios Analíticos.

Taxas de Crescimento das Exportações Efetivas do Espírito Santo por Origem Setorial (Período 65/72)

DISCRIMINAÇÃO	Taxas de Crescimento Anual em %
<u>Industrializados</u>	25,8
- Minerais não-Metálicos.....	31,5
- Metalurgia.....	33,6
- Madeira.....	21,4
- Mobiliário.....	3,8
- Couros, Peles e Similares.....	20,1
- Química.....	20,6
- Têxtil.....	10,8
- Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos.....	38,4
- Produtos Alimentares.....	25,2
- Bebidas.....	8,7
<u>Não-Industrializados</u>	
Extrativa Mineral.....	17,6
Agricultura.....	-6,0
- Lavouras.....	-9,2
- Extrativa Vegeral.....	14,3
- Produção Animal.....	11,5
T O T A L.....	8,4

Fonte: Exportações Efetivas do Espírito Santo 1965/72

BANDES/1965/72

A tendência de crescimento das exportações efetivas de produtos industrializados pelo Espírito Santo deve de vã ser obviamente acentuada no futuro próximo.

MODERNIZAÇÃO INDUSTRIAL - ALGUNS PONTOS E PERSPECTIVAS

A implantação de indústrias motrizes, cuja característica principal é o uso intenso do fator capital, deverá gerar externalidades cujo reflexo principal tende a ser a modernização do setor como um todo.

A relativa escassez de mão-de-obra quando da fase de construção dos chamados Grandes Projetos, aliada à política implícita de incentivo à adoção de tecnologia raramente do tipo "labor intensive", deverão redundar na utilização de técnicas mais avançadas nas diversas atividades industriais, inclusive na construção civil que vez por outra é afetada por aumentos em seus custos de produção a partir de incrementos nos salários ditados por forças do mercado.

4.4 SUB SETOR COMERCIO

a) Características Gerais

a.1. 1970

Em CR\$ 1.000,00 a preços de 1970

COMÉRCIO	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VALOR DE VENDAS	
	Nº	%	Nº	%	VALOR	%
Atacadista	171	5,0	7.399	67,5	1293000	70,0
Varejista	3.248	95,0	3.559	32,5	554100	30,0
TOTAL	3.419	100	10.958	100	1847.100	100

FONTE: Censo Comercial IBGE

a.2. 1960

Distrito Sede

Em CR\$ 1.000,00 a preços de 1960

COMÉRCIO	ESTABELECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		VALOR DE VENDAS		% EM REL. MICRORREG.
	Nº	%	Nº	%	VALOR	%	
Atacadista	154	9,5	1.122	24,5	5784391	71,0	96,0
Varejista	1.466	90,5	3.452	75,5	2355152	29,0	90,0
TOTAL	1.620	100	4.574	100	8139543	100	186,0

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO/1960

b) PRINCIPAIS PRODUTOS COMERCIALIZADOS
COMÉRCIO ATACADISTA

Em Cr\$ 1.000,00

PRODUTOS	1960 (preço de 60)		1970 (preço de 70)	
	VALOR COMERCIALIZADO	PRINCIPAL MERC. CONS.	VALOR COMER CIALIZADO	PRINCIPAL MERC. CONS.
1º) Produtos Agro Pec. Extrativ.	5.065.694	G. Vit. Rio S.P Bras. BH	839.339	G.Vit. Rio S.P Bras. BH
2º) Prod. Aliment. Beb. Estimul.	1.883.790	Esp. Santo Sul da Bahia	312.488	Esp. Santo Sul da Bahia
3º) Combust. e Lubrificantes	911.707	Esp. Santo	151.485	Esp. Santo
4º) Ferrag. Prod. Mét. Mat. Const.	176.303	Esp. Santo	29.263	Esp. Santo
5º) Maq. Aparelhos Equip. Industriais	72.457	Esp. Santo	12.446	Esp. Santo
6º) Prod. Quim. e Farmaceuticos	60.375	Esp. Santo	10.163	Esp. Santo

FONTE: 1970 - Censo Comercial 1970 IBGE

1960 - Extrapolado do Censo Comercial de 1960 do IBGE aos
percentuais de 1970

Os seguintes pontos merecem destaque:

- a posição estratégica da Microrregião e principalmente da Aglomeração Urbana da Grande Vitória, cortadas pela BR 101 e ponto intermediário entre o grande mercado consumidor do eixo Rio-São Paulo e um grande centro receptor de turismo que é o Nordeste;
- a privilegiada natureza que colocou lado a lado das belas praias da região, a opção de montanha com altitudes que ultrapassam os 600 metros, sendo o percurso mar-montanha inferior a 60 quilômetros;
- o dinamismo econômico da região que tem motivado um grande fluxo de pessoas com objetivos comerciais.

A potencialidade da região no que diz respeito ao setor, portanto, contempla tanto o turismo de trânsito quanto o de lazer e o de negócios.

A.1) VITÓRIA

I) MODALIDADES DE TURISMO EXISTENTES

- a) Férias: sim
- b) Fins de semana: sim
- c) Feriados: sim
- d) Negócios: sim

II) SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

- a) Altitude: 03 metros
- b) Área: 81km² - integra a microrregião homogênea 5
- c) Temperatura média anual: máxima - 36 graus
mínima: 15,8 graus

III) CLIMA: Temperado

IV) LIMITES

Norte: Serra
Sul: Vila Velha
Leste: Oceano Atlântico
Oeste: Cariacica

V) FORMAÇÕES ROCHOSAS

Ao Sul da baía de Vitória

- Morro Muxauara (724m)
- Monte Moreno (274m)
- Morro da Penha (Convento da Penha - 140m)
- Pico do Jucu (200m)
- Morro da Capuaba ou do Atalaia (100m)
- Morro do Cobi (200m)

Ao Norte da baía de Vitória:

- Morro do Suã (122m)
- Morro do Itapemirim (120m)
- Morro do Chalé (223m)
- Pico do Frei Leopardi (Torre da TV Vitória)

Outros:

- Morro do Mestre Alvo
- Pedra do Penedo

Ilhas:

Na entrada da baía de Vitória:

- Ilha do Fato
- Ilha da Rosa
- Ilha Rasa
- Ilha do Frade
- Ilha Galheta de Fora
- Ilha Galheta de Dentro
- Ilha do Boi
- Ilha da Baleia
- Ilha da Fumaça

Dentro da baía de Vitória:

- Ilha do Bode
- Ilha do Sururu
- Ilha Rasinha
- Ilha da Pólvora
- Ilha Cinzenta
- Ilha do Papagaio
- Ilha Maria Caturé
- Ilha da Força
- Ilha das Cobras
- Ilha do Urubu
- Ilha do Príncipe
- Ilha de Itaquari
- Ilha da Cal
- Ilha das Caieiras

Ilhas Costeiras:

- Ilha dos Pacotes
- Ilha das Graças
- Ilha do Jucu
- Ilha Caieira
- Três Ilhas
- Ilha Escalvada
- Ilha Setiba
- Ilha Pina
- Ilha da Raposa

VI) VIAS DE TRANSPORTES

a) Rodovias: BR 262 (Vit.xBH)

BR 101 (VitxSalvador e Rio de Janeiro)

BR 101 e ES 46 (Interliga os municípios)

b) Aeroportos: Aeroporto Eurico de Aguiar Salles (em Goiabeiras)

c) Portos: Porto de Vitória

VII) MEIOS DE HOSPEDAGEM

Nº HOTEIS	17
Nº APARTAMENTOS	451
Nº QUARTOS	30
Nº LEITOS	1.429

VIII) BARES, BOATES E RESTAURANTES

BARES	14
BOATES	3
RESTAURANTES	18

IX) EVENTOS

05 a 11 de Janeiro - Campeonato de Pesca (Iate Clube do E.S.)

12 a 21 de Março - Painel de Desenvolvimento do Espírito Santo

07 a 15 de Maio - Feira de Arte
24 a 27 de Junho - Feira dos Municípios
19 de Agosto - Semana do Folclore
08 de Setembro - Dia do Município
30 de Outubro - Exposição de Orquídeas
08 a 09 de Dezembro - Reunião dos Secretários do Planejamento

X) ARTESANATO

ATIVIDADE	Nº ESTABELECIMENTOS
Barro	2
Vidro	1
Couro	2
Outros	2
TOTAL	7

XI) PONTOS E ATRAÇÕES TURÍSTICAS

a) Recursos Naturais:

Pedra do Penedo

Pico Frei Leopardi ou frei e leopardo, ou, ainda, pedra dos
Dois Olhos

Ilha do Boi

Ilha do Frade

Praia de Camburi

Praia do Aterro

Praia do Canto

XII) SERVIÇOS TURÍSTICOS:

EMCATUR - Empresa Capixaba de Turismo S/A

Rua Graciano Neves, 165 - Centro

Posto de Informações do Aeroporto Eurico Salles

Aeroporto - Goiabeiras

Prefeitura Municipal de Vitória

A.2) VILA VELHA

I) MODALIDADES DE TURISMO EXISTENTES

- a) Férias: sim
- b) Fins de semana: sim
- c) Feriados: sim
- d) Negócios: sim

II) Vila Velha, limita-se ao Norte com Vitória, ao Sul com Guarapari, a Leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com Cariacica e Viana. Es tã situado numa área de 232km² e o clima é quente.

III) PRAIAS: da Costa, Itapuã, Itaparica, Ponta da Fruta, Barra do Jucu e Concha.

IV) RIOS: Jucu, da Costa, Churi e Marinho

V) LAGOAS: Tapera, Grande, Jabaeté e Vermelha

VI) FORMAÇÕES ROCHOSAS: Morro Moreno, da Penha, do Cobi e São Torquato

VII) ILHAS: dos Pombos, das Cobras

VIII) VIAS DE TRANSPORTES

- Rodovias: BR 101 - Estende-se aos mais importantes centros produtores, constituindo-se em escoadouro para o Porto de Vitória e para os mercados consumidores de outras praças. Sua importância sócio-econômica é patente incontestável
- Estaduais: Jones dos Santos Neves e Carlos Lindemberg, que liga Vila Velha à capital do Estado, num percurso de 12km.
- Aeroportos: O município dispõe de um campo de pouso pertencente ao Aero Clube do ES.

- Ferrovias: Estrada de Ferro Santa Leopoldina, da Rede Ferroviária Federal. Liga Vitória ao Rio de Janeiro, passando por Campos e Cachoeiro de Itapemirim. Há 03km de linhas no interior do Município é uma estação no Distrito de Argolas, terminal da ferrovia.
- Portos: Constitui-se das seguintes unidades -
Cais de Minério Fino, Cais Eumenes Guimarães e Cais de Carvão.

IX) MEIOS DE HOSPEDAGEM

Nº HOTEIS	5
Nº APARTAMENTOS	141
Nº LEITOS	303
Nº QUARTOS	9

X) BARES, BOATES E RESTAURANTES

BARES	1
BOATES	3
RESTAURANTES	6

XI) EVENTOS

Festa de Nossa Senhora da Penha (data móvel)
Colonização do Solo Espírito Santense (23 de Maio)

XII) ARTESANATO: Cinco estabelecimentos dedicam-se aos variados tipos da atividade.

XIII) PONTOS DE ATRAÇÕES TURÍSTICAS

Convento da Penha
Matriz Nossa Senhora do Rosário
Busto do Almirante
Obelisco a Vasco Fernandes Coutinho

Templo do Divino E. Santo
Praça Duque de Caxias
Farol Santa Luzia
Fábrica de Chocolates Garoto
Lagoa Vermelha
Escola de Aprendizes Marinheiros
Quartel do 3º Batalhão de Caçadores

XIV) CENTRO DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA

Prefeitura Municipal

A.3) GUARAPARI

I) MODALIDADE DE TURISMO EXISTENTE

- a) Férias: sim
- b) Fins de semana: sim
- c) Feriados: sim
- d) Negócios: não

II) SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

Área: 606km² (microrregião 8)

Clima: Temperado

Limites: Norte - Vila Velha, Viçosa e Domingos Martins

Sul - Anchieta

Leste - Oceano Atlântico

Oeste - Anchieta e Alfredo Chaves

III) HIDROGRAFIA

Praias: do Meio, Areia Preta, Castanheiras, dos Namorados, Setiba, Santa Mônica, Três Praias, Praia do Morro, Enseada Azul, Guanabara e outras menos procuradas.

Lagoas: Mãe-bã

Quedas d'água: Cachoeira Iracema

Formações Rochosas: Serra do Batatal, Cordilheira da Baía Nova, Morro das Palmeiras, Morro da Baía Nova e Morro do Iguape.

IV) VIAS DE TRANSPORTE

Rodovias: BR 101

ES 24

V) EMPRESAS DE TRANSPORTE

Itapemirim e Alvorada

VI) MEIOS DE HOSPEDAGEM

Nº HOTEIS	18
Nº APARTAMENTOS	451
Nº QUARTOS	30
Nº LEITOS	1.429

VII) INSTALAÇÕES PARA CAMPING

Camping Clube do Brasil (Praia de Setiba)
Cambras (próximo ao Country Clube)

VIII) BARES, BOATES E RESTAURANTES

Nº BARES	4
Nº BOATES	2
Nº RESTAURANTES	15

IX) RECREAÇÃO

Barcos, pedalinhos e pranchas de aluguel
Bicicletas de aluguel
Cavalos de aluguel
Material de pesca
Cinema
Clubes Sociais

A.4) DOMINGOS MARTINS

I) MODALIDADE DE TURISMO EXISTENTE

- a) Férias: sim
- b) Fins de semana: sim
- c) Feriados: sim
- d) Negócios: não

II) SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

- a) Altitude: aproximadamente 1.400m
- b) Área: 1.434km² (microrregião.4)
- c) Limites: Norte - Santa Leopoldina
Sul - Guarapari, Alfredo Chaves e Cachoeiro de Itapemirim
Leste: Cariacica e Viana
Oeste: Castelo, Conceição do Castelo e Afonso Cláudio

III) CLIMA: temperado

IV) HIDROGRAFIA

Rios: Jucu e seus afluentes
Quedas d'água: Cascata do Galo

V) FORMAÇÕES ROCHOSAS

Pico do Tamanco, na fronteira com Conceição do Castelo; Castelo, Cachoeiro de Itapemirim, Pedra Branca, Pedra do Galo e Pedra Azul

VI) MEIOS DE HOSPEDAGEM

Nº HOTEIS	2
Nº APARTAMENTOS	48
Nº QUARTOS	-
Nº LEITOS	118

VII) BARES E RESTAURANTES

Nº BARES	3
Nº RESTAURANTES	2

VIII) EMPRESA DE TRANSPORTE

Viação Domingos Martins: com linhas para Marechal Floriano, Santa Isabel e Vitória

IX) VIAS DE TRANSPORTE: BR 262

BR 101

X) EVENTOS

Festa da Laranja (em Araguaia - data móvel)

Festas dos Vinhos e das Frutas (em Aracê - data móvel)

Dia do Município (mês de Junho)

Festa de Corpus Christi (em Paraju - data móvel)

XI) ARTESANATO: Vinho de frutas da região

XII) PONTOS DE ATRAÇÕES TURÍSTICAS

Cascata do Galo

Pico do Tamanco

Pedra Branca

Pedra do Galo

Pedra Azul

A.5) SERRA

I) MODALIDADES DE TURISMO EXISTENTES

- a) Férias: sim
- b) Feriados: sim
- c) Fins de semana: sim
- d) Negócios: sim

II) A Serra: limita-se ao Norte com Fundão, ao Sul com Cariacica e Vitória, a Leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com Santa Leopoldina. Possui uma área de 547km² e clima quente.

III) PRAIAS

Jacaraípe, Nova Almeida, Carapebus e Manguinhos

IV) RIOS

Reis Magos, Petiri, Jacaraípe, Juá, Córregos da Serra e Campinho, Santa Maria da Vitória, Pitanga e outros

V) LAGOA

Jacunen

VI) FORMAÇÕES ROCHOSAS

Monte Mestre Alvaro

VII) TRANSPORTE URBANO

Duas linhas de ônibus

VIII) MEIOS DE HOSPEDAGEM

Nº HOTEIS	3
Nº APARTAMENTOS	41
Nº QUARTOS	31
Nº LEITOS	151

IX) BARES, BOATES E RESTAURANTES

Nº BARES	5
Nº RESTAURANTES	11
Nº BOATES	3

X) INSTALAÇÕES PARA CAMPING

Dalla's Camping (Manguinhos)
Serra Verde Camping Clube (Jacaraípe)

XI) EVENTOS

No período de 24 a 27 de Dezembro, a Serra celebra seu dia de fundação e a Festa de São Benedito.

XII) PONTOS E ATRAÇÕES TURÍSTICAS

Igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida

Igreja Nossa Senhora da Conceição, na Serra

Carapebus - com suas lagoas cortas por apenas uma faixa de areia

Manguinhos - tem excelentes pontos para a pesca de linha e praias virgens

Jacaraípe - é muito procurada pela beleza de suas praias e pela intensa vida noturna no verão

Nova Almeida - recebe grande fluxo de veranistas sem perder sua tranquilidade natural. Na parte alta da vila, diante da larga praça contornada por palmeiras imperiais, a Igreja e Convento dos Reis Magos, construída pelos Jesuítas, domina as casas que ainda guardam a mesma formação que deu início ao povoado.

Morro do Mestre Alvo - é também conhecido pelo nome de Morro do Mestre Álvaro.

Lagoa - Jacunem

Comida típica - muqueca

Centro de Informação Turística Municipal - Prefeitura da Serra

XIII) VIAS DE TRANSPORTE

Rodovias: BR 101

ES 02

ES 26

ES 29

ES 27

A.6) SANTA LEOPOLDINA

I) MODALIDADES DE TURISMO EXISTENTES

- a) Férias: não
- b) Fins de semana: sim
- c) Feriados: sim
- d) Negócios: não

II) Santa Leopoldina limita-se ao Norte com Santa Tereza e Itarana, ao Sul com Domingos Martins, a Leste com Serra, Fundão e Cariacica, e a Oeste com Afonso Cláudio e Itarana. O clima é variado e a temperatura média anual, é de 22.3 graus.

Banhada pelo rio Santa Maria, cuja bacia ocupa uma área de 1.548km². Situa-se ali, a Estação Hidroelétrica de Rio Bonito e a Hidroelétrica de Suíça. Suas cachoeiras são em volume d'água as maiores do Estado. Concorrem ainda os rios: Veado, São Sebastião, Claro, São Luiz, Bonito, Timbuí, Seco, Caramuru e Califórnia da Prata.

III) QUEDAS D'ÁGUA: Vêu de Noiva, Fumaça I e II, Pagung do Funil.

IV) FORMAÇÕES ROCHOSAS: sua topografia é bastante acidentada

V) MEIOS DE HOSPEDAGEM: pensões

VI) BARES E RESTAURANTES

Nº BARES	2
Nº RESTAURANTES	4

VII) PONTOS E ATRAÇÕES TURÍSTICAS

- Museu do Colono - também chamado de Museu do Imigrante, foi reinaugurado no dia 22 de Dezembro de 1973. Está aberto para visitaçãõ diariamente, exceto às segundas-feiras.

- Usina Suíça
- Represa Rio Bonito
- Cachoeira Vêu de Noiva
- Cachoeiro Pagung do Funil
- Cachoeira I e II

A.7) ARACRUZ

I) MODALIDADES DE TURISMO EXISTENTE

- a) Férias: sim
- b) Fins de semana: sim
- c) Feriados: sim
- d) Negócios: sim

II) SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

- a) Área: 1.390km² (microrregião homogênea 3)
- b) Clima: quente
- c) Temperatura média anual: máxima - 28 graus
mínima - 19 graus
- d) Limites: Norte - Linhares
Sul - Fundão
Leste - Oceano Atlântico
Oeste - Ibirapu
- e) Hidrografia:
 - Praias - Formosa, Santa Cruz, Água Branca, Petiri, Barra do Saí, Barra do Riacho e Combóios
 - Rios - Piraqueçu, Piraque-Mirim, Santa Maria, Saí, Riacho
 - Lagoas - Aguiar, do Meio, de Baixo

III) FORMAÇÕES ROCHOSAS

Montanhas: Picuã, Pelado e Aricanga

IV) VIAS DE TRANSPORTE

- a) Rodovia: BR 101 (Federal)
 - Estaduais: Ibirapu-Aracruz - 12km
 - Vitória-Aracruz - 74km
 - Vitória-Santa Cruz - 43km

V) MEIOS DE HOSPEDAGEM

Nº HOTEIS	3
Nº APARTAMENTOS	12
Nº LEITOS	105

VI) BARES, BOATES E RESTAURANTES

BARES	2
BOATES	1
RESTAURANTES	1

VII) EVENTOS

Aracruz: 24 de Junho - religiosa e cívica
Vila do Riacho: 26 de Dezembro - folclore
Barra do Riacho: 20 de Janeiro - religiosa
Santa Cruz: religiosa

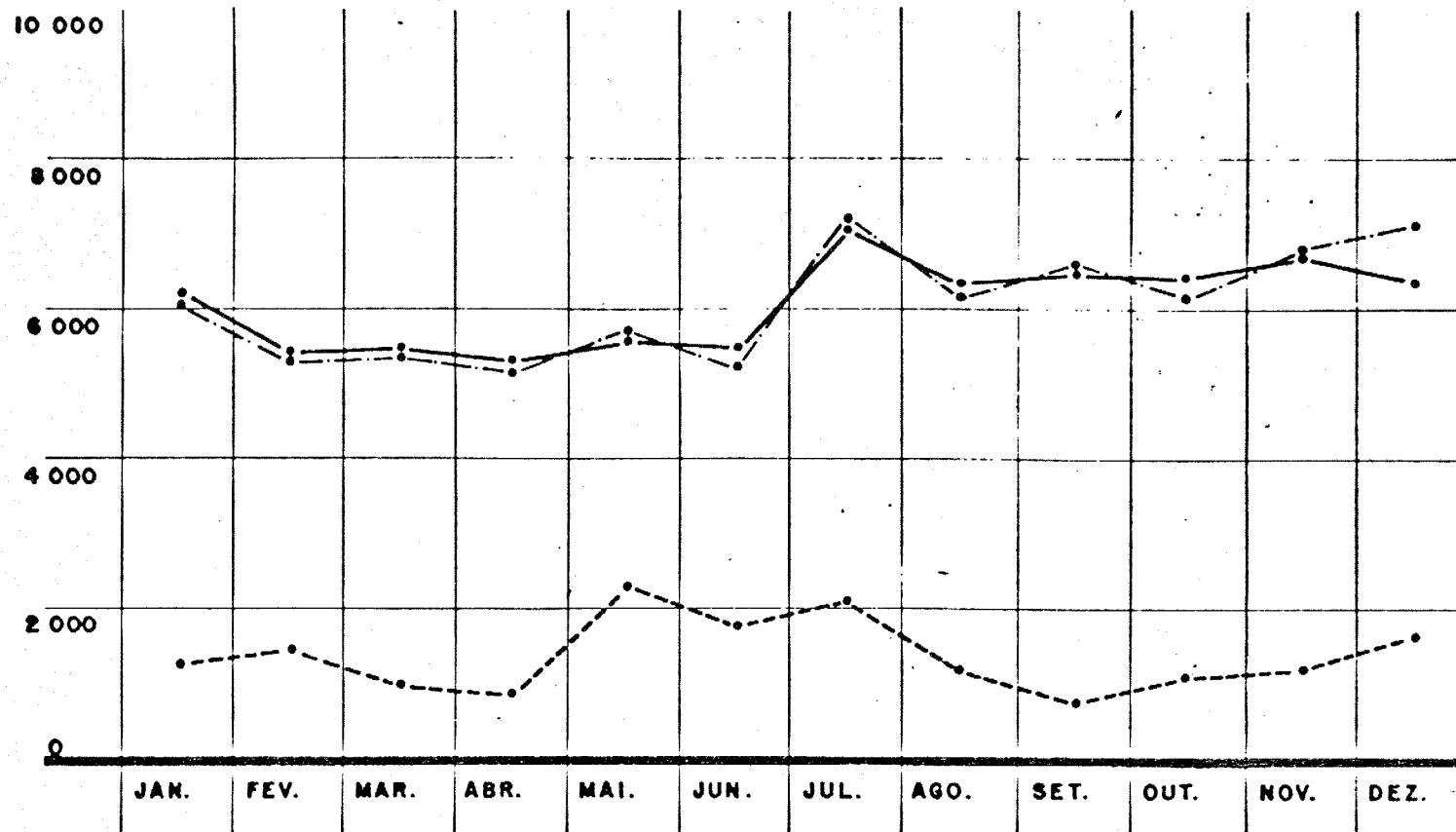
B.

DEMANDA

B.1) FLUXO AÉREO

FLUXO AEREO MOVIMENTO DE PASSAGEIROS AEROPORTO EURICO SALLES

1975

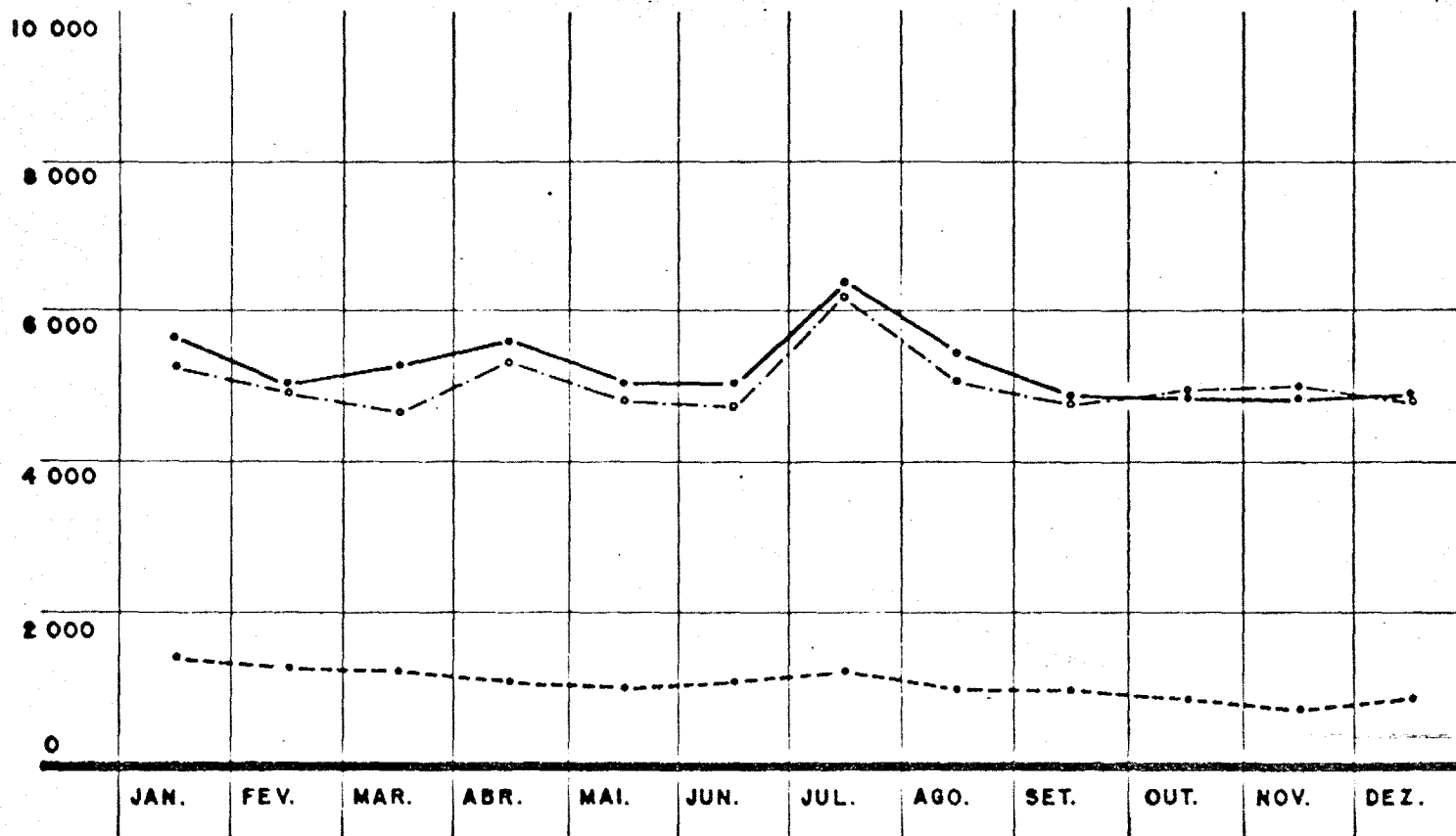


LEGENDA

- EMBARCADOS
- - - DESEMBARCADOS
- · · EM TRÂNSITO

FONTE: DEPARTAMENTO DE AERONÁUTICA CIVIL - DAC
INFRAERO - AEROPORTO EURICO SALLES

FLUXO AEREO
MOVIMENTO DE PASSAGEIROS
AEROPORTO EURICO SALLES
 1974



LEGENDA

- EMBARCADOS
- - - DESEMBARCADOS
- ... EM TRÂNSITO

FONTE: DEPARTAMENTO DE AERONÁUTICA CIVIL-DAC
 INFRAERO - AEROPORTO EURICO SALLES

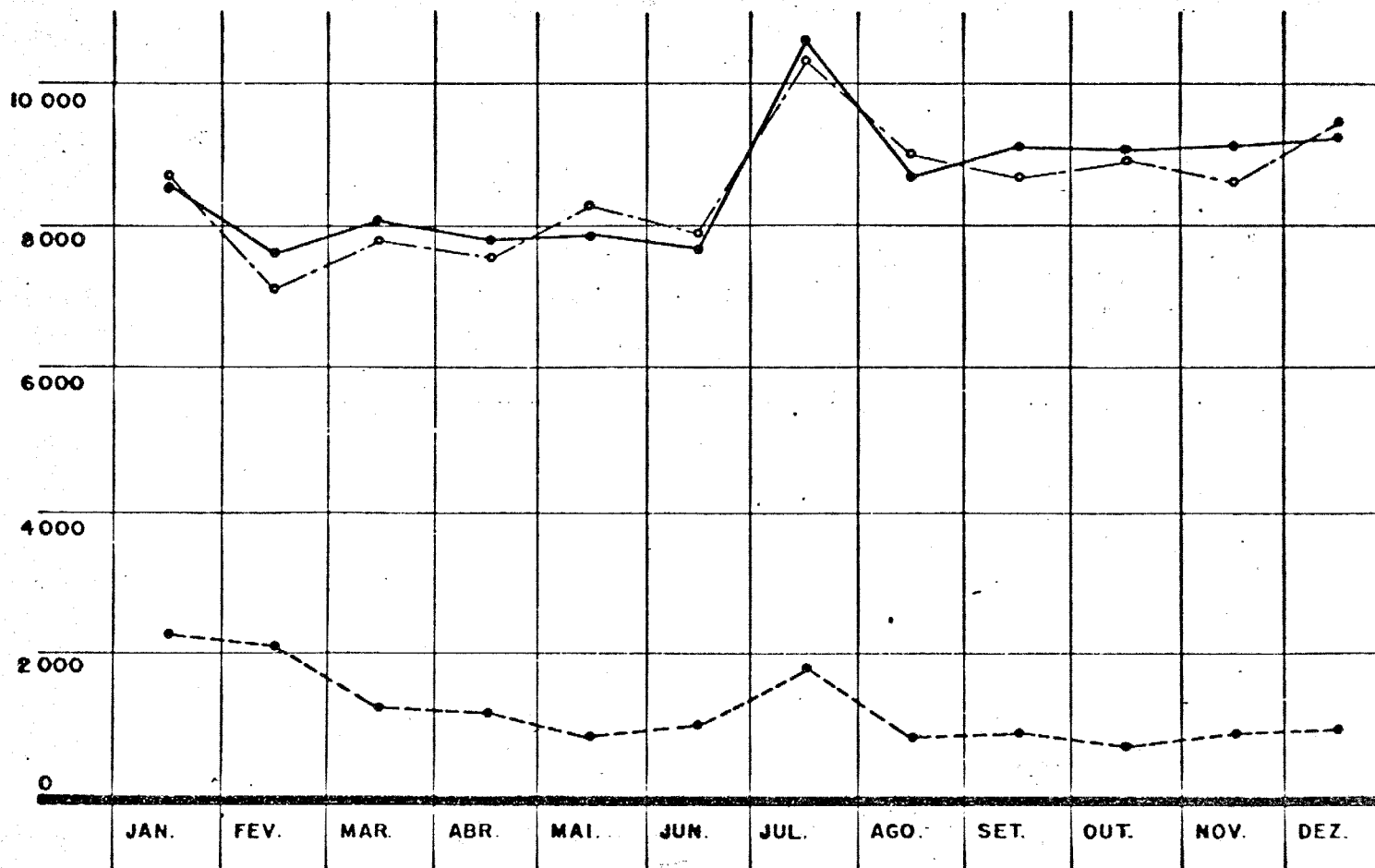
FIGURA Nº 5

FLUXO AÉREO

MOVIMENTO DE PASSAGEIROS

AEROPORTO EURICO SALLES

1977



LEGENDA

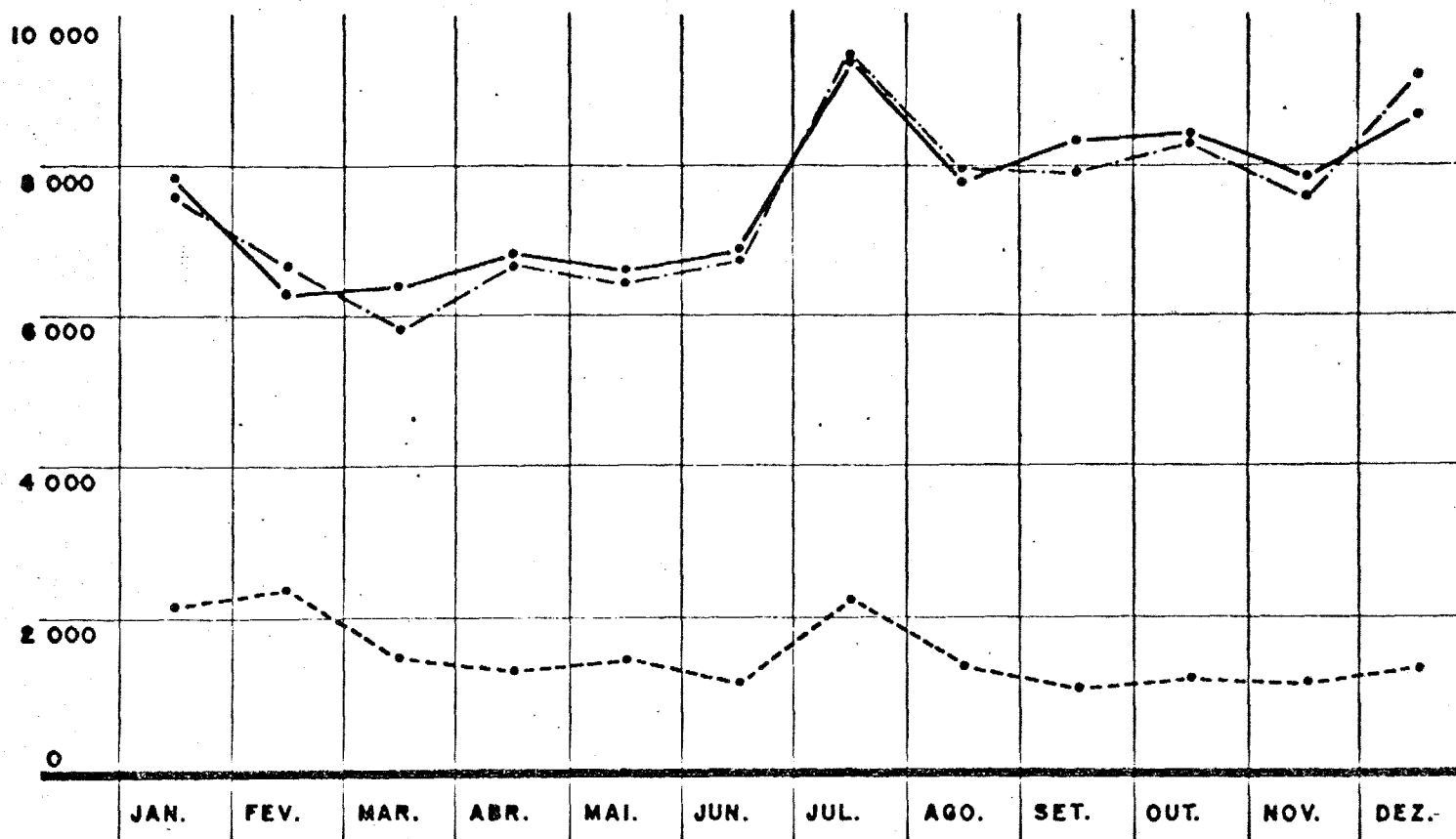
- EMBARCADOS
- - - DESEMBARCADOS
- · · EM TRÂNSITO

FONTE: DEPARTAMENTO DE AERONÁUTICA CIVIL - DAC

FIGURA Nº 4

FLUXO AÉREO MOVIMENTO DE PASSAGEIROS AEROPORTO EURICO SALLES

1976



LEGENDA:

- EMBARCADOS
- - - - DESEMBARCADOS
- EM TRÂNSITO

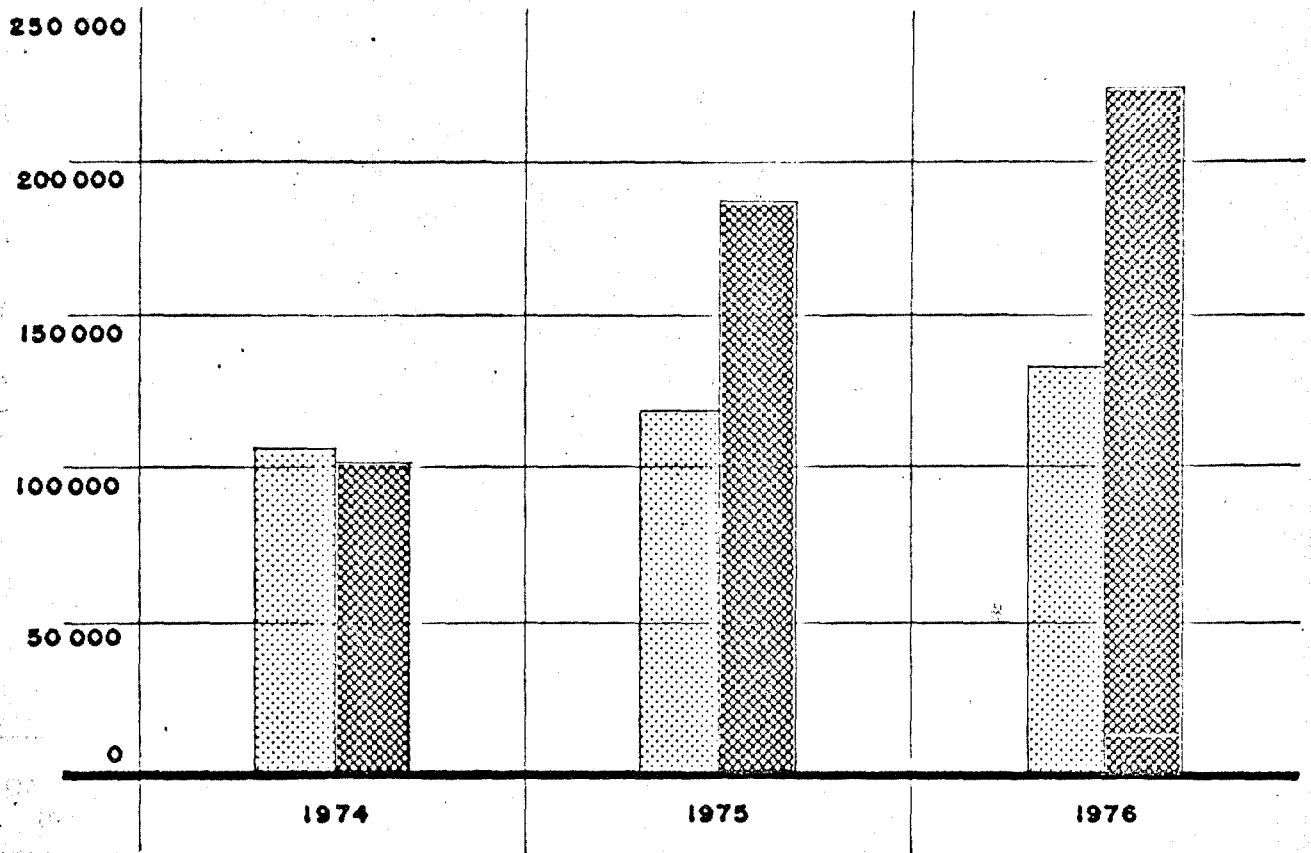
FONTE: DEPARTAMENTO DE AERONÁUTICA CIVIL - DAC
INFRAERO - AEROPORTO EURICO SALLES

B.2) FLUXO RODOVIÁRIO

FIGURA Nº 6

**FLUXO RODOVIÁRIO
VITÓRIA/RIO DE JANEIRO/VITÓRIA**

1974/1976



LEGENDA

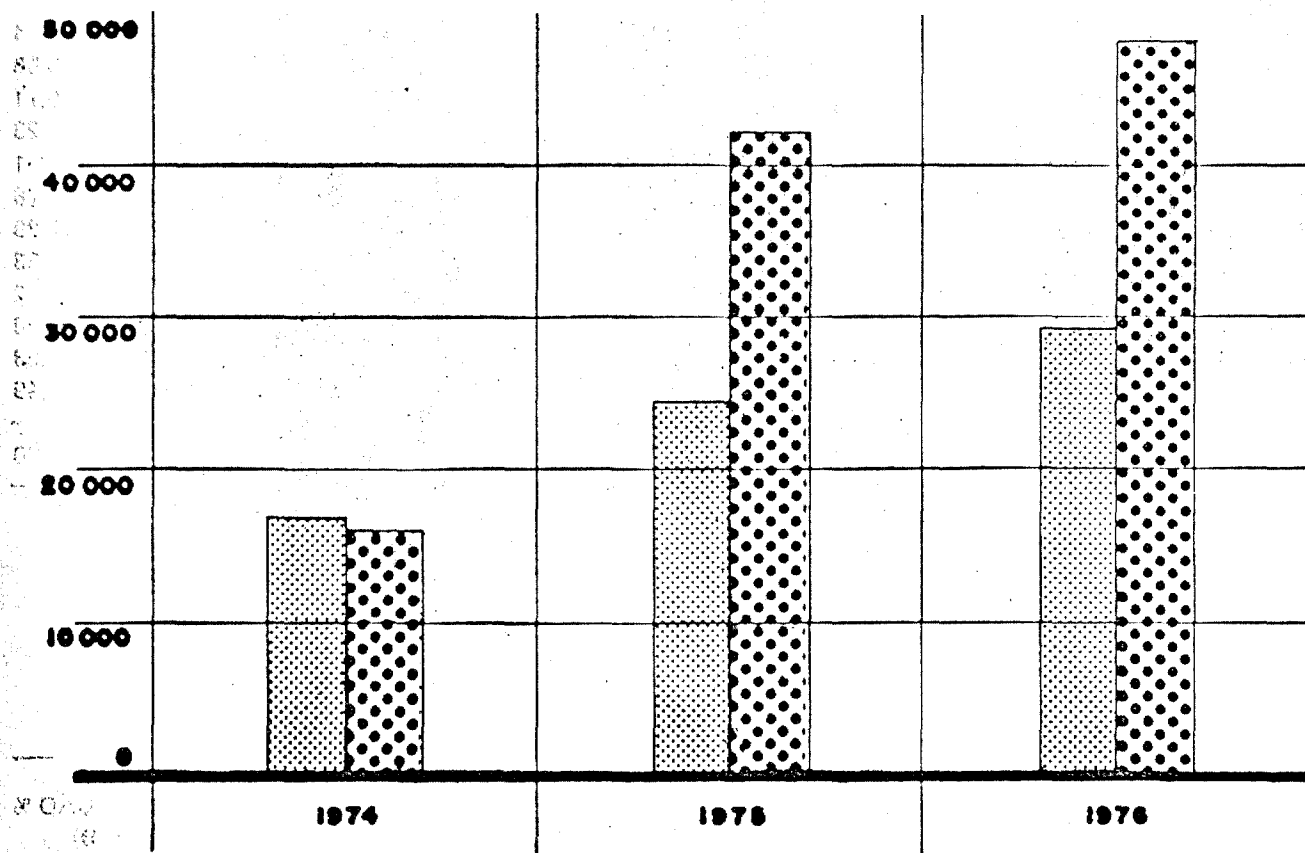
- VITÓRIA/RIO DE JANEIRO
- RIO DE JANEIRO/VITÓRIA

FONTE: DNER - VIAÇÃO ITAPEMIRIM



FIGURA Nº 7

FLUXO RODOVIÁRIO VITÓRIA/SÃO PAULO/VITÓRIA

1974/1976



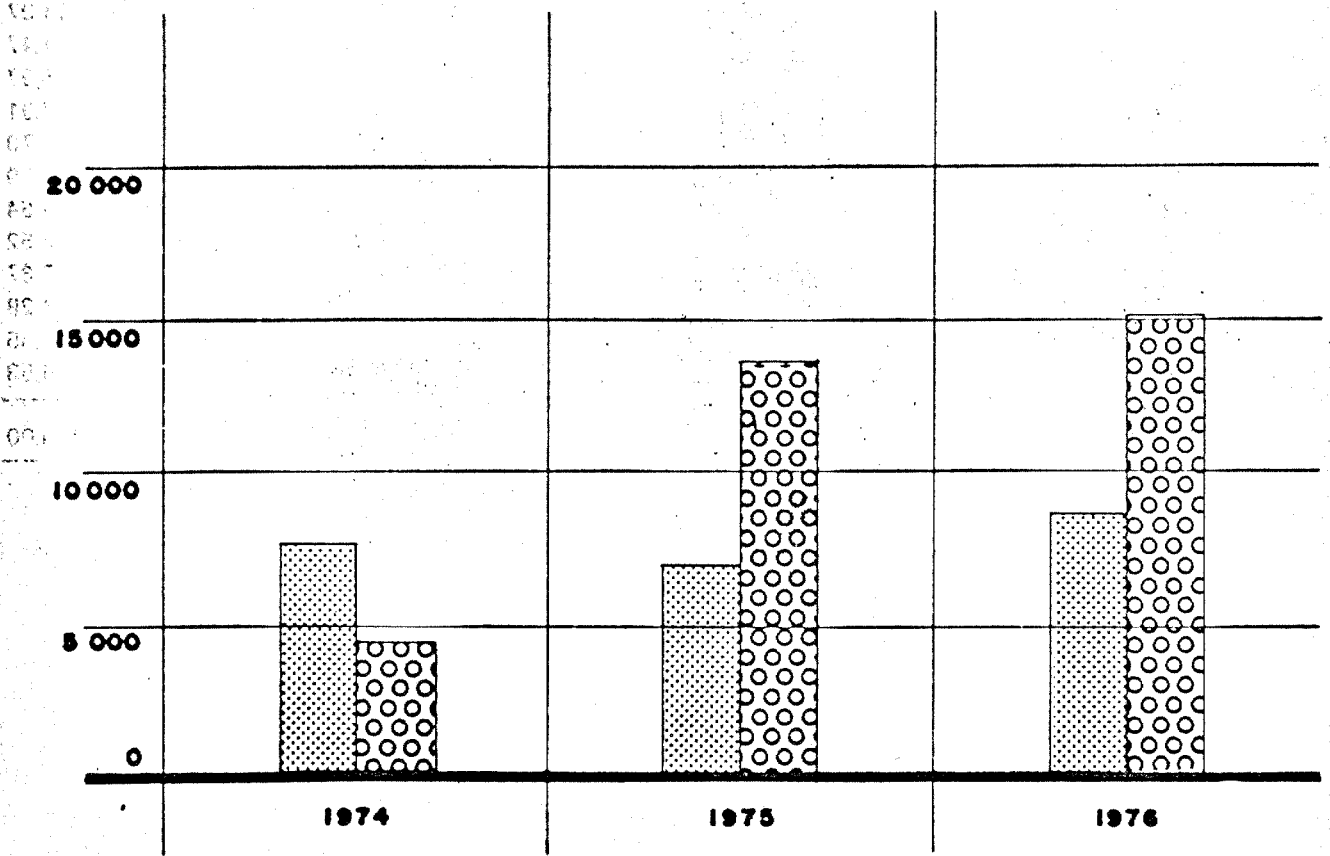
LEGENDA

 VITÓRIA / SÃO PAULO
 SÃO PAULO / VITÓRIA

FONTE: DNER - VIAÇÃO ITAPEMIRIM

FIGURA Nº 8

FLUXO RODOVIÁRIO VITÓRIA / BAHIA / VITÓRIA 1974 / 1976



LEGENDA

..... VITÓRIA / BAHIA
○○○○ BAHIA / VITÓRIA

FONTE : DNER - VIAÇÃO ITAPEMIRIM

C.

PROGRAMA DE RECURSOS HUMANOS

QUADRO 2

Programa de Recursos Humanos

Programa de Recursos Humanos
 -- Treinamento de Mão-de-Obra para o Setor Turismo

1975

CURSO	Nº DE TREINANDOS		ORIGEM DOS RECURSOS	TOTAL TURMAS
	MATRICULADOS	APROVADOS		
Garção	182	166	PIPMO/SENAC	6
Garção	37	36	ADEPE/SENAC	1
Aperfeiçoamento de Garção	25	19	PIPMO/SENAC	1
Aperfeiçoamento de Garção	42	31	ADEPE/SENAC	1
Servente	11	11	PIPMO/SENAC/ARACRUZ FLORESTAL	1
Auxiliar de Cozinha	32	27	PIPMO/SENAC	2
Auxiliar de Garção	5	5	BANDES/SENAC	1
Auxiliar de Garção	14	8	SENAC	1
Aperfeiçoamento de Auxiliar de Garção	15	15	SESC/SENAC	1
Aperfeiçoamento de Auxiliar de Cozinha	10	10	SESC/SENAC	1
Arrumador	49	44	PIPMO/SENAC/FUNDEP	1
Total	422	372	-	17

Fonte: SENAC

Divisão de Formação Profissional -- D.F.P.

QUADRO 1

Programa de Recursos Humanos
 – Treinamento de Mão-de-Obra para o Setor Turismo

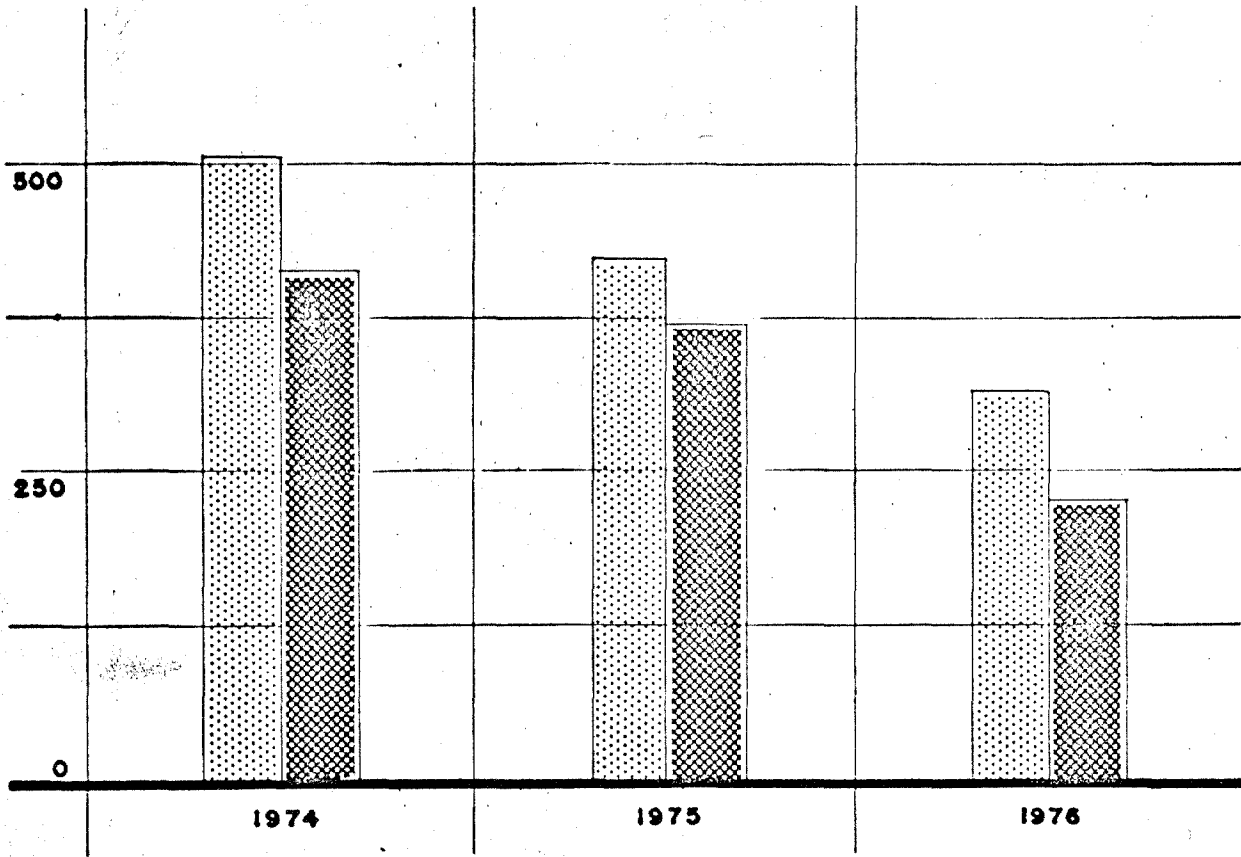
1974

CURSO	Nº DE TREINANDOS		ORIGEM DOS RECURSOS	TOTAL
	MATRICULADOS	APROVADOS		TURMAS
Garção	33	30	PIPMO/SENAC	2
Garção	43	34	ADEPE/SENAC	1
Garção para Lanchonete	26	24	PIPMO/STPS/SENAC	1
Garção	35	32	CNC/DNMO/CONESTUR/EMBRATUR	1
Garção	49	39	CLASSE DOS GARÇÃOS DE CACH. ITAPEMIRIM	1
Garção	15	08	CONESTUR/DNMO/SENAC	1
Garção	19	19	POLÍCIA MILITAR DO ESPÍRITO SANTO	1
Arrumadeira	30	30	CONESTUR/DNMO/SENAC	1
Auxiliar de Cozinha	36	32	PIPMO/SENAC	2
Auxiliar de Cozinha	14	13	CONESTUR/DNMO/SENAC	1
Auxiliar de Cozinha	10	07	CONESTUR/SENAC/DNMO/CNC/EMBRATUR	1
Auxiliar de Cozinha	32	32	CAPITANIA DOS PORTOS	1
Barman	55	35	ADEPE/SENAC	1
Maitre	55	35	CNC/SENAC/DNMO/CONESTUR/EMBRATUR	1
Camareira	25	24	CNC/SENAC/DNMO/CONESTUR/EMBRATUR	1
Recepcionista de Hotel	27	23	CONESTUR/DNMO/EMBRATUR/SENAC	1
Total	503	417		18

Fonte: SENAC

Divisão de Formação Profissional – DFP

FIGURA 1
PROGRAMA DE RECURSOS HUMANOS
MÃO-DE-OBRA DIRETA PARA O SETOR TURISMO
TREINAMENTO
1974



LEGENDA :

 MATRICULADOS
 APROVADOS

FONTE: SENAO

DIVISÃO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL - DFP

QUADRO 3

Programa de Recursos Humanos
 – Treinamento de Mão-de-Obra para o Setor Turismo

1976

CURSO	Nº DE TREINANDOS		ORIGEM DOS RECURSOS	TOTAL TURMAS
	MATRICULADOS	APROVADOS		
Garção	36	31	PIPMO/SENAC/EMBRATUR	2
Garção	52	36	ADEPE/SENAC	2
Garção	85	65	PIPMO/SENAC	3
Recepcionista de Hotel	55	32	PIPMO/SENAC/EMBRATUR	2
Atendente de Lanchonete	15	12	PIPMO/SENAC/EMBRATUR	1
Auxiliar de Garção	22	17	PIPMO/SENAC/EMBRATUR	1
Mensageiro	32	19	PIPMO/SENAC/EMBRATUR	1
Camareira	14	14	ORÇAMENTO DE PROGRAMA/SENAC	1
Total	311	226		13

Fonte: SENAC

Divisão de Formação Profissional – D.F.P.

QUADRO 5

9.3 CENTRO ESTADUAL DE TREINAMENTO DE RECURSOS HUMANOS PARA TURISMO – CENESTUR Programa de Recursos Humanos – Treinamento de Mão-de-Obra para o Setor Turismo

Novembro de 1976 à julho de 1977

CURSO	Nº DE TREINANDOS		ORIGEM DOS RECURSOS	TOTAL TURMAS
	MATRICULADOS	APROVADOS		
Recepcionistas Turísticas	20	20	PIPMO/EMCATUR	1
Motoristas de Táxi	15	12	PIPMO/EMCATUR	1
Patrulheiros Rodoviários I	14	14	PIPMO/EMCATUR	1
Patrulheiros Rodoviários II	20	13	PIPMO/EMCATUR	1
Patrulheiros Rodoviários III	20	20	PIPMO/EMCATUR	1
Total	89	79	-	5

Fonte: EMCATUR/CENESTUR

QUADRO 4

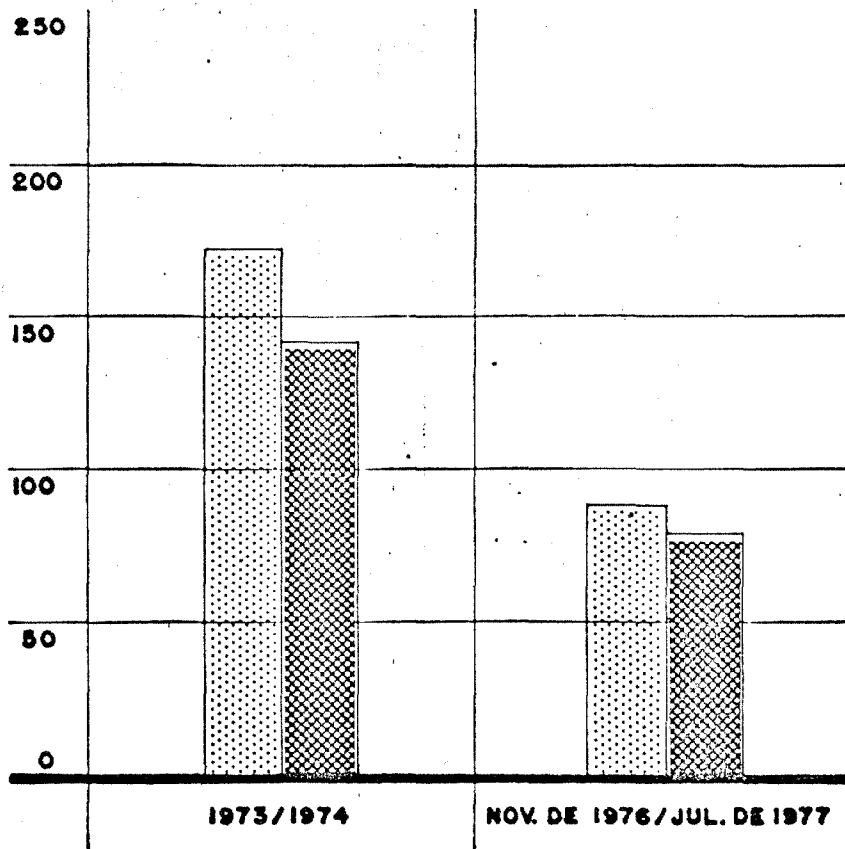
**Programa de Recursos Humanos – Coordenação de Recursos Humanos da Secretaria Executiva do CONESTUR
– Treinamento de Mão-de-Obra para o Setor Turismo**

1973/74

CURSO	Nº DE TREINANDOS		ORIGEM DOS RECURSOS	TOTAL TURMAS
	MATRICULADOS	APROVADOS		
Guias e Recepcionistas Turísticos	53	23	CONESTUR	1
Marketing de Turismo	27	27	CONESTUR	1
Inglês para Garçons	25	25	CONESTUR/SENAC	1
Comunicação Verbal para Guias e Recepcionistas Turísticos	15	15	CONESTUR	1
Guardas de Trânsito, Patrulheiros Rodoviários e Motoristas de Taxi	52	52	CONESTUR	1
Total	172	142	-	5

Fonte: EMCATUR/CONESTUR.

FIGURA 2
PROGRAMA DE RECURSOS HUMANOS
MÃO-DE-OBRA PARA O SETOR TURISMO
SERVIÇO DE APOIO - TREINAMENTO



LEGENDA

FONTE: EMGATUR/CONESTUR

..... MATRICULADOS
▨ APROVADOS

SECRETARIA DE TURISMO
COMISSÃO PERMANENTE DE AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS
TURÍSTICAS

10. Fluxo de visitantes e Eventos, Museu do Colono e Posto de Informação Turística.

D.

AGÊNCIAS DE TURISMO NA MICRORREGIÃO

QUADRO 1

AGÊNCIAS DE TURISMO DO ESPÍRITO SANTO

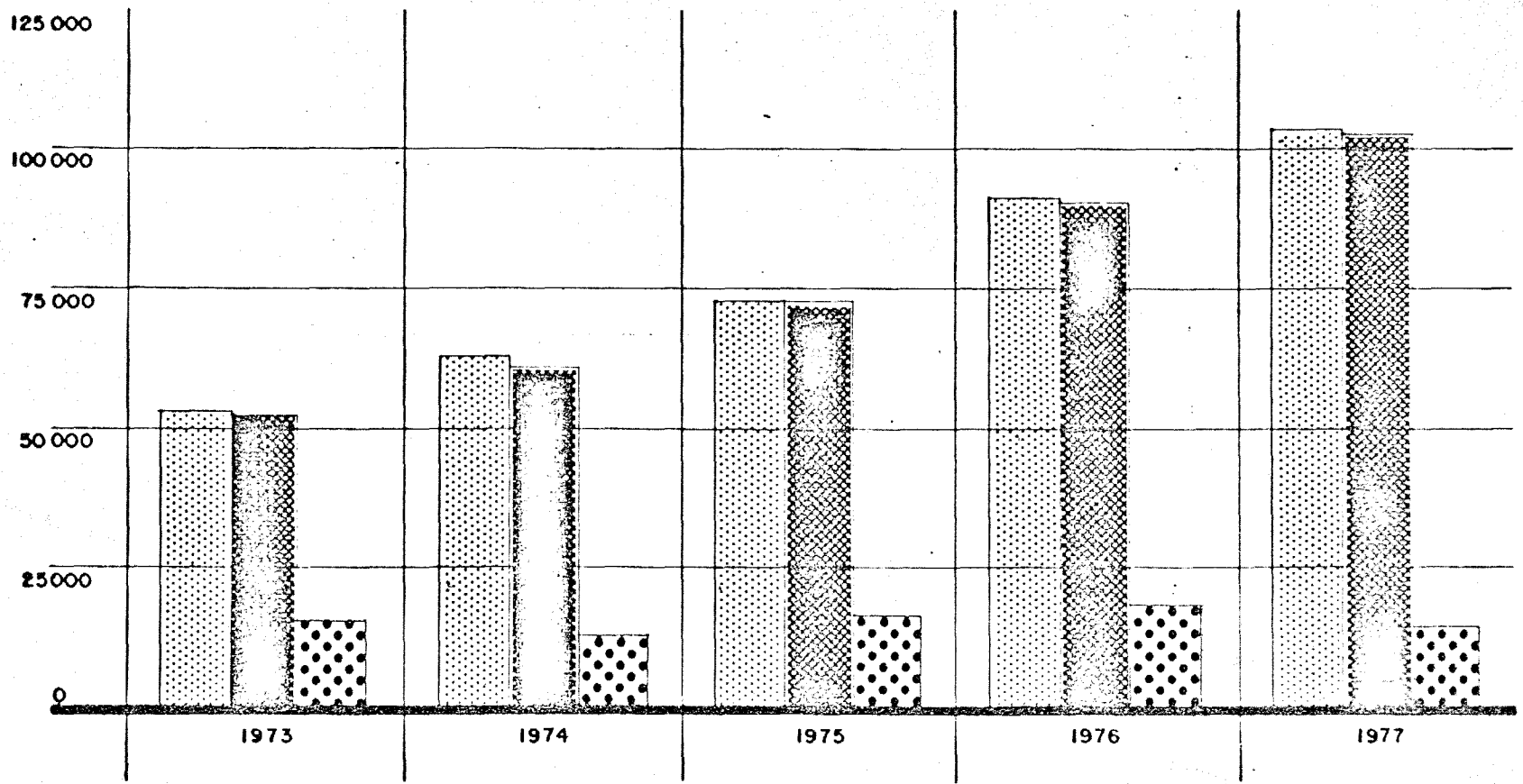
NOME	LOCALIDADE	ENDEREÇO	CATEGORIA (AGÊNCIA-TRANSPORTADORA OPERADORA)	Nº REGISTRO EMBRATUR
J.R. Langen Copaco S/A (filial)	Vitória	Av. Princesa Isabel, 77	Agência	080019001.7
Alvorada Sul - América de Turismo - ASATUR (matriz)	Vila Velha	Rua Eurico Salles, 142	Agência	080026700.1
Alvorada Sul - América de Turismo - ASATUR (filial)	Vitória	Av. Princesa Isabel, 6 loja 5	Agência	080026701.0
VITUR - Vitória Turismo e Transportes Ltda.	Vitória	Av. Governador Bley, loja 9	Agência	080023000.0
S.M.B. Viagens e Turismo Ltda.	Vitória	Rua do Rosário, 202 - 2º andar	Agência	13/ES
PLUMATUR - Pluma Capixaba de Turismo Ltda.	Vitória	Av. Governador Bley, s/n - sala 101 (ed. - Glória)	Agência	080044900.2
Itapemirim Turismo Agência de Viagens (filial)	Vitória	Rua Senador Atílio Vivacqua, loja B	Agência	080052401.2
Itapemirim Turismo Agência de Viagens (filial)	Vila Velha	Av. Jerônimo Monteiro, 121, loja 6	Agência	080052405.5

ANO	AEROPORTO	INCREMENTO 74/76	ESTAÇÃO RODOVIÁRIA	INCREMENTO
1974	123.421	-	1.290.860	-
1975	145.074	17,54	1.648.258	27,77
1976	181.524	47,08	1.589.464	23,13




Fonte: DAC - Departamento de Aeronáutica Civil
DNER - Departamento Nacional de Estradas e Rodagem

FLUXO AEREO MOVIMENTO DE PASSAGEIROS AEROPORTO EURICO SALLES

1973/1977



LEGENDA

-  EMBARCADOS
-  DESEMBARCADOS
-  EM TRÂNSITO

FONTE: DEPARTAMENTO DE AERONÁUTICA CIVIL - DAC
INFRAERO - AEROPORTO EURICO SALLES

QUADRO Nº 1

7.33

Movimento de Passageiros – Embarcados e Desembarcados

1974/1976

ANO	AEROPORTO	INCREMENTO 74/76	ESTAÇÃO RODOVIÁRIA	INCREMENTO
1974	123.421	—	1.290.860	—
1975	145.074	17,54	1.648.258	27,77
1976	181.524	47,08	1.589.464	23,13

Fonte: DAC – Departamento de Aeronáutica Civil
DNER – Departamento Nacional de Estradas e Rodagem

QUADRO 1 - continuação

AGÊNCIAS DE TURISMO DO ESPÍRITO SANTO

NOME	LOCALIDADE	ENDEREÇO	CATEGORIA (AGÊNCIA-TRANSPORTADORA OPERADORA)	Nº REGISTRO EMBRATUR
Viação Paratodos Ltda. (filial)	Vitória	Av. Fernando Ferrari , nº 1951	Transportadora	070009601.9
Viação Tabuazeiro Ltda.	Vitória	Rua Alberto Tonino, s/n	Transportadora	070038800.1
Viação Rio Doce Ltda.	Cariacica	Rua Espírito Santo, 22	Transportadora	070001800.0
Viação Águia Branca S/A	Cariacica	Rodovia BR 262 - Km 05	Transportadora	070010200.0
Viação Alvorada Ltda.	Vila Velha	Rua Rodolfo Valdetaro, nº 120	Transportadora	070046400.0
Viação Itapemirim S/A	Cachoeiro de Itapemirim	Parque Rodoviário - 1 tapemirim - Amarelo	Transportadora	070052600.5
Viação Grande Vitória	Vitória	Praça Ferines Pereira Frank	Transportadora	070058100.6

FONTE: Delegacia do Ministério da Indústria e do Comércio - Vitória.

1. SANEAMENTO

1.1. ÁGUA*

1977

ZONAS ou BAIRROS	ORDEN		OFERTA ATUAL (m ³ /s)		DEMANDA ATUAL (m ³ /s)			DEFICIT (m ³ /s)			DESTINO DE ÁGUA SERVIDA (%)						
	POÇO OU NASCENTE	REDE DE DISTRIBUIÇÃO %	TRATADA	NÃO TRATADA	DOMICILIAR	INDUSTRIAL	OUTROS USOS	DOMICILIAR	INDUSTRIAL	OUTROS USOS	FOSSA NEGRA %	FOSSA SÉPTICA ** %	REDE PÚBLICA				OUTROS %
													COM TRATAMENTO			INATURA %	
													DECANTAÇÃO %	OUTROS %			
1 - Distrito Sede	Manancial	100,0	2,7	0,22	0,52	0,06	0,17	-	-	-	-	34,4	-	-	100	-	

*Alocar as redes de água e esgotos bem como os respectivos equipamentos de tratamento

OBS: Existem áreas reservadas para ampliação da capacidade de captação de água - Sim

** Indicadores sociais p/áreas urbanas.

FONTE: CESAN/ES

1.3 PAVIMENTAÇÃO

CONDIÇÕES DAS VIAS MUNICIPAIS SERVIDAS PELO SISTEMA DE TRANSPORTE COLETIVO - GRANDE VITÓRIA - (QUADRO RESUMO)*

CARACTERIZAÇÃO DAS VIAS	MUNICÍPIOS		VITÓRIA		VILA VELHA		CARIACICA		SERRA		VIANA		GRANDE VITÓRIA	
	%	km	%	km	%	km	%	km	%	km	%	km	%	km
Boas condições	42,07	32,30	24,14	15,20	-	-	10,64	3,75	-	-	25,17	5,00	25,17	5,00
Exigindo melhorias no pavimento*	57,93	44,48	75,86	47,80	100,00	26,45	89,36	31,45	100,00	2,55	2,55	74,83	31,45	
Sem pavimentação	2,94	2,25	24,68	15,55	51,80	13,70	83,39	29,35	25,41	0,65	0,65	30,17	6,00	
Bem iluminadas	80,20	61,58	84,60	53,30	58,15	15,38	25,75	9,07	66,67	1,22	1,22	41,33	10,00	
Exigindo melhorias na iluminação**	56,63	43,48	31,75	20,00	32,44	6,89	-	-	-	-	-	58,67	16,00	
Sem iluminação	43,37	33,30	68,25	43,00	67,56	19,65	100,00	35,23	100,00	2,33	2,33	68,33	17,00	
TOTAL DE VIAS MUNICIPAIS SERVIDAS PELO S.T.C.	100,00	76,78	100,00	63,00	100,00	26,45	100,00	35,23	100,00	2,55	2,55	100,00	26,45	

FONTE: Pesquisa Direta - 1977 - Veja anexo A - Tabelas A.6, A.7, A.8, A.9, A.10, A.11 e A.13. - FJSM

* Todas as vias que não tem pavimento em asfalto; Sem boas condições, estão exigindo melhorias.

** Todas as vias que não estão bem iluminadas, exigem melhorias.

1.2 - ÁGUAS PLUVIAIS E DRENAGEM

ANOS	% DA ÁREA URBANA SERVIDA POR REDE DE ÁGUAS PLUVIAIS	% DA ÁREA URBANA Necessitando DRENAGEM em relação à ÁREA DRENADA	% DE ÁREAS INUNDA- VEIS EM RELAÇÃO À Á- REA TOTAL DA CIDADE
1960			
1970			
1977			

1.4 - EVOLUÇÃO DO USO DAS REDES DE ÁGUA E ESGOTO

ANO	TOTAL DE DOMICÍLIOS	DOMICÍLIOS LIGADOS À REDE DE ÁGUA		DOMICÍLIOS LIGADOS À REDE DE ESGOTO	
		N	% DO TOTAL DE DOMICÍLIOS	N	% DO TOTAL DE DOMICÍLIOS
1975	97.259	52.388	53,8	-	-
1976	102.615	56.585	55,1	-	-
1977	108.018	60.342	55,8	1.792	1,7

Fonte - CESAN

- Anuário Estatístico DEE/ES

1.4. EVOLUÇÃO DO USO DA REDE DE ÁGUA

c) NÚMERO DE ECONOMIAS NA GRANDE VITÓRIA

	1974	1975	1976	1977	1978 até Junho
RESIDÊNCIA	-	-	70.973	76.881	80.691
COMÉRCIO	-	-	8.679	9.488	9.734
INDÚSTRIA	-	-	163	177	184
TOTAL	69.147	73.582	79.805	86.546	90.609

FONTE: CESAN/ES

2.1-CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES HOSPITALARES

a) DISTRITO SEDE 1975

MUNICÍPIO	NOME DO HOSPITAL	ESPECIALIDADE	Nº DE LEITOS
Cariacica	Manic. Judiciário Dr. Manoel Araújo	Psiqu.	50
Cariacica	Hosp. Colônia Adauto Botelho	Psiqu.	620
Cariacica	Sanatório Dr. Pedro Fontes	Hans.	439
Cariacica	Casa de Saúde Campo Grande	Geral	29
Viana	Unidade de Assistência a Maternidade	Obst.	6
Vila Velha	Hospo. Maternidade Vila Velha	Geral	60
Vila Velha	C.S. Maternidade Santa Maria	Geral	23
Vila Velha	Hospital Evangélico	Geral	143
Vila Velha	Hospital Francisco Oliveira	Geral	9
Vitória	C.S. Maternidade N.S. da Penha	Geral	30
Vitória	C.S. São Sebastião	Geral	131
Vitória	Clínica Acidentados de Vitória	Traumat.	40
Vitória	Clínica Infantil Jesus Menino	Pediat.	110
Vitória	Clínica Repouso Sta. Angélica	Psiqu.	130
Vitória	Hosp. Associação Func. Público	Geral	70
Vitória	Hosp. das Clínicas da UFES	Geral	165
Vitória	Hosp. Infantil N.S. da Glória	Pediat.	240
Vitória	Hosp. Sta. Rita de Cássia	Geral	163
Vitória	Hosp. São José	Geral	140
Vitória	Inst. Capixaba Traumat. Ortopedia	Traumat.	11
Vitória	Maternidade Pró-Matre	Obst.	65
Vitória	Maternidade São José	Obst.	44
Vitória	Maternidade São Marcos	Obst.	10
Vitória	Sanatório Oswaldo Monteiro	Fisiol.	130
Vitória	Santa Casa de Misericórdia de Vitória	Geral	473

FONTE: Plano Estadual de Saúde

Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo

2.1 CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES HOSPITALARES

b) Estimativa de Deficits de Leitos Gerais e Especializados

ESPECIALIZAÇÃO DO HOSPITAL	% OFERTA NOS	DEMANDA	OFERTA LEITOS			DEFICIT PROPORCIONAL	POLARIZAÇÃO %	DEFICIT GRANDE VITÓRIA	
		4 Leitos/1.000 Hab.	MICROREGIÃO	INTERIOR	ES			4 Leitos/1.000 Hab.	3 Leitos/1.000 Hab.
Clínica Médica	30,3	2.036	677	988	1.665	370	33	120	60
Obstetrícia	9,9	665	294	250	544	120	33	40	10
Pediatria	4,2	282	39	193	232	50	33	20	10
Cirurgia	13,0	874	428	286	714	160	66	100	45
Ortopedia	2,3	155	115	11	126	30	66	20	15
Neuropsiquiatria	19,4	1.552	1.064	28	1.064	490	100	490	110
Cancerologia	3,1	248	168	1	169	80	100	80	20
Tisiologia	6,8	371*	282	89	371	-	100	-	-
Leprologia	7,6	419*	419	-	419	-	100	-	-
Outras	3,4	272	165	9	147	100	100	100	30
TOTAL	100,0	6.874	3.622	1.853	5.478	1.400	-	970	300

* - Arbitrado, idêntico à oferta, por não se constar deficits

FONTES: DEE - Anuário Estatístico - 1971 - pág. 96

PDI da MR de Vitória - 1º Volume - pág 4.6/10

Secretaria de Saúde - Infraestrutura da Rede Hospitalar - MR 207

CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES HOSPITALARES

C) Nº DE ESTABELECIMENTOS HOSPITALARES E PARA-HOSPITALARES

ESPÍRITO SANTO

1970 - 1974

ANOS	PARA - HOSPITALARES						HOSPITALARES				
	TOTAL	TOTAL	SEGUNDO A ESPECIALIZAÇÃO		SEGUNDO A DEPENDÊNCIA		TOTAL	SEGUNDO A ESPECIALIZAÇÃO		SEGUNDO A DEPENDÊNCIA	
			GERAL	ESPECIALIZADOS	OFICIAL	PARTICULAR		GERAL	ESPECIALIZADOS	OFICIAL	PARTICULAR
1970	113	41	39	2	22	19	72	55	17	14	58
1971	121	44	42	2	24	20	77	64	13	16	61
1972	135	60	52	8	32	28	75	62	13	15	60
1973	110	28	22	6	6	22	82	66	16	16	66
1974	192	107	93	14	45	62	85	71	14	17	68

FONTE: Departamento Estadual de Estatística - Secretaria de Saúde.

2.2- ALGUNS INDICADORES DO ESTADO

Em 1.000 hab.

ANOS	Nº DE MÉDICOS POR HABITANTE	Nº DENTISTAS POR HABITANTE	Nº ENFERMEIRO POR HABITANTE	Nº LEITOS HOS- PITALARES POR HABITANTE
1970	0,29	-	-	3,42
1974	0,44	0,35	0,26	3,33
1977	1,14	0,37	0,18	2,43

FONTE: 1970 e 1974 - DEE - FIBGE

1977 - SEC. SAÚDE ES.

ASSISTÊNCIA MÉDICO SANITÁRIA E HOSPITALAR DA REDE OFICIAL
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE / FUNDAÇÃO HOSPITALAR DO ESPÍRITO SANTO

	Nº DE UNIDADES DE SAÚDE DA SECRETARIA	Nº DE HABITANTES HOSPITALARES DA FUNDAÇÃO	Nº DE MÉDICOS	Nº DE ENFERMEIROS	Nº DE DENTISTAS
TOTAL GERAL	<u>90</u>	<u>14</u>	<u>629</u>	<u>14</u>	<u>209</u>
MICRO REGIÃO FUNCIONAL URBANA	<u>23</u>	<u>05</u>	<u>209</u>	<u>08</u>	<u>16</u>
Cariacica	03	02	38	02	04
Serra.....	03	-	01	-	01
Viana		-	01	-	01
Vila Velha.....	02	01	58	02	01
Vitória.....	03	02	98	04	04
SUB- TOTAL	<u>12</u>	<u>05</u>	<u>196</u>	<u>08</u>	<u>11</u>
Afonso Cláudio....	03	-	02		01
Domingos Martins..	01	-	02		01
Guarapari.....	02	-	06		01
Aracruz.....	01	-	03		01
Fundão.....	02	-	-		
St. Leopoldina	02	-	-		01
SUB- TOTAL	<u>11</u>	<u>-</u>	<u>13</u>	<u>-</u>	<u>05</u>

Fonte - Secretaria de Saúde- 1978

2.3 - PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTALIDADE GERAL NO ANO DE 1960

a)

PRINCIPAIS CAUSAS	MICRO REGIÃO HOMOGÊNEA DA GRANDE VITÓRIA		MICRO REGIÃO FUNCIONAL URBANA DE VITÓRIA	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXA POR 100000 hab	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXA POR 100000 hab
Gastrite, duodenites, enterites e colites exceto diarreias dos recém-nascidos	156	187,16	156	187,16
Neoplasmas Malignos, inclusive do tecido linfático e hematopoético	93	111,58	93	111,58
Tuberculose do aparelho respiratório	92	110,38	92	110,38
Sarampo	64	76,78	64	76,78
Lesões Vasculares do Sistema Nervoso Central	52	62,39	52	62,39
Outras de mais causas	827	992,19	827	992,19
TOTAL	1284	1540,48	1284	1540,48

Fonte - Diretoria de Estatística da Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo

MORTALIDADE GERAL

ANO: 1971

PRINCIPAIS CAUSAS	M.H.R. DA GRANDE VITÓRIA		MICROREGIÃO FUNCIONAL URBANA DE VITÓRIA	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXA P/ 100000 HABS	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXA P/ 100000 HABS
Doenças isquêmica do coração e outras formas de doenças cardíacas.....	276	197,47	276	196,47
Enterites e outras doenças diarreicas.....	248	176,53	248	176,53
Doenças cerebrovasculares..	238	169,42	238	169,42
Neoplasmas Malignos.....	212	150,91	212	150,91
Avaetuminoses e outras deficiencias nutricionais..	182	129,55	182	129,55
Outras causas.....	1542	1097,64	1542	1097,64
TOTAL	2698	1920,52	2698	1920,52

FONTE: Diretoria de Estatística da Secretária de Estado de Saúde do Espírito Santo

2.3 - PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTALIDADE GERAL NO ANO DE 1977

b)

PRINCIPAIS CAUSAS	MICRO REGIÃO HOMOGÊNEA DA GRANDE VITÓRIA		MICRO REGIÃO FUNCIONAL URBANA DE VITÓRIA	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXA POR 100000 hab.	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXA POR 100000 hab.
Enterites e outras doenças diarreicas	403	231,80	403	231,80
Doenças cerebro vasculares	344	197,86	344	197,86
Doenças Isquêmicas e outras formas de doenças cardíacas	337	193,84	337	193,84
Noeplasmas malignos	274	157,60	274	157,60
Parto distócico, lesões obstétricas, outros estudos anóxicos e hipóxicos. Outras causas de mortalidade peri-natal	217	124,82	217	124,82
Outras de mais causas	1525	877,16	1525	877,16
TOTAL	3100	1783,08	3100	1783,08

Fonte - Diretoria de Estatística da Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo

MORTALIDADE INFANTIL

ANO: 1960

PRINCIPAIS CAUSAS	MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DA GRANDE VITÓRIA		MICRORREGIÃO FUNCIONAL URBANA DE VITÓRIA	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXAS P/ 1.000 MASC. VIVOS	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXAS P/ 1.000 MASC. VIVOS
Infecções de recém nascidos outras doenças da 1ª infância	81	25,49	81	25,49
Gastroenterite, duodenite, colite, enterite, exceto diarreia dos recém nascidos	70	22,03	70	22,03
Vícios de conformação con- gênita e lesões devidas ao parto, asfixia e atelectasia posnatais.....	23	7,24	23	7,24
Pneumonia.....	12	3,78	12	3,78
Gripe.....	11	3,46	11	3,46
Outras causas.....	65	20,45	65	20,45
TOTAL	262	82,44	262	82,44

FONTE: Diretoria de Estatística da Secretária de Estado de Saúde do Espírito Santo

MORTALIDADE INFANTIL

ANO: 1971

PRINCIPAIS CAUSAS	MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DA GRANDE VITÓRIA		MICRORREGIÃO FUNCIONAL URBANA DE VITÓRIA	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXAS P/ 1.000 MASC. VIVOS	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXAS P/ 1.000 MASC. VIVOS
Enterites e outras doenças diarréicas.....	225	32,54	225	32,54
Parto distóico, lesões obstétricas e outras.....	203	29,36	203	29,36
Atominoses e outras deficiências nutricionais.....	99	14,32	99	14,32
Pneumonia.....	63	9,11	63	9,11
Sarampo.....	16	2,31	16	2,31
Outras causas.....	203	29,36	203	29,36
TOTAL	809	116,99	809	116,99

FONTE: Diretoria de Estatística da Secretária de Estado da Saúde do Espírito Santo

2.4 - MORTALIDADE INFANTIL

Ano - 1977

PRINCIPAIS CAUSAS	MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA DA GRANDE VITÓRIA		MICRORREGIÃO FUNCIONAL URBANA DE VITÓRIA	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXAS P/ 1.000 MASC. VIVOS	Nº DE OCORRÊNCIAS	TAXAS P/ 1.000 MASC. VIVOS
Enterites e outras doenças diarréicas	355	34,35	355	34,35
Parto distócico, lesões obstétricas e outras.....	216	20,90	216	20,90
Pneumonias.....	70	6,77	70	6,77
Anomalias Congênicas.....	56	5,42	56	5,42
Artomioses e outras deficiências nutricionais.....	35	3,39	35	3,39
Outras demais causas.....	167	16,16	167	16,16
T O T A L	899	86,99	899	86,99

FONTE: Diretoria de Estatística da Secretária de Estado de Saúde do Espírito Santo

MORBIDADE POR DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS
NO DISTRITO SEDE

D O E N Ç A S	1970		1975	
	CASOS NOTIFICADOS	TAXA POR 10 ⁵ HAB	CASOS NOTIFICADOS	TAXA POR 10 ⁵ HAB
Coqueluche	65	18,83	270	49,90
Difteria	112	29,01	13	2,40
Gonorreia	240	62,17	147	27,20
Sífilis	1.721	445,85	1.630	309,80
Tuberculose Pulmonar	242	62,96	668	123,70
Esquitossomones	-	-	398	73,40
Sarampo	257	66,58	24	4,40
Varicela	37	9,58	68	12,50
Poliomielite	9	2,33	20	3,70

FONTE: DIVISÃO DE UNIDADE SANITÁRIA

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE

2.5. ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO

LOCALIDADES ATENDIDAS E POPULAÇÃO BENEFICIADA PELOS PROGRAMAS DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO

LOCALIDADE	ZONA URBANA	ZONA RURAL
Viana	1.392	2.871
Serra	4.308	3.479
Cariacica	24.462	1.448
Vila Velha	26.724	-
Vitória	31.232	-

FONTE: CNAE/ES.

3. EDUCAÇÃO

3.1. ENSINO DE 1º e 2º GRAUS⁽¹⁾

a) Cidade (Sede)

Ano de 1977

	NÚMERO	Nº DE TURNOS
I- PRÉDIOS ESCOLARES		
- Total de Salas de Aula	2.298	
- Déficit de Salas de Aula		
II- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO		
- Grupos Escolares e Escolas de 1º Grau	576	
- Colégios e Escolas de 2º Grau	43	
- Centro Interescolar	1	
- Unidades ou Cursos de Ensino Supletivo	166	
III- MATRÍCULAS INICIAIS EM 30/04/78		
1) Em Educação Pré-Escolar	10.308	
2) No Ensino do 1º Grau (1a. a 4a.)	35.677	
3) No Ensino do 1º Grau (4a. a 8a.)	28.648	
4) No Ensino do 2º Grau ou 2º Ciclo		
4.1. Total	27.460	
4.2. Em Cursos Diversos (que funcionam até 18 hs)	14.567	
4.3. Em Cursos Noturnos	12.893	
4.4. Em Cursos Habilitação Plena	-	
4.4.1. Formação de Técnicos	3.382	
4.4.2. Formação Auxiliar Técnico	21.971	
4.5. Em Cursos de Habilitação Básica	4	

(1) Alocar Rede Escolar de Ensino de 1º Grau.

FONTE: Secretaria de Estado da Educação.

3.2 MATRICULAS INICIAIS NO ENSINO SUPERIOR

MATRICULAS 30/4/78	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PARTICULAR	TOTAL
Tec. Nível Superior	113	-	-	-	113
Bacharelato	8.023	130	-	1.740	9.893
TOTAL	8.136	130	-	1.740	10.006

FONTE: UFES, FAESA, FAFABES, FAC. VILA VELHA

3.3 INSCRIÇÕES EM FORMAÇÃO PROFISSIONAL

INSCRIÇÕES	1976	1977	1978
SENAI/SESI			
a) Aprendizagem	1.026	1.128	1.122
b) Qualificação (600/300 H)	1.057	1.753	579
c) Outros	1.794	1.082	782
SENAC/QUALIFICAÇÃO	2.935	1.173	2.031
OUTRAS INSTITUIÇÕES	6.056	2.387	1.013
SESC	406	459	204

OBS: Nos totais referentes ao SENAC - 1976 estão incluídos os inscritos das Unidades Móveis do interior do Estado.

O SESI não tem cursos de formação profissional.

FONTE: Secretaria de Estado da Educação

3.4 INSCRIÇÕES EM EDUCAÇÃO SUPLETIVA

INSCRIÇÕES	1976	1977	1978
Em exame de Suplência de 1º grau	6.243	2.959	773
Em exame de Suplência de 2º grau	14.239	4.697	2.005
Inscritos nos centros de Estudos Supletivos	.	288	515
Inscritos em outras unidades	2.509	5.244	7.242
Inscritos no MOBRAL	6.324	6.165	2.799
Alfabetizados pelo MOBRAL	1.699	1.630	-

FONTE: SEDU - Plano de Ação Setorial - 1978

CANDIDATOS INSCRITOS EM EXAMES SUPLETIVOS - JULHO 1976

ORIUNDOS DE CURSOS PREPARATÓRIOS

DISCIPLINA OU ÁREA DE ESTUDO POR GRAU	ALUNOS - NÚMERO ABSOLUTO			%
	INSCRITOS	PRESENTES	APROVADOS	
<u>1º Grau</u>				
Português	451	442	96	21,7
Matemática	419	409	11	2,6
História	451	437	127	29,0
Geografia	344	337	103	30,5
Ciências Físicas e Biológicas	430	418	28	6,6
O.S.P.B.	387	371	206	55,5
Educação Moral e Cívica	387	375	273	72,8
<u>2º Grau</u>				
Língua Portuguesa	108	102	56	54,9
Matemática	164	157	26	16,5
História	143	137	46	33,5
Geografia	106	105	54	51,4
Ciências Físicas e Biológicas	96	92	03	3,2
O.S.P.B.	118	113	69	61,0
Educação Moral e Cívica	91	86	49	56,9

FONTE: SEDU - Plano de Ação Setorial - 1978

3.5- ATENDIMENTO À POPULAÇÃO INFANTIL⁽¹⁾

ANO - 1977

ATENDIMENTO À POPULAÇÃO INFANTIL	COM ATENDIMENTO PRÉ-ESCOLAR		
	PÚBLICO	PRIVADO	EM BAIRRO POBRES
TIPO DE INSTITUIÇÃO			
A) CRECHE			
B) ORFANOS			
CRIANÇAS ATENDIDAS			
A) DE 0 a 2 ANOS			
B) DE 2 a 6 ANOS	13.308	-	-
C) COM MAIS DE 6 ANOS	1.061	-	-

(1) Alocar os equipamentos de trata o sub-item A (CRECHE)

FONTE: Secretária de Estado da Educação
Departamento de Auditoria e Documentação Educacional- ES

3.6- ÍNDICE DE ALFABETIZAÇÃO DA POPULAÇÃO COM 5 ANOS E MAIS
E 15 ANOS E MAIS

ANOS	POPULAÇÃO					
	5 ANOS E MAIS			15 ANOS E MAIS		
	TOTAL	ALFABETIZADA		TOTAL	ALFABETIZADA	
		Nº	%		Nº	%
1960	162.762	103.350	63,50	113.930	87.099	76,45
1970	332.240	247.370	74,45	226.007	180.831	80,01
1977	414.508	342.376	82,60	296.652	258.605	87,17

FONTE: Secretaria de Estado do Planejamento

1977

CIDADE	TAXA DE ESCOLARIZAÇÃO		
	TOTAL	URBANA	RURAL
Cariacica	84,09	86,84	77,26
Serra	82,01	85,05	79,64
Viana	79,75	89,31	78,12
Vila Velha	89,18	89,38	58,82
Vitória	88,74	89,02	83,32
Afonso Cláudio	72,26	91,49	68,04
Aracruz	81,90	88,89	77,81
Domingos Martins	73,10	91,69	69,43
Fundão	84,94	91,24	77,72
Guarapari	82,77	85,97	78,29
Santa Leopoldina	71,00	92,10	69,27

FONTE: Censo Escolar de 1977/Pesquisa Sócio-Econômica - SEPL

4- TRANSPORTES

4.1- INTRAURBANO

PRINCIPAIS LINHAS NA CIDADE	TRANSPORTE COLETIVO PÚBLICO		TRANSPORTE COLETIVO PRIVADO	
	MÉDIA DO NÚMERO DE PASSAGEIROS TRANSPORTADOS POR DIA		MÉDIA DO NÚMERO DE PASSAGEIROS TRANSPORTADOS POR DIA	
	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE
A - Vila Velha	O ÚNICO SISTEMA DE TRANSPORTE COLETIVO PÚBLICO EXISTENTE, É O AQUAVIÁRIO		17.175	3.271
B - Jardim Camburi			15.403	2.934
C - Campo Grande			13.609	2.592
D - Eucalipto			13.310	2.535
E- Praia do Suã			12.409	2.364

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

4.2 - INTERURBANO

1977

PRINCIPAIS CIDADES (LINHAS) EM CONEXÃO	PERCURSO EM KM (DISTÂN- CIA)	Nº DE VIAGENS		Nº MÉDIO DE PASSAGEIROS	
		POR DIA	POR SEMANA	POR DIA	POR SEMANA
A- Cachoeiro	134	13	91	260	1.280
B- Colatina	130	23	161	660	4.620
C- Guarapari	50	30	210	600	4.200
D- Linhares	129	11	77	220	1.540
E- São Mateus	215	9	63	180	1.260
F- Alegre/Guaçu	194	3	21	21	840

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

TRANSPORTE AQUAVIÁRIO

LINHA	PASSAGEIROS TRANSPORTADOS POR DIA	PASSAGEIROS TRANSPORTADOS NA HORA PICO
Paul - Vitória	11.800	1.400
Prainha - Vitória	11.600	840

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

IMPORTÂNCIA DOS DEMAIS MEIOS DE TRANSPORTES UTILIZADOS NA REGIÃO

A infraestrutura viária da Grande Vitória compõem-se de equipamentos para diferentes modos de transportes; temos assim os subsistemas rodoviário, aquaviário, ferroviário e aeroviário, compreendendo as vias e os terminais. Historicamente, as modalidades vem-se substituindo através da competição, o que impediu a integração entre elas. Assim, ao par de um gradativo congestionamento do sistema rodoviário, verificou-se a desativação das linhas de bonde e a diminuição do sistema aquaviário.

A infraestrutura viária existente, contraposta a demanda atual para os serviços de circulação, provoca indesejáveis conflitos em vários níveis tais como engarrafamentos frequentes, a subutilização das ferrovias e do aquaviário para fins urbanos, o tempo excessivo gasto para percorrer distâncias relativamente curtas, o desgaste psicossocial e as deseconomias consequentes da má utilização dos equipamentos.

4-1 SISTEMA AQUAVIÁRIO

A infraestrutura aquaviária para fins de transportes urbanos de passageiros apresenta-se em expansão após um longo período de decadência. Desde 1850 até 1960 este sistema foi longamente utilizado para o transporte intraurbano, dadas as facilidades oferecidas pelo sítio para o seu desenvolvimento. Porém a partir de 1945 o sistema aquaviário perdeu muito de sua importância com a competição do sistema rodoviário.

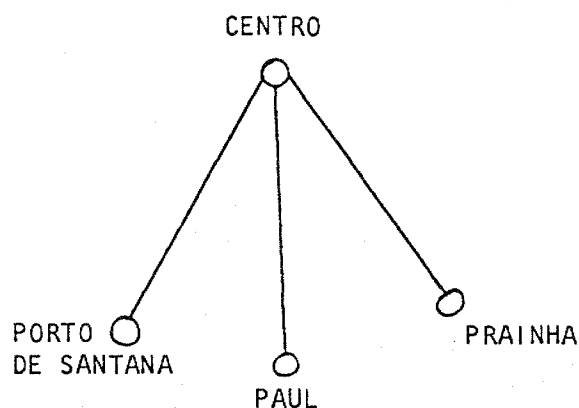
Em 1976 duas velhas barcas mantinham em operação a linha remanescente que liga Vitória a Paul. Estudo realizado pela Fundação Jones dos Santos Neves demonstrou naquele ano a viabilidade de sua revitalização e expansão, propondo para curto prazo o reequipamento da linha existente (Paul-Centro) e criação de mais duas linhas, ligando Porto de Santana (Cariacica) e Prainha (Vila Velha) ao Centro de Vitória. Recomendou, ainda, o aprofundamento de estudo visando a possibilidade de expansão

a médio prazo. Hoje sete novas barcas operam entre os terminais re formados em Paul e Vitória, e o recém construído terminal de Prainha com um movimento mensal de cerca de 700.000 passageiros, e encontra-se em fase de projeto, o terminal de Porto de Santana.

Para a consolidação ao subsistema aquaviário é necessário o estabele cimento de hipóteses para sua implantação por etapas, visando atender as diversas fases de funcionamento que variarão não apenas em decor rência de execução das construções necessárias, como também da aquisi ção das barcas necessárias ao atendimento à demanda da real do siste ma.

1) 1.^a ETAPA DE FUNCIONAMENTO

Para esta fase, foram considerados operando o terminal do centro, no lado da Ilha e os terminais de Porto de Santana, Paul e Prainha, no Continente, estando em operação as sete barcas recentemente adquiri das. O número de passageiros atendidos, o número de partidas de bar cas e os intervalos entre estas, estão, portanto, limitadas pela capa cidade de atendimento das mesmas.



QUADRO 3.2.

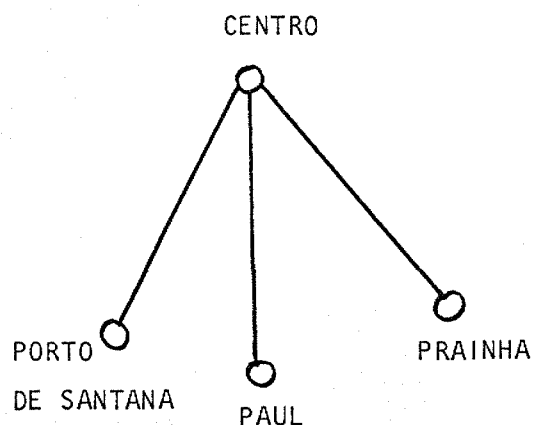
SUBSISTEMA AQUAVIÁRIO - 1.^a ETAPA: MOVIMENTAÇÃO NOS TERMINAIS (2 HORAS PICO)

TERMINAL	USUÁRIOS	BARCAS		ÔNIBUS ALIM.		CARROS
		Nº	PARTIDAS	LINHAS	PARTIDAS	
Porto de Santana	1.008	3	7	1	5	48
Paul	1.868	2	13	1	13	119
Prainha	600	2	5	1	3	42
Centro	3.476	7	25	-	-	-

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

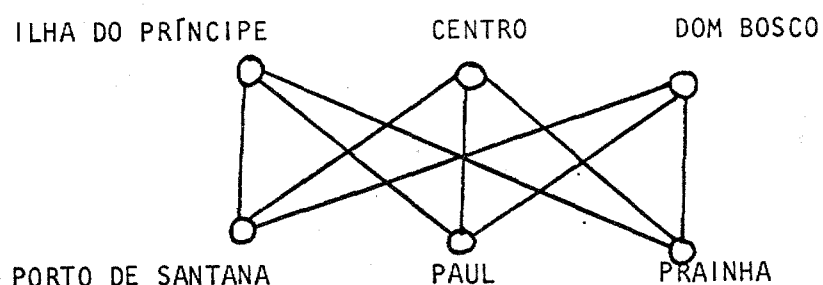
2) 2.^a ETAPA DE FUNCIONAMENTO

Situação idêntica à fase anterior quanto aos terminais que estarão em funcionamento, alterando-se porém o número de barcas (passam para 17) em operação. Foi considerado a demanda real do sistema de linhas diretas ao centro para as duas horas - pico da tarde no sentido Centro-Bairro.



3) 3ª ETAPA DE FUNCIONAMENTO

Nesta fase, considera-se operando os seis terminais, sendo, cada um deles, ligados aos três outros terminais do lado oposto, com o número de barcas necessários ao atendimento à demanda real.



QUADRO 3.4

SUBSISTEMA AQUAVIÁRIO - 3ª ETAPA: MOVIMENTAÇÃO NOS TERMINAIS (2 HORAS PICO).

TERMINAIS	USUÁRIOS	BARCAS		ÔNIBUS		CARROS
		Nº	PARTIDAS	LINHAS	PARTIDAS	
Porto de Santana	2.580	8	17	4	22	272
Paul	4.536	7	33	5	49	400
Prainha	1.574	6	12	5	15	166
Rodoviária	1.019	-	7	-	-	-
Centro	4.596	-	33	-	-	-
Dom Bosco	3.075	-	22	-	-	-

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

4) ETAPA FINAL:

Para a etapa final de funcionamento do subsistema aquaviário, prevê-se também o funcionamento dos Terminais de Aribiri e Enseada do Suã.

Dados os aspectos de competitividade que esses terminais terão para com os de Paul e Dom Bosco, respectivamente, e cautela leva a uma posição no sentido de serem transferidas para o futuro breve o dimensionamento do subsistema nesta etapa de consolidação.

Ressalte-se outrossim, que está implícito no estudo, que as variações sofridas pela demanda, durante a fase de implantação do sistema, poderão acarretar modificações no número de barcas e no dimensionamento dos terminais. Por esta razão os terminais serão construídos em módulos que facilitam sua ampliação.

B) LINHAS ALIMENTADORAS

Os bairros contidos na área de influência de cada terminal serão ligados a este através de um sistema rodoviário alimentador servido por linhas de ônibus integradas com as linhas de barcas.

As linhas alimentadoras são fundamentais para o bom funcionamento do sistema, pois, através delas serão canalizados os usuários dos bairros mais distantes da área de influência cujo acesso só é possível através de transporte rápido.

Para tanto, vias que atendem a essas linhas têm que ser melhoradas de forma a permitir uma velocidade comercial média de 20 km/h para os ônibus em operação.

No mapa 14 e no Quadro 3.2 estão indicados respectivamente, os traçados, as extensões e bairros servidos pelas alimentadoras de cada terminal.

QUADRO 3.2

DESCRIÇÃO E EXTENSÃO DAS VIAS ALIMENTADORAS.

TERMINAL	DESCRIÇÃO	EXTENSÃO (m)	TOTAL TERM.
SANTANA	Flexal - Santana	3.995	25.755
	Coriáica - Santana	11.075	
	Itanguá - Santana	5.590	
	Santana de Cima - Santana	5.095	
	TOTAL	25.755	
PAUL	Vale Encantado - Paul	3.830	30.280
	J. Marilândia - Paul	6.650	
	Novo México - Paul	6.645	
	Itaparica - Paul	7.625	
	Ilna das Flores - Paul	1.430	
	TOTAL	30.280	
PRAINHA	Praia da Costa - Prainha	3.415	27.415
	Glória - Prainha	3.200	
	Boa Vista - Prainha	4.375	
	B. Jucu - Prainha	12.825	
	C. Miliver - Prainha	4.280	
	TOTAL	27.415	
TOTAL	83.450	83.450

Fonte: Pesquisa Direta.

5) ENERGIA ELÉTRICA

5.1. Alguns Indicadores ¹

1977

ILUMINAÇÃO PÚBLICA	REDE DE ENERGIA ELÉTRICA	DISPONIBILIDADE DE ENERGIA ELÉTRICA PARA EXPANSÃO INDUSTRIAL A MÉDIO PRAZO		
		ADEQUADA	INSUFICIENTE	INEXISTENTE
% DE VIAS PÚBLICAS C/ILUMINAÇÃO	% DE DOMICÍLIOS LIGADOS A REDE DE ENERGIA ELÉTRICA			
45%	80%	X	-	-

¹ Alocar as redes de iluminação pública e domiciliar

FONTE: ESCELSA - Espírito Santo Centrais Elétricas S.A.

6. COMUNICAÇÃO

6.1. Alguns Indicadores

ANO	SERVIÇOS TELEFÔNICOS				
	TERMINAIS (CAPACIDADE)	Nº TOTAL DE APARELHOS INSTALADOS	APARELHOS RESIDENCIAIS		
			Nº TOTAL	Nº POR HABITANTE	% TOTAL DE APARELHOS
1977	43.396	39.987	19.570	0,07	44%

Continuação

SERVIÇOS TELEFÔNICOS			Nº DE EMISSORAS DE RÁDIO	Nº DE CANAIS DE TELEVISÃO CAPTADOS	Nº DE JORNAIS	
Nº DE APARELHOS PÚBLICOS	DDD Nº DE CANAIS	TELEX Nº DE CANAIS			DIÁRIOS	SEMANARIOS
142	720	400	5	3	4	3

Alocar a rede de Serviços Telefônicos

FONTE: TELEST

6. TELEFONES

6.2. TERMINAIS POR CENTRAL NA MICRORREGIÃO

CENTRAIS	TERMINAIS CA PACIDADE	Nº TOTAL DE APARELHOS INSTALADOS			
		RES	N/RES	IP	
Vitória	24.480	12.525	14.164	85	26.774
Vila Velha	8.160	4.209	1.330	26	5.565
América	6.120	1.347	2.831	23	4.201
Carapina	2.040	11	554	4	569
Viana	109	48	33	-	81
Serra	382	191	51	-	242
Criacica	502	211	72	-	283
Af. Cláudio	80	25	58	-	83
Aracruz	502	336	193	-	529
Martins	382	174	77	-	251
Fundão	39	31	9	-	40
Guarapari	600	462	902	4	1.368
La Leopoldina	-	-	1	-	1
TOTAL	43.396	19.570	20.275	142	39.987

FONTE: TELEST

7- LAZER

7.1) ALGUNS INDICADORES

DISTRITO SEDE

1977

ÁREA VERDE POR HAB. (M ²)	EQUIPAMENTOS DE LAZER URBANO (QUANTIDADE)				
	PRAÇAS CONTEMPLATIVAS	PRAÇAS COM EQUIPA MENTOS DE ANIMAÇÃO	PARQUES COM EQUIPA MENTOS DE ANIMAÇÃO	PARQUES COM RESER VAS NATURAIS	JARDIM BOTÂNICO
0,5 m ² p/ hab.	Parque Moscoso	---	---	---	---

EQUIPAMENTOS DE LAZER						
CLUBES DE ESPORTES E RECREAÇÃO		ZOOLOGICO	TEATROS	CINEMAS	GALERIAS DE ARTE	BIBLIOTECAS PÚBLICAS
PÚBLICOS	PARTICULARES					
-	8	-	2	14	3	6

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

8.1 - SISTEMA DE REMOÇÃO DO LIXO

1977

MUNICÍPIO	Nº DE EMPREGADOS		FORMA DE COLETA	Nº DE VEÍCULOS	FREQUÊNCIA	
	COLETORES	VARREDORES			DIÁRIA	SEMANAL
VITÓRIA	60	150	(1)	8	X	(3)
VILA VELHA	60	30	(2)	10		
CARIACICA	30	20	(2)	5	X	
VIANA	10	8	(2)	1	X	
SERRA	13	10	(2)	2	X	

(1) VEÍCULOS COLETORES

COMPACTADORES DE LIXO

(2) CAMINHÕES TIPO BASCULANTE OU DE CARROCERIA COMUN

(3) DIAS ALTERNADOS

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

continuação

8.1. SISTEMA DE REMOÇÃO DE LIXO

	DESTINO FINAL		ÁREA ATENDIDA		ÁREA NÃO ATENDIDA	
			POP.	ha.	POP.	ha.
VITÓRIA		(1)	80%	90%	20%	10%
VILA VELHA		(1)	60%	50%	40%	50%
CARIACICA		(2)	40%	40%	60%	60%
VIANA		(2)	70%	90%	30%	10%
SERRA		(2)	40%	30%	60%	70%

(1) ATERRO À CÉU ABERTO COM TENTATIVA DE SE FAZER UM ATERRO SANITÁRIO

(2) ATERRO À CÉU ABERTO

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

HABITAÇÃO

1.1 DOMICÍLIOS SEGUNDO TIPOLOGIA ²

ANO	DURÁVEIS		RÚSTICOS		IMPROVISADOS		TOTAL NÚMERO
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%	
1960	24.950	69,03	11.118	30,71	132	0,36	36.200
1970	48.721	69,13	21.725	30,82	32	0,05	70.478
1977 ¹	74.750	69,20	33.258	30,79	108	0,001	108.126

¹ Estimativa.

Mapear os tipos mais característicos em todo o tecido urbano, segundo a tipologia do cadastro fiscal, se houver. Caso não haja, utilizar a classificação do Censo Predial de 1970 da Fundação IBGE. Neste sentido, fazer a respectiva adaptação do quadro.

BS: Mapear, com destaque, a(s) tipologia(s) predominante(s) de domicílio, onde se si tuem as ausências e/ou deficiências, de equipamentos urbanos.

FONTE: Departamento Estadual de Estatística.

9.2. RELAÇÃO POPULAÇÃO E EFETIVO FAMILIAR

ANO	POPULAÇÃO URBANA DISTRITO SEDE	NÚMERO DE DOMICÍ- LIOS - DISTRITO SE DE	POPULAÇÃO/EFETI VO FAMILIAR
1960	166,3	36.210	4,6
1970	332,7	70.478	4,7
1977 ¹	417,6	108.018	3,9

¹ Estimativa.

FONTE: Departamento Estadual de Estatística.

9.3. REGIME DE OCUPAÇÃO DOS DOMICÍLIOS

DOMICÍLIOS - 1970 ¹	Nº DE DOMICÍLIOS	%
1 - Próprios	49.566	70,5
2 - Alugados	14.494	20,5
3 - Outros	6.418	9,0
4 - TOTAL (1 + 2 + 3)	70.478	100,0

FONTE: DEE

¹ Estimativa.

9.4) OUTROS INDICADORES

ANOS	HABITANTE POR DOMICILIO	DEFICIT ABSOLUTO
		TOTAL
1960	5,22	-
1970	5,25	-
1977	4,38	18.050

DEE, Censo Demográfico, Censo Escolar
1970 1960 1977

VALORES IMOBILIÁRIOS NA GRANDE VITÓRIA

SECTOR	VALOR Cr\$ / M2		
	LOTE MIN/MAX	IMÓVEL CONSTRUIDO	
		RESIDENCIAL	COMERCIAL
JACARAÍPE/MANGUINHOS/BICANGA C. LAPEBUS	300,00/800,00	5.000,00	6.000,00
CATU/B. BRANCO/PITANGA/J. AN CHTETA/TAQUARA	50,00/200,00		
LA ANJEIRAS/CARAPINA/J. LIMO EIRO/S. SEBASTIÃO/C. GRANDE/ B. FÁTIMA	100,00/300,00		
GOTABEIRAS/B. REPÚBLICA	500,00/1.000,00		
JARDIM CAMBURI	700,00/1.000,00		
MAT. PRAIA/J. PENHA	900,00/2.500,00	6.000,00	8.000,00
JARDIM VERMELHO/P. CANTO/STA JULIA/P. SUÁ/ATERRO/ILHAS/ ERREIRA	1.500,00/3.500,00	7.500,00	13.000,00
LA D'ARC/ANDORINHA/SANTA TÁ/S. CRISTÓVÃO/MARUIPE/ AZEIRO/ITARARÉ	500,00/1.200,00	4.500,00	6.500,00
LA IPTO/STA. CECILIA/FRADI /B. LOURDES/CONSOLAÇÃO/ SICA/HORTO/JUCUTUQUARA/ MARIA/F. SÃO JOÃO	800,00/2.500,00	5.200,00	7.000,00
LA EN	2.000,00/10.000,00	8.000,00	15.000,00
LA TD. ANTONIO/CARATOIRA/VILA JE	600,00/2.500,00	5.600,00	10.000,00

SETOR	VALOR Cr\$ /M2		
	LOTE MIN/MAX	IMÓVEL CONSTRUIDO	
		RESIDENCIAL	COMERCIAL
POPTO SANTANA/SANTANA/ITA CIBA/SOTEIMA;	100,00/300,00		
CAMPO GRANDE(CENTRO)	1.000,00/2.000,00	5.000,00	10.000,00
CAMPO GRANDE(PERIFERIA)	200,00/500,00		
ALTO LAGE/ITAQUARI/J. AMÉ RICA/FERRO AÇO/V. ESPERAN ÇA	300,00/800,00	4.000,00	6.000,00
B. AURORA/VERA CRUZ/R. PE NH./C. SUL/V. BETANIA	100,00/500,00		
V. ISABEL/CAÇAROCA/V. EN CANTADO	50,00/200,00		
CC I/ALVORADA/ALECRIM/CO BT ANDIA	100,00/500,00		
SÃO TORQUATO/PAUL	200,00/300,00		
V. GARRIDO/I. FLORES/ATAI DE ARIBIRI/STA. RITA	100,00/500,00		
IBES/STA. INEZ/N. MÉXICO/ STA. MONICA	200,00/300,00		
GLORIA/TOCA	300,00/1.200,00		
V. VELHA/P. COSTA	600,00/2.000,00	7.000,00	12.000,00
ITAPOÃ	500,00/1.000,00		
ITUPARICA/B. JUCU	100,00/500,00		

ONTE: Consulta Direta à Corretores de Imóveis Credenciados nas Áreas.

DIMENSIONAMENTO E CARACTERÍSTICA DA
POPULAÇÃO POBRE DA ÁREA URBANA

DIMENSIONAMENTO E CARACTERÍSTICA DA POPULAÇÃO POBRE DA ÁREA URBANA

Preliminarmente os seguintes pontos devem ser observados:

- o crescimento populacional da Aglomeração a partir de migrantes expulsos da área rural com a erradicação dos cafezais, induziu um incremento bastante acentuado na população pobre de toda a área urbana;
- o sítio da Aglomeração forçou o migrante marginalizado a ocupar principalmente as encostas dos morros e os mangues;
- a inexistência de dados sobre o problema, exigiu que a sua análise fosse feita a partir de informações obtidas diretamente de moradores de cinco bolsões Localizados em cada um dos municípios que compõem a Aglomeração Urbana;
- a escolha desses bolsões foi feita a partir da vivência que se tem do problema e da possibilidade que os mesmos têm de retratar a situação em outras áreas socialmente deprimidas dentro do espaço urbano da Grande Vitória.

continuação

QUADRO III

AREINHA		
RENDA	Nº DE FAMÍLIAS	% SOBRE TOTAL DE FAMÍLIAS
0-1	200	25%
1-2	280	35%
2-3	40	5%
Acima de 3	280	35%

QUADRO IV

PORTO DE SANTANA		
RENDA	Nº DE FAMÍLIAS	% SOBRE TOTAL DE FAMÍLIAS
0-1	306	17%
1-2	522	29%
2-3	450	25%
Acima de 3	522	29%

QUADRO V

SANTA RITA		
RENDA	Nº DE FAMÍLIAS	% SOBRE TOTAL DE FAMÍLIAS
0-1	175	7%
1-2	350	13%
2-3	500	20%
Acima de 3	1475	60%

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

1.4- ESTRUTURA DAS DESPESAS FAMILIARES NAS ÁREAS POBRES PESQUISADAS

1978

DISTRITO SEDE (RENDA MÉDIA)	TIPO DE DESPESAS (MÉDIA)			
	ALIMENTAÇÃO	VESTUÁRIO	HABITAÇÃO	HIGIENE E ASSIS TÊNCIA À SAÚDE
2.160	1600	64	-	108

CONT.

TIPO DE DESPESAS (MÉDIA)				
TRANSPORTE	EDUCAÇÃO	RECREAÇÃO E CULTURA	FUMO	DESPESAS DIVERSAS
216	41	-	129	-

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

3- PARA A POPULAÇÃO PERCEBENDO ATÉ 3 SALÁRIOS MÍNIMOS MENSIS POR FAMÍLIA

3.1 - DADOS GERAIS - CIDADE (SEDE)

1978

ÁREAS COM POPULAÇÃO PREDOMINANTE MENTE POBRE	ÁREA (ha)	POPULAÇÃO	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (POP/ha)	Nº DE FAMÍLIAS	Nº MÉDIO DE PESSOAS P/ FAMÍLIA	Nº DE UNIDADES HABITACIONAIS	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA-PEA- Nº	% PEA FORMALMENTE EMPREGADA S/ PEA TOTAL
AREINHA	25	4.800	192	800	6	800	912	12
PORTO DE SANTANA	84	10.800	129	1.800	6	1.800	2.592	24
SANTA RITA	21	15.000	714	2.500	6	2.500	2.250	20
CAIEIRAS	5	3.000	600	500	6	500	750	26
SOSSEGO	11	7.200	654	1.200	6	1.200	1.224	18
TOTAL	146	40.800	2.289	6.800	6	6.800	7.728	100

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

2.2 - PIRÂMIDE ETÁRIA

1) AREINHA (VIANA)

FAIXA ETÁRIA	1978					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
0 - 4	222	9,4	341	15,0	563	11,7
5 - 9	307	13,0	289	12,9	596	12,4
10 - 14	472	19,9	347	16,2	819	17,1
15 - 19	269	11,5	301	12,0	570	11,9
20 - 24	222	9,4	235	8,6	457	9,5
25 - 29	202	8,6	205	6,4	407	8,5
30 - 34	142	6,0	163	5,7	305	6,4
35 - 39	97	4,1	99	6,1	196	4,1
40 - 44	143	6,0	150	5,2	293	6,1
45 - 49	83	3,5	101	3,2	184	3,8
50 - 54	69	2,9	67	2,0	136	2,8
55 - 59	45	1,9	48	2,0	93	1,9
60 - 64	42	1,8	45	1,8	87	1,8
65 - 69	33	1,4	30	2,2	63	1,3
70 - Mais	14	0,6	17	0,7	31	0,7
TOTAL	2.362	100,0	2.438	100,0	4.800	100,0

continua

I. PARA A POPULAÇÃO EM GERAL

a) Número de famílias por faixa de renda (Salário Mínimo Regional)

QUADRO I

CAIEIRAS		
RENDA	Nº DE FAMÍLIAS	% SOBRE TOTAL DE FAMÍLIAS
0-1	180	38%
1-2	200	40%
2-3	90	18%
Acima de 3	30	6%

QUADRO II

SERRA		
RENDA	Nº DE FAMÍLIAS	% SOBRE TOTAL DE FAMÍLIAS
0-1	396	33%
1-2	216	18%
2-3	400	33%
Acima de 3	188	16%

continuação



continuação

2- CAIEIRAS

FAIXA ETÁRIA	1978					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
0 - 4	161	10,2	141	9,9	302	10,1
5 - 9	202	12,8	176	12,5	378	12,6
10 - 14	289	18,3	279	19,3	563	18,8
15 - 19	163	10,3	172	12,1	335	11,2
20 - 24	166	10,5	138	9,7	304	10,1
25 - 29	132	8,3	121	8,5	253	8,4
30 - 34	113	7,1	82	5,8	195	6,5
35 - 39	82	5,2	70	4,9	152	5,1
40 - 44	75	4,7	65	4,6	140	4,7
45 - 49	65	4,1	68	4,8	133	4,4
50 - 54	58	3,7	45	2,2	103	3,4
55 - 59	33	2,1	28	2,0	61	2,0
60 - 64	15	1,0	16	1,1	31	1,0
65 - 69	17	1,1	12	0,8	29	1,0
70 - Mais	9	0,6	12	1,2	21	0,7
TOTAL	1.580	100,0	1.420	100,0	3.000	100,0

continuação

3- PORTO DE SANTANA

FAIXA ETÁRIA	1978					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
0 - 4	568	10,7	594	10,8	1.162	10,8
5 - 9	663	12,5	676	12,3	1.339	12,4
10 - 14	944	17,8	836	15,2	1.780	16,4
15 - 19	668	12,6	775	14,1	1.443	13,4
20 - 24	488	9,2	588	10,7	1.076	10,0
25 - 29	408	7,7	396	7,2	804	7,4
30 - 34	344	6,5	330	6,0	674	6,2
35 - 39	371	7,0	352	6,4	723	6,7
40 - 44	275	5,2	319	5,8	594	5,5
45 - 49	202	3,8	225	4,1	427	4,0
50 - 54	53	1,0	99	1,8	152	1,4
55 - 59	112	2,1	126	2,3	238	2,2
60 - 64	90	1,7	83	1,5	173	1,6
65 - 69	64	1,2	59	1,0	118	1,1
70 - Mais	53	1,0	44	0,8	97	0,9
TOTAL	5.303	100,0	5.497	100,0	10.800	100,0

5- SOSSEGO (Serra)

FAIXA ETÁRIA	1978					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
0 - 4	355	10,2	450	12,1	805	11,2
5 - 9	442	12,7	435	11,7	877	12,2
10 - 14	532	15,3	602	16,2	1.134	15,8
15 - 19	338	9,71	375	10,1	713	9,9
20 - 24	421	12,1	443	11,9	864	12,0
25 - 29	285	8,2	302	8,1	587	8,2
30 - 34	264	7,6	291	7,8	555	7,7
35 - 39	220	6,33	216	5,8	436	6,0
40 - 44	167	4,8	156	4,2	323	4,5
45 - 49	146	4,2	141	3,8	287	4,0
50 - 54	108	3,1	102	2,7	210	2,9
55 - 59	94	2,7	82	2,2	176	2,4
60 - 64	49	1,41	56	1,5	105	1,4
65 - 69	46	1,32	45	1,2	91	1,3
70 - Mais	11	0,32	26	0,7	37	0,5
TOTAL	3.478	100,0	3,722	100,0	7.200	100,0

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

2.3 - ESTRUTURA DAS DESPESAS FAMILIARES (POR ÁREA PREDOMINANTEMENTE POBRE)

1978

ÁREA POBRE	RENDA MÉDIA	TIPO DE DESPESAS (MÉDIA)								
		ALIMENTAÇÃO	VESTUÁRIO	HABITAÇÃO	HIGIENE E ASSISTÊNCIA À SAÚDE	TRANSPORTE	EDUCAÇÃO	RECREAÇÃO E CULTURA	FUMO	DESPESAS DIVERSAS
AREINHA	2.800,00	2.072,00	84,00	0	140,00	280,00	56,00	-	168,00	0
PORTO DE SANTANA	2.900,00	2.146,00	87,00	0	145,00	290,00	58,00	-	174,00	0
SANTA RITA	2.600,00	1.924,00	78,00	0	130,00	260,00	52,00	-	156,00	0
CAIEIRAS	1.200,00	888,00	36,00	0	60,00	120,00	24,00	-	72,00	0
SOSSEGO	1.300,00	962,00	39,00	0	65,00	130,00	26,00	-	78,00	0

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

3.2. ESTRUTURA DE OCUPAÇÃO (por área predominantemente pobre)

- OCUPAÇÃO

Relacionamos abaixo as ocupações encontradas com maior frequência nos bolsões de pobreza pesquisados, em ordem hierárquica decrescente.

- 01 - Doméstica
- 02 - Biscateiro
- 03 - Pedreiro
- 04 - Padeiro
- 05 - Pintor
- 06 - Eletricista
- 07 - Balconista
- 08 - Vigia
- 09 - Mecânico
- 10 - Motorista
- 11 - Soldador
- 12 - Carpinteiro
- 13 - Comerciante
- 14 - Funcionário Público

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

2.5 - INFRA-ESTRUTURA URBANA E DE SERVIÇOS (POR ÁREA DE POPULAÇÃO PREDOMINANTEMENTE POBRE)

a) SANEAMENTO

a.1) ÁGUA (DOMICÍLIO)

1977

ÁREA PREDOMINANTEMENTE POBRE	ORIGEM		% DA ÁREA COBERTA POR REDE DE ÁGUA	Nº DE LIGAÇÕES DOMICILIARES
	POÇO OU NASCENTE	REDE DE DISTRIBUIÇÃO		
AREINHA	100	0	0	0
PORTO DE SANTANA	18	82	16	285
SANTA RITA	24	76	8	183
CAIEIRAS	83	17	2	7
SOSSEGO	79	21	0	0
TOTAL	-	-	-	-

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

a.1. ÁGUA (Domicílio)

CONT.

ÁREA PREDOMINANTE MENTE POBRE	DESTINO DA ÁGUA SERVIDA			
	FOSSA - %	REDE PÚBLICA	VALA	MAGUE
AREINHA	50	0	50	0
PORTO DE SANTANA	30	0	70	0
SANTA RITA	8	0	0	92
CAIEIRAS	5	0	0	95
SOSSEGO	63	0	37	0
TOTAL	-	-	-	-

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves

a.2) ÁGUAS PLUVIAIS E DRENAGEM

1978

ÁREA COM POPULAÇÃO PREDOMINANTE MENTE POBRE	% DA ÁREA SERVIDA POR GALERIAS DE ÁGUAS PLUVIAIS	% DA ÁREA URBANA NECESSITANDO DE DRENAGEM	CONDIÇÕES DE DRENAGEM NO BAIRRO - BOM RAZOÁVEL - RUIM
AREINHA	0	100	RAZOÁVEL
PORTO DE SANTANA	0	100	BOM
SANTA RITA	0	100	RUIM
CAIEIRAS	0	100	RUIM
SOOSEGO	0	100	BOM

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

b) SAÚDE

b.1) UNIDADES HOSPITALARES (POR ÁREA PREDOMINANTEMENTE POBRE)

TIPOLOGIA DA UNIDADE HOSPITALAR	Nº DE UNIDADES	TIPO DE ATENDIMENTO	Nº DE LEITOS	
			ATENDIMENTO GERAL	ATENDIMENTO P/INPS
TODO ATENDIMENTO É FEITO FORA DAS ÁREAS PESQUISADAS				

PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTALIDADE GERAL NO ANO DE 1971

- 1- Doença isquêmica do coração, e outras formas de doenças cardíacas
- 2- Enterites e outras doenças diarréicas
- 3- Doenças cérebro-vasculares
- 4- Neoplasmas malignos
- 5- Avitaminoses e outras deficiências nutricionais

PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTALIDADE INFANTIL NO ANO DE 1971

- 1- Enterites e outras doenças diarréicas
- 2- Parto distócico, lesões obstétricas
- 3- Avitaminoses e outras deficiências nutricionais
- 4- Pneumonia
- 5- Outras demais causas

FONTE: Diretoria de Estatística da Secretaria de Estado da
Saúde do Espírito Santo.

c) EDUCAÇÃO

(POR ÁREA COM POPULAÇÃO PREDOMINANTEMENTE POBRE)

C.1 - INFORMAÇÕES SOBRE 1º E 2º GRAUS.

	AREINHA	P. SANTANA	SANTA RITA	CAIEIRAS	SOSSEGO
GRUPO ESCOLAR DE DE 1º GRAU	2	1	1	1	0

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

C.2 - ANALFABETISMO

1978

PRINCIPAIS ÁREAS PREDOMINANTEMENTE POBRES	Nº DE ANALFABETOS ACIMA DE 14 ANOS	% EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO DA ÁREA ACIMA DE 14 ANOS
Areinha	1.434	49,2
Porto de Santana	3.836	58,7
Caieiras	<u>5.642</u>	63,2
Santa Rita	1.201	62,5
Sossego	2.414	55,1

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

D.1- TRANSPORTES

3

AREINHA - VIANA

ANO - 1978

PRINCIPAIS LINHAS POR ÁREA PREDOMINANTEMENTE POBRE	TRANSPORTE COLETIVO PÚBLICO		TRANSPORTE COLETIVO PRIVADO	
	PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)		PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)	
	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE
A - AREINHA	-	-	70,43	101,75
B - VILA BETHÂNIA	-	-	109,07	124,67
C - VIANA	-	-	112,25	129,05
D				
E				
F				

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

D.1- TRANSPORTES

SOSSÊGO-SERRA

ANO - 1978

PRINCIPAIS LINHAS POR ÁREA PREDOMINANTEMENTE POBRE	TRANSPORTE COLETIVO PÚBLICO		TRANSPORTE COLETIVO PRIVADO	
	PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)		PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)	
	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE
A - PITANGA	-	-	60,54	100,00
B - CARAPINA	-	-	90,21	97,64
C - SÃO DIOGO	-	-	71,59	65,65
D - SÃO SEBASTIÃO	-	-	66,86	99,08
E - CARAPEBUS	-	-	46,54	64,83
F - SERRA	-	-	8,29	77,23

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

D- TRANSPORTES

D.1- TRANSPORTES

SANTA RITA - VILA VELHA

ANO - 1978

PRINCIPAIS LINHAS POR ÁREA PREDOMINANTEMENTE POBRE	TRANSPORTE COLETIVO PÚBLICO		TRANSPORTE COLETIVO PRIVADO	
	PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)		PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)	
	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE
A- SANTA RITA	-	-	86,25	106,39
B- VILA GARRIDO	-	-	92,41	110,42
C				
D				
E				
F				

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

D.1- TRANSPORTES

ILHA DAS CAIEIRAS - VITÓRIA

ANO - 1978

PRINCIPAIS LINHAS POR ÁREA PREDOMINANTEMENTE POBRE	TRANSPORTE COLETIVO PÚBLICO		TRANSPORTE COLETIVO PRIVADO	
	PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)		PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)	
	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE
A- CAMPOS UNIVERSITÁRIO	-	-	96,44	104,41
B				
C				
D				
E				
F				

Fonte: Fundação Jones dos Santos Neves.

D.1- TRANSPORTES

PORTO DE SANTANA - CARIACICA

ANO - 1978

PRINCIPAIS LINHAS POR ÁREA PREDOMINANTEMENTE POBRE	TRANSPORTE COLETIVO PÚBLICO		TRANSPORTE COLETIVO PRIVADO	
	PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)		PASSAGEIROS POR VIAGEM (MÉDIA)	
	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE	HORÁRIO NORMAL	HORÁRIO DE PIQUE
A - PORTO DE SANTANA	-	-	97,30	125,52
B - FLEXAL	-	-	101,64	130,48
C				
D				
E				
F				

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

2) ENERGIA ELÉTRICA

2.1- ALGUNS INDICADORES

1978

ÁREA COM POPULAÇÃO PREDOMINANTEMENTE POBRE	ILUMINAÇÃO PÚBLICA	REDE DE ENERGIA ELÉTRICA
	% VIAS PÚBLICAS COM ILUMINAÇÃO	% DE DOMICÍLIOS ATENDIDOS
AREINHA	10	67
P. SANTANA	0	85
SANTA RITA	8	15
CAIEIRAS	5	3
SOSSEGO	0	0

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

F) SERVIÇOS TELEFÔNICOS

1978

ÁREA COM POPULAÇÃO PREDOMINANTEMENTE POBRE	N% TOTAL DE APARELHOS INSTALADOS	APARELHOS RESIDENCIAIS E PÚBLICOS		
		APARELHOS RESIDEN- CIAIS	APARELHOS PÚBLICOS	HAB/APARELHO
AREINHA	0	0	0	∞
P. SANTANA	2	1	1	10.800
SANTA RITA CAEIRAS	2	-	2	7.500
SOSSEGO	0	0	0	∞

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

G) LAZER

ÁREA VERDE POR HABITANTE (ha)	EQUIPAMENTOS DE LAZER URBANO (QUANTIDADE)				
	PRAÇAS CONTEMPLA- TIVAS	PRAÇAS COM EQUIPA- MENTOS DE ANIMAÇÃO	CLUBES DE ESPORTES E RECREAÇÃO (PUBL)	CINEMAS	BIBLIOTECAS
*					

* AS ÁREAS PESQUISADAS NÃO DISPÕEM DE NENHUM DOS EQUIPAMENTOS ACIMA.

h) HABITAÇÃO

h.1) SEGUNDO TIPO DE CONSTRUÇÃO

1978

ÁREA PREDOMINANTE POBRE	DOMICÍLIOS						TOTAL
	DURÁVEIS		RÚSTICOS		IMPROVISADOS		
	N	%	N	%	N	%	
AREINHA	200	25	540	55	160	20	800
P. SANTANA	360	20	900	50	540	30	1800
SANTA RITA	250	10	500	20	1750	70	2500
CAIEIRAS	-	0	25	5	475	95	500
SOSSEGO	-	0	360	30	840	70	1200

(1) Se for o caso, adaptar a tabela acima em função de tipologia constante do cadastro discal da Prefeitura ou do Censo Predial da Fundação IBGE, de 1970.

h.2) Outros Indicadores

ÁREA PREDOMINANTE MENTE POBRE	HABITANTES POR DOMICÍLIO (média)	DEFICIT ABSOLUTO
		DOMICÍLIOS IMPROVISADOS
Areinha	6	160
P.Santana	6	540
Santa Rita	6	1.750
Caieiras	6	475
Sossego	6	840

OBS: Há algum programa municipal de habitação destinado à população de baixa renda?

Se houver, descrever e analisar o mesmo.

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

h.3) REGIME DE OCUPAÇÃO DOS DOMICÍLIOS

1978

ÁREAS PREDOMINANTEMENTES POBRES	PRÓPRIOS		ALUGADOS		OUTROS		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Areinha	640	80	160	20	-	-	800
P.Santana	1.710	95	90	5	-	-	1.800
Santa Rita	1.875	75	500	20	125	5	2.500
Caieiras	425	85	25	5	50	10	500
Sossego	1.080	90	60	5	60	5	1.200

FONTE: Fundação Jones dos Santos Neves.

POTENCIAL SÓCIO-ECONÔMICO DA CIDADE SEDE E
DA MICRORREGIÃO FUNCIONAL URBANA

rado o Setor Público, enfraquecido pelo desaquecimento na receita de corrente da erradicação dos cafezais improdutivos. A situação persiste e tende a se agravar: há urgente necessidade de se ampliar toda a base de investimentos governamentais e não se dispõe dos recursos necessários.

Uma vez feitas as observações anteriormente descritas, passamos a traçar os potenciais setoriais, buscando, sempre, desagregar os componentes ao nível mais analítico possível, de forma a que se tenha uma visão bem realista do panorama oferecido pela cidade sede e pela microrregião no que tange a sua dimensão sócio-econômica.

ATIVIDADES PRIMÁRIAS

A Fundação Jones dos Santos Neves preconiza a reservação de Zonas Rurais, que envolverão o núcleo da Área Metropolitana (aglomeração de Vitória), e terão especializações econômicas concordes com a ecologia local e com as vocações dos solos.

A preservação dessas áreas rurais, contra o avanço avassalador da urbanização, dependerá de dois fatores conjugados:

- O rígido cumprimento da legislação de usos do solo, proposta na Programação Urbanística para a Grande Vitória;
- A efetiva valorização das atividades agrárias que nelas se localizem

Com respeito à primeira condição, o instrumental legislativo indicado, juntamente com os mecanismos institucionais para o seu cumprimento igualmente propostos, lograrão resultados seguros.

Se, contudo, a exploração agrícola das terras periféricas à aglomeração, legalmente consideradas rurais, alcançar rendimento econômico medíocre, a nível de subsistência (como ocorre na atualidade em boa parte da microrregião), dificilmente resistirão seus proprietários à tentação da especulação imobiliária, passando assim a pressionar as autoridades no sentido da liberação dos terrenos.

A organização de uma estrutura rentável de produção agrícola impõe-se conseqüentemente como medida essencial. Somente será possível se apoiada em alguns produtos comerciais de mercado franco e preços compensadores.

Objetivando apresentar o potencial agrícola para a microrregião funcional urbana em estudo, recorreremos ao PLANO ANUAL DE PRODUÇÃO E ABASTECIMENTO para os anos 77/78, elaborado pela CEPA/ES, que nos forneceu os seguintes dados:

ATIVIDADES AGRÍCOLAS POR MUNICÍPIO/MICRORREGIÃO

MUNICÍPIO ATIVIDADE POTENCIAL	DISTRITO SEDE					A. CLÁUDIO	ARACRUZ	D. MARTINS	FUNDÃO	GUARAPARI	S. LEOPOL- DINA	F(x)
	VITÓRIA	V. VELHA	CARIACICA	VIANA	SERRA							
Sem vocação	x											1
Avicultura		x	x	x	x			x	x	x	x	8
Suinocultura			x	x	x							3
Banana			x	x	x		x			x	x	6
Cana-de-Açúcar			x			x	x			x		4
Hortifrutigranjeiros				x								1
Laranja				x			x	x			x	4
Arroz					x	x	x		x			4
Abacaxi					x							1
Milho						x					x	2
Tomate						x		x			x	3
Feijão						x		x		x	x	4
Batata Inglesa						x		x			x	3
Café						x						1
Mandioca							x	x		x	x	4

FONTE: CEPA/ES.

Analisando a tabela montada a partir dos informes da CEPA/ES, podemos observar, através das frequências contadas na última coluna, que, hierarquicamente, despontam, como de maior potencial, os seguintes produtos para a microrregião:

- a) avicultura
- b) banana
- c) laranja, arroz, cana-de-açúcar, mandioca
- d) suinocultura, tomate, batata-inglesa
- e) milho
- f) café, abacaxi, hortifrutigrangeiros

Considerando que a ordenação acima é de ordem meramente quantitativa, cabe-nos algumas observações qualitativas de maneira a que se tenha uma visão mais acurada da problemática ligada ao setor agrícola.

Conforme ilustra a tabela, Vitória não mais apresenta nenhuma vocação significativa. Depende pois o *core* urbano de toda sua periferia, ratificando considerável corpo teórico que defende a tese da vantagem comparativa como referência para ocupação espacial. Dos produtos listados acima, parece-nos merecedores de atenção, dadas suas características alimentares, a avicultura, suinocultura e hortifrutigrangeiros. A população da microrregião depende basicamente desses produtos para sua alimentação cotidiana, daí sua importância, com perspectivas cada vez maiores, no futuro próximo. A banana, por sua vez, representa forte componente das receitas tributárias dos municípios que a cultivam, bem como o abacaxi e o café.

Finalizando, acreditamos que há necessidade de reforço exatamente na produção daqueles itens mais ligados à manutenção da região urbana: avicultura, suinocultura e, com destaque especial dada sua alta perecibilidade, os hortifrutigrangeiros.

ATIVIDADES INDUSTRIAIS

A vocação industrial da Área Metropolitana de Vitória, que se afirma a passos largos, deriva substancialmente da função portuária, que abre perspectivas favoráveis à localização de indústrias voltadas para mercados externos (nacionais e estrangeiros). O aproveitamento planejado das economias externas, reunidas da região por força dos serviços do porto, foi indicado como medida de estratégia econômica, com grande eficácia para consolidar o processo de industrialização.

Para condução do Programa de Industrialização, as agências atuantes no Estado são suficientes, não parecendo necessária a criação de novas entidades, nem mesmo alterações institucionais significativas.

É bom lembrar que os programas dessas entidades tem amplitude estadual; a nível metropolitano ou municipal, não há órgão especializado. Isto, a nosso ver, não representa uma deficiência. Pelo contrário: o enfoque estadual, que norteia a atuação das agências aludidas, garante o balizamento apropriado a uma correta programação do desenvolvimento industrial - tendo-se sobretudo em conta os princípios recomendados na estratégia de desenvolvimento regional equilibrado do Espírito Santo.

Destacam-se como agências, ou mecanismos, do Programa de Desenvolvimento Industrial:

- a) O Sistema GERES/BANDES - que funciona basicamente como indutor de novos investimentos, lastreado nos recursos mobilizados mediante incentivos fiscais, federais e estaduais;

No delineamento do potencial socio-econômico da cidade sede e da microrregião funcional urbana, cremos ser importante fazermos algumas colocações que dêem margem à uma apreciação mais crítica da problemática sob estudo.

Em primeiro lugar, as estatísticas de cunho histórico não fornecem pontos de referência prospectivos para a microrregião. Queremos dizer que, em função de fatos como a erradicação do café, a instalação dos grandes projetos, a urbanização acelerada e a conurbação crescente da microrregião houve uma completa reviravolta na tendência histórica. Dessa forma, quaisquer comparações envolvendo relacionamentos passados teriam pouco poder explicativo relativamente ao futuro. A última década foi palco de modificações tão profundas no contexto microrregional que, para nós, toda e qualquer previsão - para fazer sentido - terá que, forçosamente, ser estabelecida segundo a visão Druckeriana do planejamento, em termos de que planejar é descobrir no presente a semente do futuro. É pois olhando para o futuro que traçamos conexões com o presente, e, é intervindo sobre o presente que pretendemos chegar ao futuro que mais nos parece desejável sócio-economicamente falando.

Em segundo lugar, há, no quadro sócio-econômico em estudo uma particularidade interessante que merece ser explicitada, em termos de dois momentos distintos, cujas marcas repercutirão sobre o futuro: (a) a fase da construção dos grandes projetos, caracterizada por técnicas *labor intensive*, grandes absorvedoras de mão-de-obra semi-qualificada, e, (b) a fase de implantação dos citados projetos, que implicará, da das suas características tecnológicas, em liberação de mão-de-obra para a qual temos que gerar empregos.

Em terceiro e último lugar, há na microrregião uma grande defasagem no que respeita à oferta e demanda de serviços urbanos. A massa humana que se deslocou para a microrregião - especificamente para a cidade sede, gerou uma procura por serviços para a qual não estava prepa

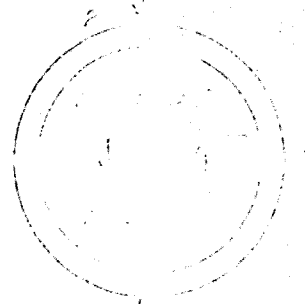
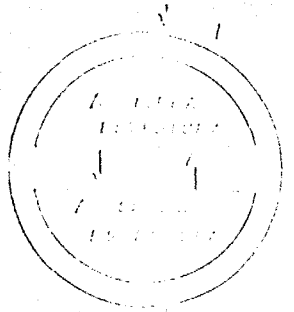
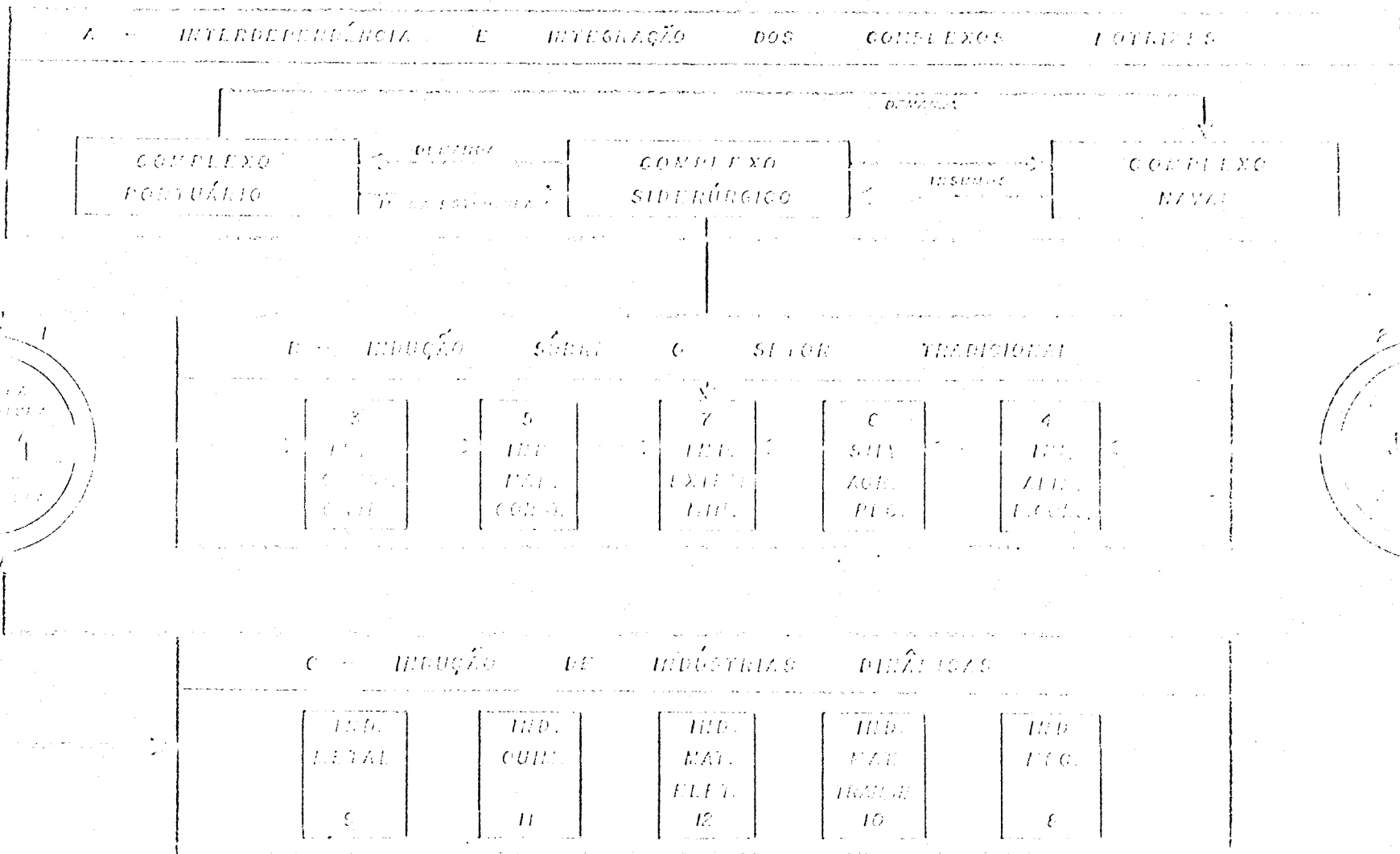
- b) O Sistema FUNDAP - que gerencia a aplicação dos incentivos fiscais obtidos em função das atividades ligadas ao Comércio Internacional;
- c) A Secretaria de Estado da Indústria e do Comércio, que atua como órgão normativo de cúpula;
- d) A SUPPIN - Superintendência de Projetos de Polarização Industrial, que é uma autarquia estadual criada, precipuamente, para concretizar o projeto do Centro Industrial de Vitória - CIVIT, um Distrito Industrial localizado dentro da Área Metropolitana.

Com relação aos Projetos de Impacto, os seguintes comentários se fazem oportunos:

- a) Os citados projetos irão gerar uma condição favorável à obtenção de economias externas que irão beneficiar acentuadamente a Microrregião;
- b) O efeito indutor - para frente e para trás - gerado pelos Projetos de Impacto, irá trazer para a Microrregião toda uma malha de empresas, cujo mercado será ou o fornecimento de *inputs*, ou a compra de produtos elaborados pelos setores Siderúrgico e Naval (vide quadro 1);
- c) Os Projetos de Impacto irão deflagrar demanda por cerca de 10.600 empregos diretos (vide Quadro 2), beneficiando uma população estimada de 42.400 pessoas com uma elevação na renda;
- d) Finalmente, potencializará a já precariamente suprida demanda de infraestrutura econômica-social básica, tendo profundo impacto no comércio em geral assim como no sistema de abastecimento de víveres para a população.

A par da vocação industrial induzida pela função portuária e pelo efeito indutor dos grandes projetos, apresentamos, a seguir, considera

QUADRO I



IND. METALÚRGICA
IND. QUÍMICA
IND. TÊXTIL
IND. ALIMENTÍCIA

ANEXO 2

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
OS GRANDES PROJETOS

NOME DO PROJETO	LOCALIZAÇÃO	INVESTIMENTO TOTAL (US \$ 10 ³)	Nº DE EMPREGOS DIRÉTOS	INÍCIO PREVISTO DE CRIAÇÃO (ano)	CAPACIDADE DE PRODUÇÃO	
					PRODUTO	TON/ANO
A. SIDERURGIA	-	4.012.276	8.670	-	-	-
- CST - Cia. Siderúrgica de Tubarão	Tubarão - Vitória	2.792.252	4.674	1982	Slabs (placas)	2.665.000
- COFAVI - Cia. Ferro e Aço de Vitória (3ª etapa de expansão - 1ª e 2ª fase)	Jardim América - Cariacica	48.692	1.062	1980	Barras p/ fins mecânicos Cantoneiras Perfis I e U Perfis Especiais	105.550 174.800 45.000 30.400
- SPARCO MINERAÇÃO S/A.	Concentração: Cerrano - Maria na - MD Pelotização/Porto: Ubu - An chieta - ES	592.856	567	1977	Pellets Pellet - feed	3.000.000 2.000.000
- NIBRASCO - Cia. Nipo-Brasileira de Pelotiza- ção	Tubarão - Vitória	185.681	537	1978	Pellets	6.000.000
- CVTD - Usina de Pelotização III	Tubarão - Vitória	120.014	470	1981	Pellets	4.000.000
- HISPANOBRAS - Cia. Hispano Bras. de Pelotização	Tubarão - Vitória	102.142	360	1978	Pellets	3.000.000
- ITABRASCO - Cia. Italo Bras. de Pelotização.	Tubarão - Vitória	100.639	360	1976	Pellets	3.000.000
- CVTD - Usina de Pelotização II	Tubarão - Vitória	50.000	360	1971	Pellets	3.000.000
- CVTD - Usina de Pelotização I	Tubarão - Vitória	20.000	280	1969	Pellets	2.500.000
B. CELULOSE	-	1.071.974	1.968	-	-	-
- Aracruz Celulose S/A.	Barra do Riocho - Aracruz	560.841	947	1978	Celulose branqueada	400.000
- Floalbra - Empreendimentos Florestais S/A. .	(1)	511.133	1.021	1983	Madeira em Tora Celulose Cavacos "wood-chip"	6.310.000 250.000 1.000.000
T O T A L	-	5.084.250	10.638	-	-	-

Fonte: Dados extraídos da tabulação da pesquisa "OS GRANDES PROJETOS", realizada em agosto de 1977 pelo Departamento de Análise e Consolidação de Programas da SCEL/IS.

(1) Não há instalações industriais.

ções acerca de outras atividades industriais que, se na verdade geram receitas a níveis menores, representam importante ponto de apoio para a economia microrregional devido à sua integração sócio-econômico-cultural na área e também ao seu grande efeito no que respeita à geração de empregos.

Especificamente, merecem atenção as atividades ligadas a Produtos Alimentares, Metalurgia, Têxteis, Minerais não metálicos e bebidas. Em sua maioria (à exceção da metalurgia) trata-se de empresas de pequeno/médio-porte, geradoras de empregos para pessoal de qualificação restrita e, acima de tudo, representam algo sobremaneira importante para a microrregião em termos sociológicos - a geração de um *ethos* empresarial próprio, local, formado nas vicissitudes da realidade vivida pela área-estudo, por isso mesmo merecedor de todas as atenções possíveis, já que conseguiram sobreviver mediante processos adaptativos de tecnologia e, conseqüentemente, apresentam alto potencial gerador de tecnologia, criatividade e imaginação próprias - tão necessárias ao desenvolvimento da microrregião.

ATIVIDADES COMERCIAIS E DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

No tocante ao comportamento do Setor Terciário, já se observa uma crescente especialização do Centro de Vitória, cuja função comercial tenderá a modificar-se à medida em que sedesloque o comércio de varejo. No core urbano da Área Metropolitana, apenas certos tipos de comércio sofisticado, de luxo, ou altamente especializado tenderão a permanecer.

Em virtude da pressão causada pelo efeito multiplicador dos grandes projetos, conforme visto no item anterior, haverá, dentro de futuro próximo, uma necessidade de descentralização do comércio, de forma a que o centro urbano possa manter-se equilibrado. Os Centros de Animação a serem desenvolvidos em pontos estratégicos da Grande Vitôria, virão representar um passo de vital importância para evitar um congestionamento na área central com sérios prejuízos para toda a atividade comercial. Os Centros de Animação serão locais de deliberada convergência das atividades comerciais, serviços de recreação, cívico-culturais e comunitárias.

Por Centro de Animação entende-se a formação de uma estrutura de serviços semelhante à oferecida, de forma espontânea, pela região central de uma cidade.

A seguir passamos a examinar de forma desagregada os grandes componentes do setor terciário de forma a se ter uma visão encadeada de todo o processo que permeia as atividades do setor.

A) COMÉRCIO E ABASTECIMENTO

I - Considerações Preliminares

Na atividade comercial da microrregião distinguem-se:

- i) o setor exportador, intimamente ligado ao Porto;
- ii) o segmento atacadista, de que se destacam predominantemente os ataca
distas de gêneros alimentícios;
- iii) o segmento varejista de bens de consumo, igualmente liberado
(pela expressão numérica de estabelecimentos e volume global de
venda) pelo comércio de gêneros alimentícios.

Os exportadores (assim chamados, de modo geral, os comerciantes usuári
os do Porto, mesmo quando suas vendas sejam feitas por cabotagem) têm interesse, do ponto de vista microrregional, pelo que contribuem para a oferta de trabalho, e sobretudo pela repercussão direta no mo
vimento do Porto.

A comercialização de bens para consumo final, aos habitantes da mi
crorregião, reveste-se de outro tipo de interesse, muito mais ligado à vida da aglomeração e suas comunidades. O alto crescimento demográ
fico, de um lado, e de outro o insatisfatório equipamento disponível para o abastecimento de bens de primeira necessidade, definem, por
tanto, o setor de abastecimento como o mais importante, dentre os que constituem a função comercial da microrregião.

Caracterizada como centro consumidor de grande expressão populacio
nal, a Grande Vitória é o local onde se centraliza todo o comé
rcio de uma zona produtora, constituindo-se, além disso, em ponto de con
vergência de volumes ponderáveis de mercadorias destinadas aos gran
des centros de outras regiões.

De acordo com a orientação do Governo Federal nesses locais torna-se

prioritária a implantação de mercados institucionais que satisfaçam condições tanto de mercados expedidores, como de mercados de abastecimento local.

Seguindo tal orientação, as autoridades governamentais do Estado do Espírito Santo elaboraram um estudo de viabilidade de implantação de uma Central de Abastecimento na área de Vitória, CEASA inaugurada no ano passado.

Julgou-se conveniente incorporar ao presente documento os principais aspectos da configuração do sistema de abastecimento vigente.

Por outro lado, acrescentam-se informações decorrentes de pesquisas diretas que visaram a conhecer o problema do comércio e abastecimento de bens de consumo, do ponto de vista dos usuários: indagando-se-lhes onde (em que local) realizam habitualmente suas compras de gêneros alimentícios, artigos de vestuário, aparelhos eletrodomésticos - três segmentos representativos de três escalas empresariais (embora já se verifique na microrregião a introdução do supermercado, que tende a transformar o quadro convencional antes admitido).

Em complementação a esses estudos, a pesquisa urbanística possibilitou a localização física das concentrações comerciais e de abastecimento.

II - Os Hábitos dos Consumidores

O centro de Vitória domina largamente como local de compras para as populações da microrregião. A convergência das compras para o Centro Metropolitano alcança níveis compreensivelmente mais elevados no tocante a mercadorias geralmente comercializadas em estabelecimentos de dimensões expressivas - eletrodomésticos, artigos de vestuário. Mas, ainda no pertinente a gêneros alimentícios é alta a participação

confirmação da tendência espontânea de configuração de subcentros comerciais, o alto índice de consumidores que se abastecem no próprio local de moradia nos setores urbanos de Vila Velha (sede municipal), Jardim América/Campo Grande (Cariacica) e Praias de Vitória.

Um dado importante, do ponto de vista do planejamento microrregional, está na também grande dependência do Centro de Vitória, para o abastecimento de gêneros alimentícios das populações periféricas de Caricica (sede municipal), Viana (sede municipal) e Serra (sede e praias).

QUADRO 3

LOCAL MAIS FREQUENTE DE COMPRA DE ELETRODOMÉSTICO

LOCAL DE RESIDÊNCIA	TOTAL	LOCAL DE COMPRA			
		CENTRO DE VITÓRIA	LUGAR DE MORADIA	OUTROS LUGARES	SEM DECLARAÇÃO
Microrregião	100,0	89,4	8,5	1,0	1,1
Vitória	100,0	88,9	9,1	1,0	1,0
S-1 (centro)	100,0	98,6	-	-	1,4
S-2 (S. Antônio)	100,0	95,5	1,8	1,8	0,9
S-3 (Praias)	100,0	97,4	-	-	2,6
S-4 (Jucutuquara)	100,0	72,0	27,4	0,6	-
S-5 (Goiabeiras)	100,0	96,4	-	2,4	1,2
Vila Velha	100,0	88,8	9,5	1,0	0,7
S-6 (Sede)	100,0	74,7	22,1	1,9	1,3
S-7 (São Torquato)	100,0	98,2	1,2	-	0,6
S-8 (IBES)	100,0	94,5	4,4	1,1	-
Cariacica	100,0	88,4	8,8	1,0	1,8
S-9 (Sede)	100,0	95,2	2,4	-	2,4
S-10 (Itaquari)	100,0	87,6	9,6	1,1	1,7
Serra	100,0	98,6	-	1,4	-
S-11 (Sede)	100,0	100,0	-	-	-
S-12 (Carapina)	100,0	97,8	-	2,2	-
Viana	100,0	96,7	-	3,3	-
S-13 (Sede)	100,0	96,7	-	3,3	-

FONTE: PDI da Microrregião de Vitória, PLANORTE 1973.

QUADRO 4

LOCAL MAIS FREQUENTE DE COMPRA DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO

LOCAL DE RESIDÊNCIA	TOTAL	LOCAL DE COMPRA			
		CENTRO DE VITÓRIA	LUGAR DE MORADIA	OUTROS LUGARES	SEM DECLARAÇÃO
Microrregião	100,0	87,6	9,9	1,5	1,0
Vitória	100,0	88,9	8,3	1,8	1,0
S-1	100,0	92,9	-	5,7	1,4
S-2	100,0	96,4	1,8	0,9	0,9
S-3	100,0	96,1	-	1,3	2,6
S-4	100,0	74,5	24,9	0,6	-
S-5	100,0	96,4	-	2,4	1,2
Vila Velha	100,0	87,6	10,7	1,2	0,5
S-6	100,0	70,2	26,6	2,6	0,6
S-7	100,0	97,1	2,3	-	0,6
S-8	100,0	98,9	-	1,1	-
Cariacica	100,0	83,7	13,3	1,3	1,7
S-9	100,0	92,9	4,7	-	2,4
S-10	100,0	82,6	14,3	1,4	1,7
Serra	100,0	97,2	1,4	1,4	-
S-11	100,0	95,8	4,2	-	-
S-12	100,0	97,8	-	2,2	-
Viana	100,0	93,3	-	6,7	-
S-13	100,0	93,3	-	6,7	-

FONTE: PDI da Microrregião de Vitória, PLANORTE 1973.

QUADRO 5

LOCAL MAIS FREQUENTE DE COMPRA DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

LOCAL DE RESIDÊNCIA	TOTAL	LOCAL DE COMPRA			
		CENTRO DE VITÓRIA	LUGAR DE MORADIA	OUTROS LUGARES	SEM DECLARAÇÃO
Microrregião	100,0	25,8	66,5	6,5	1,2
Vitória	100,0	41,7	49,0	7,5	1,8
S-1	100,0	95,7	-	1,4	2,9
S-2	100,0	43,7	42,0	13,4	0,9
S-3	100,0	39,0	50,6	6,5	3,9
S-4	100,0	22,4	70,8	6,2	0,6
S-5	100,0	33,3	56,0	8,3	2,4
Vila Velha	100,0	19,5	76,7	3,5	0,3
S-6	100,0	9,7	85,7	3,9	0,7
S-7	100,0	33,7	64,0	1,7	0,6
S-8	100,0	8,8	85,7	5,5	-
Cariacica	100,0	11,6	78,9	7,8	1,7
S-9	100,0	28,6	69,0	-	2,4
S-10	100,0	9,6	80,0	8,7	1,7
Serra	100,0	25,7	71,4	2,9	-
S-11	100,0	25,0	70,8	4,2	-
S-12	100,0	26,1	71,7	2,2	-
Viana	100,0	36,7	40,0	23,3	-
S-13	100,0	36,7	40,0	23,3	-

FONTE: PDI da Microrregião de Vitória, PLANORTE 1973.

III - Análise do Segmento Atacadista

O comércio atacadista de gêneros alimentícios está fundamentalmente a cargo da CEASA/ES, localizada no município de Cariacica, e que reúne a quase totalidade do comércio por atacado de produtos hortifrutigranjeiros, cereais, aves e ovos.

Busca-se aqui descrever de forma sucinta a maneira pela qual está organizado o suprimento de hortifrutigranjeiros e cereais na região em estudo, em virtude da orientação enfática dada a esses produtos pelo programa governamental de abastecimento. As condições peculiares da comercialização dos demais gêneros (como a carne bovina, leite e laticínios) exigiram também considerações analíticas particulares, que são incorporadas.

O processo de abastecimento vigente deu margem a uma estrutura dualista em termos de comercialização por atacado. De um lado, voltados para a distribuição de cereais, destacam-se os *representantes comerciais* e os *atacadistas*, localizados em Vitória. Enquanto os primeiros efetivam as vendas diretamente de seu representado para o estabelecimento comprador, detendo a hegemonia nos fornecimentos para outros municípios do Estado que não os da microrregião, os atacadistas destinam a maior parte de suas vendas à região da Grande Vitória.

No outro extremo, verifica-se a comercialização por atacado de produtos hortifrutigranjeiros por parte de feirantes e caminhoneiros, na CEASA/ES.

A nível de cereais legumes, verduras e frutas, as diferenciações são marcantes, não só pelas características dos agentes envolvidos no processo de abastecimento, mas, também, e sobretudo, nos demais aspectos que envolvem o fluxo de suprimentos de gêneros alimentícios na região.

Neste particular, merecem destaque as condições gerais de comercialização em termos de distribuição espacial e a composição da pauta dos produtos comercializados, segundo a sua origem e destinação.

a) SETOR DE HORTIFRUTIGRANJEIROS

A comercialização de hortifrutigranjeiros é feita, como se disse, por três tipos de agentes: atacadistas instalados em boxes, feirantes e caminhoneiros e está grandemente concentrada na CEASA/ES. De maneira geral, a característica desses agentes é bem definida, tanto em termos de produtos, como de quantidades médias manipuladas.

Antes da inauguração da CEASA/ES, podia-se qualificar esse setor como crítico, na medida em que conjugavam as dificuldades específicas de cada grupo de agente, àquelas originárias de precárias condições de infraestrutura. Observam-se, por exemplo, a ocorrência de intenso comércio em áreas não cobertas, desprovidas das mínimas condições de comercialização, o que impedia a elevação da escala de negócios dos atacadistas atualmente em operação nos boxes.

As investigações que serviram de base à identificação dos principais problemas no abastecimento, revelaram que um dos itens preponderantes na composição do custo dos hortifrutigranjeiros, são as perdas físicas, que representam cerca de 40%. Estes fatos estavam essencialmente vinculados às condições de espaços insuficientemente adequados para suportar a disseminação da comercialização.

A concentração dos produtos em mão de determinados agentes (intermediários) é outra característica importante no comportamento da comercialização de gêneros alimentícios na Grande Vitória (fenômeno comum às regiões urbanas brasileiras, aliás).

b) SETOR DE CEREAIS

Operam, na região da Grande Vitória, 34 atacadistas de cereais e produtos de mercearia, dos quais 12 representantes comerciais embora espalhados pelos municípios da região, estabelecem-se em sua maior parte no município da Capital.

No que concerne à responsabilidade pelo suprimento, não existe a especialização por produtos semelhante àquela encontrada no setor de hortifrutigranjeiros. As maiores diferenças podem ser voltadas apenas a nível de fluxo. Na verdade, conforme as informações disponíveis cerca de 30% dos produtos são adquiridos de representantes locais, ou comerciantes, que detêm interesses de firmas sediadas na Guanabara, São Paulo e demais Estados, o que resulta em uma forte dependência do abastecimento local de cereais e produtos de mercearia, em relação a outras regiões do País.

IV - Análise do Segmento Varejista

Como não poderia deixar de ser, o comércio de gêneros alimentícios a nível do varejo, na Grande Vitória, é uma decorrência da influência exercida pela CEASA/ES.

Por isso mesmo, acha-se concentrado no município da Capital e congrega unidades de diversos portes. Ainda é inexpressiva a existência de supermercados ou lojas em cadeia, embora sua expansão já venha configurando tendência para a integração horizontal como ocorrido em outras regiões do país. Na fase de distribuição, a estrutura empresarial caracteriza-se por um grande número de pequenas empresas que utilizam, sobretudo, mão-de-obra familiar e possuem reduzido volume de vendas em relação ao trabalho ocupado e às instalações utilizadas.

É de notar que o comércio de cereais e produtos de mercearia, carne, pescado e (em menor escala) frutas e legumes, tende a ser absorvido

cada vez mais pelo crescente número de supermercados, embora isso revele um processo que evolui ainda lentamente. Atualmente, o principal problema que limita a expansão mais rápida da integração nessas atividades, está na própria distorção do sistema de feiras livres, criadas para uma variedade limitada de produtos e em época na qual não existia outra alternativa de comercialização. O problema agrava-se substancialmente também pelo alto custo dos terrenos e dificuldades na obtenção de áreas livres.

Na da microrregião, as feiras livres estão disseminadas entre três municípios: seis em Vitória, seis em Vila Velha e uma em Cariacica. O principal item da pauta de produtos nelas comercializados é constituído pelos legumes, os quais são adquiridos na CEASA/ES em quantidades que chegam a 80% dos volumes distribuídos nesses locais. Relativamente aos produtos de cereais e mercearia, quase não são comercializados, nas feiras livres, porque envolvem problemas de armazenamento para estocagem, incompatíveis com a estrutura do sistema dessas unidades.

V) Aspectos Sumários do Abastecimento de Carne Bovina e Leite.

Nesse item reservou-se um destaque meramente indicativo aos aspectos do abastecimento de carne bovina, pescado e leite. Com referência à orientação e às prioridades estabelecidas pelo Governo do Estado, e tendo em vista a solução dos principais problemas ligados ao suprimento de gêneros alimentícios, esses produtos não qualificam nem justificam uma ação a nível microrregional, como a enfatizada com relação aos cereais e hortifrutigranjeiros.

O abastecimento de carne bovina na microrregião, por exemplo, deixou de merecer um tratamento eminentemente prioritário por parte das autoridades, que vêm no atual sistema a garantia de um atendimento satisfatório. A nível atacadista, a microrregião dispõe de um dos maiores matadouros-frigoríficos do Estado, localizado em Cariacica, que

atua ainda no comércio varejista através de uma rede de 26 açougues, distribuídos por toda a área da Grande Vitória.

No tocante ao leite e seus derivados, existe atualmente uma estrutura de recepção de todo o leite produzido no Estado, ao qual estão vinculados de modo significativo 11 cooperativas, com uma produção cuja destinação é quase toda para fora do Estado: apenas uns 5% ficam em Vitória para consumo na microrregião.

B - SERVIÇOS PORTUÁRIOS

Os serviços portuários representaram, na verdade, o fulcro de toda a atividade urbana na microrregião. Ungida por todo um passado histórico ligado às atividades primário-exportadoras, Vitória teve como atividade primeira a montagem de infraestrutura portuária, capaz de desenvolver atividades comerciais, na sua maioria ligadas ao porto. Podemos dizer, então, que a atividade portuária representou o pilar basilar de toda a ação polarizadora do Distrito Sede e que, hoje, ainda, cada vez mais, ponto de vital importância para o desenvolvimento da microrregião. O que se alterou ao longo do tempo foi, tão somente, a mudança de ênfase: no início, o porto estava ligado à exportação de minério, café, cacau e madeira; hoje, assume efeitos multiplicados maiores, na medida em que representa ponto nodal de distribuição física de toda a produção industrial exportável não só proveniente da microrregião mas, e mais importante, de toda uma região interior que por razões geográficas tem, em Vitória, sua porta para o resto do mundo. Configura-se, assim, a vocação irreversível da atividade portuária como magneto do desenvolvimento microrregional, a partir do instante em que se inicie, o que não tardará muito, a utilização do porto como via de escoamento de todo o corredor de exportação formado pela hinterlândia do Estado, por Minas Gerais, parte centro-Sul de Goiás e Mato Grosso.

A seguir, passamos a fornecer alguns informes mais detalhados a respeito do porto e de sua importância para a Microrregião.

B.1 - Descrição do Porto de Vitória

O Porto de Vitória desfruta de privilegiada posição geográfica e condições de segurança excelentes. Na parte antiga, formou-se no interior da baía do Espírito Santo, ocupando uma faixa na Ilha de Vitória em pleno centro urbano, e posteriormente, estendendo-se pela outra margem do rio, ao longo das localidades de Paul, Atalaia, e já agora Capuaba. Ao norte da Ilha, a Ponta de Tubarão proporcionou condições naturais igualmente favoráveis para a expansão das instalações especializadas na exportação de minérios.

O Porto de Vitória é administrado pela PORTOBRÁS, através da APV - Administração do Porto de Vitória. O Terminal de Tubarão, construído pela Companhia Vale do Rio Doce, é por ela diretamente operado. Em regime de arrendamento, outras instalações estão reservadas a empresas siderúrgicas (USIMINAS sobretudo) ou empresas petrolíferas.

O complexo portuário ocupa as duas margens da Baía do Espírito Santo, e a Ponta de Tubarão, nos municípios de Vitória, Vila Velha e Cariacica. Suas principais características técnicas são descritas a seguir:

a) ACOSTAMENTO

Cais Comercial (Ilha de Vitória - centro da Cidade)

Extensão total:	890 metros
Faixa Operacional:	600 metros
Profundidade:	6 a 11 metros

Cais "Eumenes Guimarães" (Vila Velha)

Extensão: 110 metros
Profundidade: 10,7 metros

Cais de Carvão (em Paul, Vila Velha)

Extensão: 260 metros
Profundidade: 11 metros

Cais de Minérios (em Paul, Vila Velha)

Extensão: 160 metros
Profundidade: 11 metros

Terminal de Petróleo utilizado pela ESSO (Cariacica)

Profundidade: 10,9 metros

Terminal de Petróleo utilizado pela TEXACO/SHELL (Vila Velha)

Profundidade: 9,3 metros

Terminal de Petróleo utilizado pela PETROBRÁS (em Tubarão, Vitória)

Profundidade: 16 metros

Terminal de Tubarão

Pier nº 1 com extensão acostável de 680 metros

Largura do Pier: 18 metros

Profundidade: 18 metros

Pier nº 2 - limite acostável de 350 metros

Profundidade: 21 metros

b) ARMAZÉNS INTERNOS

7 armazéns com área total de 9.600 m²

c) PÁTIOS INTERNOS (exclua Tubarão)

3 pátios com 93.200 m²

d) SILOS

A APV - Administração do Porto de Vitória, opera com o Moinho Vitória, sendo o trigo descarregado por sugadores e redlers e movimentado por transportadores de correia.

Capacidade atual de estocagem: 10.800 t

Capacidade p/breve tempo: 12.000 t

e) LINHAS FÉRREAS

Para guindastes: 1.040 metros

Para vagões: 7.430 metros

f) APARELHAMENTO

Guindastes de Pórtico (elétricos): 23 de diversas capacidades

Guindastes autopropulsores: 6 de 10 a 30 t

Pontes rolantes: 3, de 1,5 t

Empilhadeiras: 37, de 6 a 10 t (inclusive 3 de 10 t)

Tratores: 14 de 300 t de empuxo

Caçambas automáticas (Clam Shell): 13 de 1 jarda,

3 de 2,5 jardas

Sugadores: 4 (de 20 a 60 t/h)

Redlers: 5

g) EQUIPAMENTOS FLUTUANTES

- 1 câbrea para 100 t
- 1 rebocador de 480 HP
- 1 barca de água
- 5 lanchas

h) CARREIRA NAVAL

- Comprimento: 70 metros
- Capacidade: 500 t (guilha)
- 1.500 t (fundo chato)

i) PARQUES DE MINÉRIOS

- Capacidade de operações:
 - Cais de Paul: 1.000 t/h
 - Cais "Eumenes Guimarães": 1.500 t/h
 - Cais do Tubarão: 14.000 t/h

j) PARQUE DE CARVÃO

- Cais de Paul com capacidade de descarga de 400 t/h

B.2- MOVIMENTO PORTUÁRIO

O complexo portuário de Vitória, composto pelo Porto de Vitória e pelo terminal de Tubarão, registrou no triênio 75/77 um expressivo movimento de cargas que atingiu o número de 162.426.379 toneladas exportadas e cerca de 9,5 milhões de toneladas importadas.

B.3 - OS CORREDORES DE EXPORTAÇÃO

O Programa dos Corredores de Exportação surgiu da necessidade de se estimular, a curto prazo, o intercâmbio comercial com países importadores de produtos agrícolas, principalmente grãos, carnes, sucos e *pellets*, e da imperante modernização de todo um complexo de infraestrutura, ampliando e criando novas linhas de transportes que permitam um rápido escoamento desde as fontes produtoras até os portos. Tem como objetivo o aumento das exportações e o fortalecimento do setor externo; logo, desenvolverá sua ação basicamente em:

- i) investimento de infraestrutura (ferrovias, silagem intermediária e nos portos, industrialização agrícola, reequipamento de modernização dos principais portos;
- ii) programas de promoção agropecuária com vistas à melhoria da produtividade, dentro das características e especificações exigidas pelo mercado importador;
- iii) reestruturação do sistema de comercialização interna e externa mediante incentivos governamentais ao surgimento de sociedades para comercialização de produtos agrícolas.

Foram selecionados quatro principais portos localizados na região Centro-Sul do país, abrangendo uma área aproximada de 1,5 milhões de km². Por definição, a área de influência de cada corredor estende-se além das fronteiras políticas portuárias.

A área de influência do corredor M.G. - E.S., saída pelo Porto de Vitória:

- i) compreende todo o Estado do Espírito Santo, exceto a zona serrana sul, polarizada pelo Estado da Guanabara;
- ii) quase todo o Estado de Minas Gerais, isto é, a região acima do paralelo sul de 21°;

iii) a região centro-sul do Estado de Goiás;

iv) o centro do Estado de Mato Grosso.

B.4 - O CORREDOR DE EXPORTAÇÃO MG-ES E A HINTERLÂNDIA DO PORTO DE VITÓRIA

A razão da escolha do corredor de Minas Gerais - Espírito Santo reside em considerar-se Vitória uma cidade essencialmente portuária, embora com reduzidas possibilidades de expansão para atender às futuras necessidades. Também, pela proximidade do Porto em relação a regiões produtoras.

Uma vez definido o subprograma *Minas Gerais-Espírito Santo* foram selecionados projetos prioritários levando em conta as considerações a seguir indicadas:

- Constatou-se grande deficiência de instalações de armazenagem e escoamento, em toda a extensão da área selecionada, bem como no seu escoadouro portuário;
- O paralelo entre a capacidade atual das instalações, na área abrangida, e a capacidade projetada face à demanda de produtos pelo mercado externo, mostram a importância do *Corredor* na integração dos Estados, dentro de uma estratégia de maior especialização e produtividade;
- A capacidade atual de silagem, em Minas Gerais, resume-se a 10.000 t. Para atender ao programa, foi projetada a construção de silos graneleiros com capacidade estática de 100.000 t, os quais funcionarão como unidades coletoras junto às ferrovias, para guarda, tratamento, beneficiamento e movimentação dos produtos dirigidos ao porto, somando a capacidade final dos silos 110.000 t.

- A capacidade dos frigoríficos é de 12.960 t; a capacidade dos armazéns, de 445.670 t. Para atender à demanda de exportação, foi projetada a construção de frigoríficos elevando-se a capacidade em 17.300 t, o que dá um total de 30.260 t;
- A infraestrutura de transporte ferroviário, no *corredor Minas Gerais - Espírito Santo*, demandará projetos concentrados no Estado de Minas Gerais, que não tem interesse direto para o estudo presente;
- O escaadouro final do *Corredor* - o complexo portuário de Vitória - reclama intervenções decisivas para corresponder à função primordial que desempenhará dentro do programa. Tais intervenções estão definidas, prioritariamente, pelos seguintes projetos:
 - i) construção de um terminal frigorífico na margem esquerda do Porto Comercial (Capuaba), com capacidade estática inicial para 15.000 t, e instalação de sistema de carregamento rápido, inclusive equipamentos complementares; o terminal e os frigoríficos atenderão ao programa de exportação de carnes, que tem no Consórcio Exportador de Carnes - já em atividade - o principal cliente (oportunamente, será analisado esse importante programa);
 - ii) construção do Cais de Capuaba, com cerca de 541 metros e profundidade de 13 metros, onde serão instalados silos e sistema de embarque de produtos siderúrgicos;
 - iii) estudo de viabilidade para a construção do Porto de Aribiri (carga geral), com possível execução já no decênio de 1980.

Vejamos as principais características técnicas e econômicas desses projetos:

do Centro - o que pode significar o mau equipamento do comércio de bairro, embora em parte deva resultar de análoga convergência para o Centro por motivos de trabalho.

Do ponto de vista numérico, não há diferença sensível nas preferências dos consumidores de eletrodomésticos e de artigos do vestuário, quanto à convergência para o Centro. Como mostram os quadros 3 e 4 nessa área central se abastecem 89,4% da população em eletrodomésticos, e 87,6% em artigos do vestuário. A falta de comércio local, ou de bairro, para esses dois tipos representativos de mercadorias, é generalizada.

Admitindo-se que o comércio de eletrodomésticos e artigos do vestuário representem o núcleo de concentrações comerciais, que dão margem à constituição de subcentros urbanos - ou células espontâneas de formação de Unidades Urbanas planejadas - tem-se que, na microrregião de Vitória, essas formações espontâneas estão distribuídas assim:

- i) Sede de Vila Velha, subcentro caracterizado do ponto de vista comercial, que já é utilizado por 27% dos moradores para compras de artigos do vestuário, e 22% para compras de eletrodomésticos;
- ii) Bairro de Jucutuquara no Município de Vitória;
- iii) Bairro de Jardim América - Campo Grande (distrito de Itaquiri), no Município de Cariacica.

O abastecimento de gêneros alimentícios, a nível de consumidor, final, está consideravelmente disseminado no território microrregional. Tanto que, como mostra o quadro 5, apenas um quarto dos consumidores ainda utilizam para isso o Centro de Vitória (pesando aí a maioria dos próprios moradores *centrais*).

No Município de Vitória, a proporção de famílias que se abastecem no Centro é mais elevada do que em outros Municípios. Destaque-se, em

i) Cais de Capuaba e Terminal Frigorífico

Este novo trecho de cais, com 541 metros, por estar localizado no Continente, oferece excelentes condições operacionais, possuindo uma área de 100.000m² para estocagem de mercadorias diversas, bem como facilidade de acesso rodo-ferroviário.

No novo cais a ser inaugurado, que terá 13m de profundidade, serão construídos armazéns para carga geral (4.000m²) e o Armazém Frigorífico destinado à exportação de carne dos frigoríficos sediados na hinterlândia do Porto de Vitória, em número inicial de oito, prevenindo-se que essa exportação alcance, a princípio, a cifra de 180.000 toneladas anuais.

Além de todas as vantagens enumeradas, Capuaba será dotado de áreas destinadas a um parque de cofres de carga, sistema moderno de transportes, que em muito beneficia o usuário.

ii) Cais Comercial de Aribiri

Ao ser concluído o Cais de Capuaba, já o Porto de Vitória terá que construir um outro, planejado no saco de Aribiri, pois os dois cais de carga geral (Vitória e Capuaba) estarão congestionados, em decorrência de:

1º) O Plano Siderúrgico Nacional propiciará a expansão das grandes siderúrgicas localizadas na hinterlândia do Porto de Vitória (Ferro e Aço, Usiminas, Belgo Mineira e outras), que tem como escoadouro natural o Porto de Vitória;

2º) Os incentivos fiscais criados pelo Estado, através do Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias - FUNDAP, que já trouxeram grande número de novos usuários, são também outro fator ponderável para o crescimento do Porto de Vitória;

3º) A exportação de laminados de madeira, efetuada por diversas empresas, destacando-se entre elas a Atlantic Veneer (a maior exportadora da América do Sul), tende a aumentar em grande escala;

4º) A exportação de cereais, do Espírito Santo e do Estado de Minas Gerais, destacando-se o milho, bem como pellets de mandioca (cujas fábricas já estão em fase de conclusão no Norte do Estado do Espírito Santo), em futuro próximo será outro tipo de operação de vulto;

5º) O aumento das exportações de café, em face das novas lavouras que estão surgindo e substituindo as erradicadas em 1968 e que começaram a produzir em 1975;

6º) A facilidade dos transportes rodo-ferroviário oferecida pelas BR 262 e 101 e pela Estrada de Ferro Vitória a Minas, agora em conexão com a Central, tornará o Porto de Vitória o escoadouro natural dos produtos do Triângulo Mineiro e de Goiás. A ampliação da hinterlândia de Vitória é assim um fenômeno inexorável.

É provável que, quando de sua construção, esperada para início da década dos 80, o Porto Comercial de Vitória venha a dispor de quase 3.000 metros de cais acostável, ao longo da margem direita da Baía do Espírito Santo (a área atual do Cais Comercial será liberada para urbanização).

C - ATIVIDADES LIGADAS AO SETOR PÚBLICO

Conforme já foi mencionado no item anterior, a configuração do centro urbano em Vitória teve sua origem a partir de uma infraestrutura portuária que, pari passu, necessitou, também, de toda uma infraestrutura administrativa capaz de gerenciar as operações portuárias e, de parte do governo, de administrar todos os recursos tributários oriundos das

exportações/importações.

Não é coincidência, então, a grande concentração de todo o aparato burocrático ligado à administração pública na microrregião, e, especificamente, na ilha de Vitória. Citada concentração apresenta elevado nível de importância por dois motivos:

- a) pelo efeito polarizador que exerce sobre toda a microrregião e sobre o Estado, e
- b) pela grande geração de empregos ligados à administração pública.

Na verdade, o Governo Estadual e suas Secretarias de Estado, concentrado em Vitória, e grande parte de sua rede escolar, hospitalar, apresenta um importante fator de geração de empregos.

Em termos quantitativos, de acordo com os resultados censitários do IBGE de 1970, 61,1% do pessoal ocupado em administração pública no Espírito Santo estava concentrado no distrito sede de Vitória. Este número torna-se mais representativo quando se constata que a administração pública, nos vários níveis, era responsável pelo emprego de cerca de 13% de todo pessoal ocupado em atividades terciárias no Estado.

